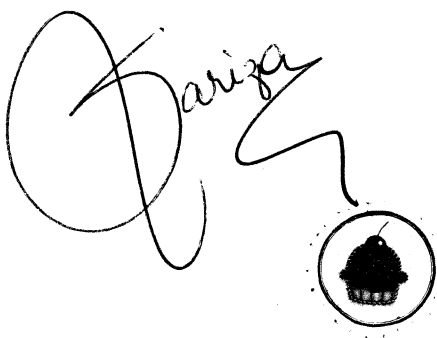


GUIA PARA A PESQUISA DE CAMPO

Produzir e analisar dados etnográficos

Stéphane Beaud | Florence Weber

Guia para a pesquisa de campo



Stéphane Beaud
Florence Weber

Guia para a pesquisa de campo
Produzir e analisar dados etnográficos

Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida
Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

© Éditions La Découverte, Paris, França, 1997, 1998, 2003.

Título original francês: *Guide de l'enquête de terrain – Produire et analyser des données ethnographiques*

Direitos de publicação em língua portuguesa:

2007, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

Internet: <http://www.vozes.com.br>

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Editoração: Maria da Conceição Borba de Sousa

Projeto gráfico: AG.SR Desenv. Gráfico

Capa: Bruno Margiotta

ISBN 978-85-326-3573-0

ISBN 2-7071-3945-9 (edição francesa)

Agradecimento

Este guia extrai sua substância dos estágios organizados, desde 1984, em Foljuif (perto de Nemours), depois em Avallon e Meaux no quadro do DEA de ciências sociais (ENS/Ehess).

É dedicado a todos que dele participaram e construíram, ano após ano, seu sucesso.

Seja-nos permitido nomear, de modo especial, Jean-Claude Chamboredon, Alban Bensa e Michel Pialoux, que nos deram o gosto inseparável pela pesquisa etnográfica e pela sociologia.

Por isso, somos, segundo a forma consagrada, os únicos responsáveis pelas análises e conselhos que aqui são apresentados.

Sumário

Introdução, 9

PRIMEIRA PARTE - AS CONDIÇÕES DA PESQUISA

Introdução, 19

1. Escolher um tema e um campo, 21
 2. Preparar a pesquisa, 44
 3. Conduzir a pesquisa, 65
- Conclusão - Os tempos da pesquisa, 86*

SEGUNDA PARTE - O TRABALHO DE PESQUISA

Introdução, 93

4. Observar, 95
 5. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica, 118
 6. Conduzir uma entrevista, 134
- Conclusão, 150*

TERCEIRA PARTE - ANALISAR OS DADOS ETNOGRÁFICOS

Introdução, 153

7. Trabalhar as entrevistas e o diário de campo, 155
8. Interpretar e redigir, 171

Conclusão, 189

Posfácio - Por uma etnografia sociológica, 191

Posfácio à segunda edição francesa (2002) - Atualidade da pesquisa etnográfica, 205

Referências bibliográficas, 221

Índice analítico, 231

Índice geral, 235

Introdução

A pesquisa de campo está na moda hoje em dia como o prova o surgimento de expressões que o evocam: ir ao campo, estar próximo do campo, ser um homem ou uma mulher do campo. Passou a ser uma palavra-chave no discurso da mídia e da política contemporânea, uma palavra de ordem dos especialistas em comunicação. O que significa essa invocação constante da pesquisa de campo? Não seria uma maneira cômoda e vazia de alardear uma proximidade sua com seus concidadãos e eliminar num passe de mágica o fosso que separa as "elites" e o "povo"? Não é, por certo, uma coincidência o fato de isso corresponder a um período histórico em que as desigualdades sociais - desigualdade de renda e de patrimônio e, também, escolares e culturais - vêm crescendo na sociedade francesa e naquelas sociedades também onde a relação entre os representantes (políticos e sindicais) e os seus dirigentes se distende.

Ir ao campo torna-se uma espécie de imperativo moral para as diferentes categorias de dirigentes: homens políticos, patrões, diferentes categorias "socioprofissionais", responsáveis sindicais. Essas idas periódicas ao campo, por ocasião das campanhas eleitorais onde há uma redescoberta dos cidadãos eleitores, são momentos episódicos de acontecimentos na periferia que não passam de visitas. Essas idas à base manifestam, de forma ostensiva, uma preocupação: são sempre interesseiras. O campo é, nesse caso, uma máscara, um puro álibi que não tem nada a ver com uma verdadeira pesquisa de campo.

Começemos por dissipar a ambigüidade que existe em torno dessa noção vaga e polissêmica. Se o termo de pesquisa etnográfica não fosse obscuro para a maioria dos leitores, teria sido mais apropriado para este *guia*, pois remete a uma longa tradição antropológica e evita as confusões ligadas aos múltiplos sentidos da "pesquisa de campo". Poder-se-ia contrapor, termo a termo, o modelo do campo como simples visita àquele do campo do etnógrafo, presença demorada no local, estabelecimento de relações de proximidade e de confiança com certos pesquisados, escuta atenta e trabalho paciente de vários meses ou de vários anos. A palavra americana - *fieldwork* - exprime-o melhor: o campo é um trabalho, não uma passagem, uma visita ou uma presença. O *fieldworker* não vai tão-somente ao campo, ele fica ali e, acima de tudo, *trabalha* ali.

Por que realizar uma pesquisa de campo? Com o quê se compromete o pesquisador (no caso, você mesmo)? É possível (e é preciso) ensinar a pesquisa de campo? Qual é o aporte desse aprendizado para nossas disciplinas (sociologia, antropologia)?

Por que fazer uma pesquisa de campo?

A etnografia¹ tem por vocação, de origem, dar a palavra aos humildes, àqueles que, por definição, nunca têm a palavra: tribos isoladas em campo exótico, povos colonizados (etnologia tradicional), classes dominadas ou grupos em vias de extinção nas sociedades desenvolvidas (etnologia no próprio meio). É preciso, por certo, distinguir a pesquisa de campo em meio “exótico” da pesquisa de campo na França. Neste último caso (o único a ser evocado neste *guia*), fazer a pesquisa de campo parece mais fácil dado o fato da ausência de barreira lingüística, de menores limitações materiais (transporte, estada no local) e da existência de farta documentação disponível. Surgem, no entanto, outras dificuldades pois a proximidade social e cultural (mormente o fato de falar a mesma língua) produz uma forma de “evidência” do campo que adormece a curiosidade e engana o olhar por demais habituado ao mundo que o cerca. Quando o etnógrafo das sociedades contemporâneas está muito próximo de seu objeto, é preciso tomar distância, afastar-se para “ver melhor”. É então que ele precisa do sociólogo que, este sim, ajustou os instrumentos para observar, no nível macrossociológico, a realidade social.

A etnografia não julga, não condena em nome de um ponto de vista “superior”. Ela procura, antes de tudo compreender, aproximando o que está distante, tornando familiar o que é estranho. Agindo assim, torna as coisas, as pessoas e os eventos mais complicados do que parecem. Pelo fato de o etnógrafo limitar-se a um longo trabalho de descrição – interpretação – os dois andam em par – ele põe às claras a complexidade das práticas sociais mais comuns dos pesquisados, aquelas que são de tal forma espontâneas que acabam passando despercebidas, que se acredita serem “naturais” uma vez que foram naturalizadas pela ordem social como práticas econômicas, alimentares, escolares, culturais, religiosas ou políticas etc.

De certa forma, realizar a pesquisa de campo vem a ser fazer justiça, por vezes reabilitar práticas ignoradas, mal compreendidas ou desprezadas. A sociologia cultural (GRIGNON & PASSERON [90])² ensinou-nos que as práticas dos “dominados” são, quase sempre, captadas através do olhar dos “dominantes”. São vistas de cima, quicá desvalorizadas quicá idealizadas (populismo). A etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões da base mais variadas do que se

1. Etnografia, etnologia, antropologia é uma diversidade de vocabulário capaz de confundir o iniciante. Ela provém da história complicada da antropologia social na França e de sua frágil institucionalização. No vocabulário anglo-saxão utilizam-se só os termos *ethnography* e *social* (ou *cultural*) *anthropology*. Regra geral, em francês *ethnographie* designa o nível mais local do conhecimento: pesquisa de campo, resultados obtidos na escala de uma aldeia, de uma tribo, de um meio de interconhecimento. *Ethnologie* designa uma primeira síntese na escala chamada regional ou áreas culturais, dos resultados etnográficos. Por isso é que se fala de etnologia da França ou etnologia da Europa, etnologia africana etc. *Anthropologie* é, ao mesmo tempo a palavra mais nobre e mais ambígua. Designa a disciplina em seu todo, para além de distinções “regionais”. Refere-se igualmente à tradição filosófica de uma antropologia (ciência do homem enquanto o homem é tomado como universal) como se fala de cosmologia ou de metafísica. Enfim, ele engloba muitas outras subdisciplinas como a etnografia (local) ou a etnologia (regional), a antropologia física e a pré-história. De nossa parte, seguimos o uso anglo-saxão e retomamos o seguinte sistema de oposições: etnografia opõe-se à antropologia como análise, à síntese; antropologia opõe-se à sociologia como duas disciplinas acadêmicas cristalizadas. Salvo exceção (como na fórmula já feita “etnologia da França” que tomou o lugar de “etnografia metropolitana”), nós não utilizaremos os termos etnologia e etnólogo.

2. Os números entre colchetes remetem às referências bibliográficas.

imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade.

Certamente, a etnografia pode também tomar por objeto o mundo dos dominantes (industriais, altos funcionários, ricos comerciantes, profissionais liberais, intelectuais). A tarefa é, então, mais árdua, pois os pesquisados sabem preservar-se melhor do olhar aproximado do etnógrafo, seja tornando difícil ou impedindo o acesso ao campo, seja aceitando formas de colaboração muito controladas. Outros meios de objetivação estão disponíveis para o pesquisador; pois os dominantes, muitas vezes, têm casa própria, dão-se a ver, são identificados, são registrados, falam mais em público, escrevem ou se fazem motivo e tema de “crônicas”. A pesquisa etnográfica apóia-se, então, sobre esses múltiplos documentos, torna-se a auxiliar indispensável da análise deles; permite passar por trás das aparências. Todavia, o contexto de interconhecimento mais adaptado à pesquisa de campo hoje em dia continuam sendo os dos meios profissionais pouco conhecidos, desconhecidos, aqueles mesmos que Everett Hughes [50] aconselhava a seus alunos que pesquissassem, e as práticas que, sem ser ilegais, não são oficiais.

Mesmo que se esforce sempre por respeitar normas de cientificidade e não cesse de interrogar-se sobre a estranheza do fato social, a pesquisa etnográfica nas sociedades contemporâneas não é um instrumento neutro da ciência social. É, também, um instrumento de um combate ao mesmo tempo *científico* e *político*. O etnógrafo, por definição, é alguém que não se contenta com visões panorâmicas, que não se satisfaz com as categorias já existentes de descrição do mundo social (categorias estatísticas, categorias de pensamentos dominantes ou padronizados). Por princípio, manifesta ceticismo diante das análises “generalistas” e dos recortes preestabelecidos do mundo social. O etnógrafo reserva-se o direito de duvidar *a priori* das explicações já prontas da ordem social. Preocupa-se sempre com ir *ver mais de perto* a realidade social, livre para ir de encontro às visões oficiais, a opor-se às forças que impõem o respeito e o silêncio, àquelas que monopolizam o olhar sobre o mundo. Se quiser tornar-se pesquisador, armar-se com essa curiosidade rebelde e crítica, seu primeiro ato deve ser ao mesmo tempo científico e político. É essa curiosidade que conduzirá você a impelir suas investigações, a observar *nos detalhes*, a agir por aproximação ou zoons naqueles pontos em que outros sociólogos olham, sistematicamente, de mais alto e de mais longe.

Não há como estranhar, portanto, que o olhar etnográfico incomode, como o do fotógrafo ou do documentarista. Ele mostra sem dissimulação as coisas e os homens tais quais são. Presta uma atenção clínica às ações e relações. Ao agir dessa forma, pode incomodar, melindrar, causar mal-estar ou contribuir para questionar. Oferece aos pesquisados um espelho que alguns, por razões diferentes, não gostam de encarar. Essa força crítica parece-nos ser inerente ao trabalho etnográfico nas sociedades contemporâneas.

Para ilustrar esse poder crítico da abordagem etnográfica, tomemos o tema do trabalho nas sociedades desenvolvidas; onde os economistas neoliberais, mais ou menos revezados nos discursos de gestão dos recursos humanos, não cessam de enaltecer a polivalência, a flexibilidade, a motivação, a empregabilidade; ali mesmo, as pesquisas de campo põem às claras, ao mesmo tempo, as formas concretas de dominação no trabalho e a sutil mistura de aceitação e de resistência dos assalariados. Assim, a pesquisa etnográfica permite uma *guinada de pontos de vista* que consegue fazer com que se vejam de outra forma coisas nas quais nos esbarramos todos os dias sem as “ver” de verdade.

Por que ensinar a pesquisa de campo?

Há, na tradição antropológica, uma espécie de idéia preconcebida segundo a qual a pesquisa de campo não estaria sujeita à jurisdição de um ensino metódico que viria a prejudicar a busca de uma iniciação solitária do etnólogo que se põe à prova, no ato da pesquisa, no contato direto com o Outro. A aprendizagem coletiva e explícita da pesquisa de campo correria o risco de fazer este último perder o seu mistério. A própria idéia de escrever um guia de pesquisa de campo parecerá, talvez, um sacrilégio aos experientados pesquisadores do campo que confiam em seu instinto, na bricolagem ou na entrada furtiva em terrenos proibidos, ao trabalharem sem bússola. Que este *guia* seja escrito por uma dupla – uma antropóloga e um sociólogo – só pode constituir-se em um fator agravante para aqueles que defendem os territórios respectivos de suas disciplinas. Nossa experiência de orientação dos trabalhos de alunos adquirida há uns dez anos no quadro das pesquisas estágios de campo de um DEA³ convenceu-nos, pelo contrário, das virtudes de um ensino *em ação* do campo, de uma pedagogia ativa e controlada da pesquisa. Ela nos estimulou a tentar apostar num ensino à distância por meio de um manual que dê maior espaço aos erros e acertos ligados a todo trabalho de pesquisa.

Há, também, razões institucionais para esse ensino do campo. As transformações conjuntas do mundo estudantil e dos programas de pesquisa da sociologia francesa fizeram crescer muito o número de estudantes que “escolhem” realizar um trabalho de campo no nível de um trabalho de conclusão, do DEA ou da tese. Por isso, os conselhos de aprendizagem devem mudar de escala, isto é: de experiência de iniciação, confidencial, a pesquisa de campo deve tornar-se o mais disponível possível a todos. Há nisso uma chance para uma etnografia sociológica que faça da *explicitação* das condições singulares da pesquisa uma exigência sistemática. É preciso captá-la e combater ao mesmo tempo a padronização impossível e o misticismo da experiência interior. Este *Guia* buscará mostrar a unidade da pesquisa de campo para além da diversidade de seus instrumentos.

Temos consciência de que é um desafio pretender fornecer uma espécie de *guia* para aprendizes de sociólogos e etnólogos prontos a partir para o campo. A pesquisa se aprende fazendo, de forma sinuosa e caótica. O pesquisador não pára de experimentar diferentes caminhos que se revelam ser, por vezes, impasses ou atalhos. É só após longos desvios que ele toma pé de novo. Um curso ou um guia sobre a pesquisa não pode substituir a prática. Nada pode substituir as tentativas e os erros pessoais, o encontro direto das dificuldades, a “dúvida”, a experiência da “solidão do campo”.

Mas nós o ajudaremos a realizar sua pesquisa de campo passo a passo. Dar-lhe-emos conselhos práticos e “teóricos” ao mesmo tempo, mobilizando uma série de exemplos tirados de pesquisas passadas ou em andamento. Trata-se de ensiná-lo a conceber, preparar, conduzir uma pesquisa de campo e de ajudá-lo a escrever um relatório de pesquisa etnográfica.

3. N.R. (Nota de Revisão): DEA significa “Diploma de Estudos Aprofundados” que, anteriormente à adequação do sistema educacional francês à norma europeia, equivalia, de forma parcial, ao mestrado no Brasil.

Gostaríamos também de fazê-lo compreender a arbitrariedade do corte entre teoria e empiria. Concebemos este *guia* como um meio de lutar, a nosso modo, contra a divisão do trabalho científico que está em curso tanto em sociologia como em antropologia e contra os efeitos de dominação que ela acarreta. Não deve haver, de um lado, os que vão ao campo, recolhem dados empíricos e, no limite, fazem a “descrição” (quando escrevem), e do outro, os teóricos que, eles sim, têm o monopólio da conceitualização e conduzem um trabalho teórico sobre materiais colhidos por outros. Não há descrição sem conceitos. A pesquisa supõe a análise. A etnografia sociológica promove não só uma certa concepção da sociologia – não especulativa, empírica fundada sobre pesquisas bem feitas, “reflexiva” – mas, também uma aprendizagem da sociologia como ofício. Ofício que tem seus instrumentos, suas regras e suas proibições, suas normas, seus conhecimentos teóricos e práticos, seus símbolos, suas habilidades próprias. Possuir esses instrumentos é garantir rigor em oposição a um terrorismo metodológico, é forjar armas para, mais tarde, intervir no debate científico.

Realizar a pesquisa de campo: o que está em jogo para a disciplina

A divisão entre sociologia e antropologia não tem mais razão para existir hoje. Puramente acadêmica, não corresponde a programas de pesquisa diferentes. Resulta do recorte das disciplinas e dos territórios feito nos anos 1930, cristalizado no pós-guerra e amplamente obsoleto no decorrer dos últimos quinze anos, no momento em que convergiam os campos e os métodos da sociologia e da etnologia (cf. Posfácio). Essa aproximação de fato não foi suficiente para abolir o peso das tradições disciplinares que continua a pesar, como o demonstram, por vezes, em etnologia da França, um certo gosto pelo folclore, pelo exótico, uma predileção pelo estudo autonomizado de pequenos objetos culturais, a atração exercida pelas sobrevivências de um mundo antigo nas sociedades contemporâneas e, sobretudo, o esquecimento dos fatos da morfologia social, a recusa do contexto macrosocial que caminham a par com a indiferença por todo trabalho sociológico e, às vezes, em sociologia chamado de “qualitativo”, a adoção de uma divisão do trabalho que nega as exigências fundamentais de contextualização dos dados do campo, seja pelo desconhecimento da tradição antropológica seja pela preocupação em economizar tempo, confiando a estagiários ou a doutorandos o trabalho de campo retirando-lhes, porém, o trabalho de análise para reservá-lo aos professores.

A nosso ver, a maneira de fazer o trabalho de campo é uma questão central da pesquisa. A fraca legitimidade da pesquisa do campo em sociologia levou a uma grande diversidade de práticas; nenhuma fronteira profissional foi estabelecida; o título de pesquisador de campo não existe e, acima de tudo, a barreira à entrada nesse setor é pouco elevada. No plano material: um gravador, algumas fitas cassetes, uma mínima capacidade para deslocar-se e pronto: você pode denominar-se “pesquisador de campo”. No plano intelectual: a boa vontade, o gosto pelos contatos, a atração do “vívido”, às vezes a ousadia parecem bastar. No caso das pesquisas “qualitativas” (fundamentadas em numerosas e descontextualizadas entrevistas), as normas científicas do trabalho mostram-se vagas e raramente explícitas. Só o fato de ter ido ao campo basta para pro-

mover e batizar o trabalho feito como “pesquisa de campo”. Não existe um sistema de regras que permita estabelecer aquilo com que se deve parecer uma pesquisa de campo, diferentemente do que se dá com a estatística⁴ ou com a história⁵.

A utilização abusiva que se faz desse rótulo é, sem dúvida, um dos principais obstáculos encontrados pelo trabalho etnográfico na França em sua busca de legitimidade científica.

Buscaremos, então, tornar claras as práticas da pesquisa etnográfica e explicitar as regras, dissipar a névoa que as envolve para colocá-las em seu devido lugar. Tais são as condições de produção dos dados de pesquisa. É preciso, pois, parar de relegá-las ao anexo; devem ser vistas como objeto de apresentação detalhadas e, portanto, de confrontações científicas. Digamos, de imediato, qual a condição fundamental para que se trate de uma *pesquisa etnográfica*: é preciso pesquisar num meio de interconhecimento (MAGET^[2]). É preciso que seus pesquisados estejam em relação uns com os outros e não escolhidos com base em critérios abstratos. Em caso contrário, você está fazendo entrevistas ou observações “qualitativas” e não uma *pesquisa etnográfica*.

Esperamos, pois, que este *guia* possa contribuir, em relação direta com certas discussões contemporâneas sobre o estatuto das ciências sociais⁶, para reflexão sobre o modo de produção dos dados em ciências sociais e clarificar a especificidade da pesquisa etnográfica em relação às outras formas da pesquisa sociológica. Sua “cientificidade” não é nem mais nem menos fundamentada que a dos outros modos de pesquisa; ela repousa sobre o exame das condições sociais, materiais e intelectuais nas quais é conduzida. Pois a oposição pertinente não é, para nós, entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa (oposição já cristalizada dentro das diferentes instituições de ensino e de pesquisa); situa-se, antes, entre pesquisa mecânica e pesquisa reflexiva. A primeira destas duas últimas não se dá como objeto as condições de produção de seus dados (são puros *data*) ao passo que a segunda submete constantemente seus dados à reflexão e à crítica (quer se trate dos indicadores e das categorias estatísticas ou dos fatos etnográficos). A pesquisa etnográfica e a pesquisa estatística não se opõem mas se complementam. A melhor etnografia deveria municiar a pesquisa estatística, oferecendo-lhe meios para afinar seu questionário e para melhor levar em conta as diversidades sociais

4. O sistema de regras do ofício já vem codificado de longa data. Uma boa pesquisa estatística deve preencher um certo número de regras precisas e explícitas: pré-pesquisa, definição de uma amostra representativa, construção do questionário, formação dos pesquisadores para aplicarem o questionário, codificação e decodificação, definição de testes estatísticos etc.

5. O método do arquivo, constitutivo da disciplina, está não só no coração de uma instituição de prestígio – Escola Nacional dos Mapas – como no de um quadro altamente qualificado de profissionais (os arquivistas) como também já vem sendo ensinado no último ano do curso de história há mais de um século. Não se concebe tornar-se historiador sem dominar os aspectos mais práticos do ofício como conhecimento dos porões de arquivos, das “fichas”. O primeiro ímpeto de uma banca de mestrado de história será ir olhar primeiro as “fontes” utilizadas e como o estudante estabeleceu a crítica das fontes.

6. Debate conduzido na revista *Genèses* em que uma rubrica intitulada “Saber-fazer” busca colocar as questões práticas da pesquisa em ciências sociais (problemas do campo, da iconografia etc.).

e a boa pesquisa estatística permite “enquadrar” com fineza a pesquisa de campo e sugerir-lhe questões.

A implicação do pesquisador de campo

Em se preparando para realizar uma pesquisa de campo, é melhor saber em que isso implica. Fique sabendo de antemão – algo que é comum esquecer de dizer – que o etnógrafo está pessoalmente e fortemente comprometido com a pesquisa (cf. Favret Saada ^[17]). Você não sai de uma pesquisa sem ter mudado ou mesmo ileso. Você pode sair dela transformado e verá, a seguir, coisas e pessoas de outra maneira. É claro que isso assim será se você tiver levado a tarefa a sério e que não se tenha contentado com uma presença pontilhada, não constante no campo ou com entrevistas do tipo “relâmpago”. Resumindo, só com a condição de ter-se empenhado nesse trabalho. Pois fazer pesquisa de campo é ter vontade de se agarrar aos fatos, de discutir com os pesquisados, de compreender melhor os indivíduos e os processos sociais. Sem essa sede de descobrir, sem essa vontade de saber, quase que de destrinchar, o campo torna-se uma formalidade, um exercício escolar, chato, sem interesse.

A orientação dos estudantes no trabalho de campo ensinou-nos que são numerosos os que resistem a esse tipo de trabalho. Alguns se sentem incomodados com o “voyeurismo” do pesquisador. Outros não querem ou não podem pôr-se a escutar os pesquisados, preferindo prender-se a esquemas teóricos explicativos *a priori* que querem adotar, custe o que custar, seja qual for a forma de desmentido que a situação de pesquisa possa trazer-lhes. Valem-se de sua cultura livresca como uma carapaça mental e moral que lhes permite “encarar” a prova ou o veredicto que o campo então constitui. A resistência à pesquisa de campo é tanto mais forte quanto mais se vê na sociologia uma ciência nomológica em busca de leis de validade geral. Essa concepção está nos extremos daquela outra que deixa ver o trabalho pontilhisto do etnógrafo que pode parecer “ingrato” àqueles que fazem a si mesmos exigências intelectuais mais elevadas. O trabalho etnográfico passa a imagem de uma disciplina “trivial” e, para dizer tudo, decepcionante para os aprendizes sociólogos que sonham com teorias se não grandiosas pelo menos “astuciosas”, capazes de justificar seu engajamento pessoal e profissional na via (arriscada) da sociologia.

Em compensação, os estudantes menos renitentes à atitude exigida pela pesquisa etnográfica são aqueles que conheceram, no decorrer de sua história pessoal, experiências sociais contrastadas tanto no mundo escolar como em universos extra-escolares. A experiência anterior de desambientação social por parte do pesquisador permite-lhe compreender melhor a gente “do interior” e melhor restituir pontos de vista diferentes. Todos esses obstáculos, porém, podem ser superados.

Para superar essas resistências, convidamos o leitor a adotar uma postura de pesquisa reflexiva, a não se preocupar unicamente com resultados de pesquisa mas a retornar sem parar à maneira pela qual os conseguiu. Manterá, assim, uma relação com sua pesquisa nem tão ansiosa nem por demais escolar. A posse de uma bagagem teórica

não é suficiente para conduzir a pesquisa pois os obstáculos que irá encontrar em campo são sociais e mentais⁷ (“psicológicos”); experimentados pessoalmente como fracassos, levam certos estudantes a abandonarem-na. Ajudando-o a tomar consciência de sua banalidade, esperamos levantar suas inibições e contribuir para que se livre delas.

Como utilizar este guia?

O guia segue o desenrolar cronológico da pesquisa. A primeira parte trata essencialmente das fases anteriores à prática ativa da pesquisa de campo: escolha do tema da pesquisa (capítulo 1), preparação da sua pesquisa (capítulo 2) primeiros passos no campo (capítulo 3); ela é concebida para prepará-lo para tornar-se pesquisador.

A segunda parte analisa com detalhes as duas ferramentas principais do etnógrafo: a observação (capítulo 4) e a entrevista aprofundada (capítulos 5 e 6) procurando sempre ligá-los estreitamente à pesquisa propriamente dita.

A terceira parte oferece indicações para lidar com o material acumulado (capítulo 7) e redigir um relatório de pesquisa (capítulo 8). O posfácio (“Por uma etnografia sociológica”) pode-se ler de forma independente, pois servirá para justificar o método que adotou e para situá-lo na história das ciências sociais. Se você já estiver familiarizado com os principais conceitos da sociologia e da antropologia, leia-o antes e ajudá-lo-á a compreender os fundamentos teóricos de nossos conselhos.

7. Pode-se, aqui, retomar os conselhos de Yves Winkin a seus estudantes: “Como levar o estudante a deixar o aconchego de seu lar, de seu apartamento ou de sua biblioteca para ir ao campo enfrentar o desconhecido, ‘informantes’ gozadores, e a pergunta “que é que eu faço ali? [...] Uma resposta é certa: não lhe serve para grande coisa fazê-lo ler um manual de metodologia qualitativa. Vale mais falar de suas próprias angústias, de seus próprios ensaios e erros. Vale mais começar bem pequenino, por exemplo, um pequeno campo (exemplo de paradigma é o espaço de um bar-café), algumas idéias tiradas de Goffman, da *Présentation de soi*, alguns esquemas. Pouco a pouco a confiança irá surgir” (Y. WINKIN [34]).

Introdução

Você ficará surpreso por ver-nos consagrar uma parte inteira àquilo que geralmente passa em silêncio nas aulas de metodologia: as condições da pesquisa. Temos duas boas razões para fazê-lo. A primeira é pedagógica, pois pretendemos ajudá-lo no conjunto das dificuldades intelectuais e práticas que irá encontrar. Conduzir uma primeira pesquisa solitariamente não permite partilhar essas angústias e esses medos que todos encontramos; não permite falarmos sobre ela, analisá-la e apoiar-nos sobre ela para avançar. Ora, este *guia* pretende ser justamente o substitutivo de uma pesquisa coletiva. A segunda é científica e de primeira importância pois pensamos que os “dados” de pesquisa não são analisáveis fora de seu contexto de produção.

Esta primeira parte expõe com detalhes as diversas facetas desse contexto: contexto intelectual da escolha de seu tema de pesquisa (capítulo 1); contexto “local” (o lugar ou meio de interconhecimento) no qual se desenvolverá sua pesquisa e que é necessário conhecer o melhor possível antes de se dirigir para o campo (capítulo 2); contexto social das relações de pesquisa, enfim, que dependem de quem é você, da maneira como você se apresenta e do jeito que você é percebido no campo (capítulo 3). Estes três capítulos destinam-se, portanto, para os conselhos práticos e exemplos de pesquisa que o acompanharão e lhe darão segurança, a explicitar os primeiros elementos necessários à análise posterior de seus “dados” de campo, suas concepções e suas expectativas prévias (“você antes do campo”, de qualquer jeito), sua primeira transformação em contato com uma realidade empírica descrita por outros (“o campo antes de você”) e as condições objetivas do encontro entre “você” e o “campo”. É preciso saber que seus “dados” dependerão estritamente das condições (intelectuais, “locais” e práticas) em meio às quais você os produzirá e que a explicitação destas condições constitui o alicerce de suas análises futuras.

Escolher um tema e um campo

A escolha de seu tema de pesquisa é um momento determinante que irá condicionar todo seu trabalho posterior. Essa escolha é tão difícil quanto delicada. O que você empenha de você mesmo, de suas experiências, de sua relação com a sociedade e a sociologia? Se tem um assunto imposto, como conseguirá apropriar-se dele? Em todo o caso, como irá traduzir esse assunto de pesquisa em tema de pesquisa? Terá de escolher um lugar, ou um contexto de pesquisa adaptado a seu tema de pesquisa? Ou, então, um tema adaptado às suas possibilidades concretas de pesquisa?

Para alguns, será um momento de perplexidade e de inquietação. Para outros, a escolha está feita. Já têm um "tema" ao qual se apegam e que irão submeter ao seu orientador. Em qualquer caso é imperativo assegurar-se de que seu tema de pesquisa possa ser abordado no contexto de uma pesquisa de campo. Esse é o objetivo deste capítulo. Impõe-se uma precisão importante de vocabulário logo de início. Enquanto habitualmente empregam-se as expressões "escolha de objeto", "objeto de pesquisa", "construção de objeto" (BOURDIEU et al.^[82]), preferimos usar, num primeiro momento, a noção mais ampla e mais vaga de "tema de pesquisa". Isso serve para marcar o caráter provisório e o vir a ser dessa escolha. A experiência de campo prova que é através de longos desvios e não sem modificação (radical, por vezes) que o tema transforma-se e fixa-se definitivamente em objeto de pesquisa. Uma vez realizada tal operação, poderemos empregar, sem abuso de linguagem, o termo objeto de pesquisa.

O prosaísmo do campo

A primeira dificuldade prende-se ao fato que o princípio sobre o qual se fundamenta a pesquisa de campo (pesquisar em um grupo de interconhecimentos) vai ao encontro da idéia que a maior parte, enquanto aprendizes sociólogos, faz da sociologia uma disciplina marcadamente teórica, conceitual que alcança longe, que deveria ser capaz de dar respostas globais aos problemas sociais contemporâneos¹. Ora, a pesquisa de cam-

1. O que explica a forte variabilidade histórica dos assuntos de pesquisa escolhidos pelos estudantes é que os estudantes de esquerda dos anos 70 estabeleciam dissertações com base nas categorias sociais "oprimidas" e "exploradas", nas lutas sociais e outros movimentos sociais; os estudantes de hoje estão fascinados pelos assuntos que giram em torno dos SDF (N.R.: A tradução literal para SDF é "sem domicílio fixo", poderia ser traduzido por "sem teto" ou "morador em situação de rua"), da inserção, do trabalho social e das associações de caridade ou da religião.

po é necessariamente limitada, estreitamente circunscrita, local, específica, sem vocação para fornecer resultados gerais. Além do mais, põe em ação as engrenagens mais prosaicas do trabalho intelectual, aquelas que se situam na base da hierarquia das obrigações universitárias: ir ao local, ao encontro dos homens e das situações, observar em locais não usuais, fazer entrevistas com todo tipo de pesquisados, transcrevê-las, passar muito tempo em atividades "ordinárias" etc. Ela pode pegar-nos no contrapé na medida em que tende *num primeiro tempo* a não responder àquilo que poderíamos chamar de sua demanda teórica. Agindo assim, arrisca-se a não satisfazer às suas expectativas intelectuais. Por sua lentidão e seu caráter ingrato ela pode também não responder diretamente a outros tipos de expectativa que alguns de vocês têm em relação à sociologia; expectativas políticas – denunciar as injustiças sociais, analisar o mundo para transformá-lo – ou expectativas mais sociais, como, por exemplo, ajudar a reformar o mundo em que vivemos, a aliviar a desgraça humana (cf. Encarte 1).

A escolha de um título para o tema de trabalho de conclusão ou mestrado já diz muito a respeito, notadamente sobre as maneiras de conformar-se com uma norma teórica. Os títulos funcionam inconscientemente como um "marcador" para construir a imagem que você quer dar-se de si mesmo nesse período importante, e por vezes decisivo, de sua formação e de seu percurso universitário – período das escolhas e da socialização profissional e/ou intelectual. Neste momento atuam plenamente os efeitos de socialização antecipada e de identificação social particularmente acentuados no mundo intelectual, que levam muitos a quererem dar um passo maior, a quererem "bancar o teórico" ou "bancar o sociólogo, por identificação com os sociólogos reconhecidos ou seus "mestres" e pelos efeitos de suas leituras anteriores. Um dos sintomas dessa busca de teoria é a multiplicação de temas em torno das "representações sociais". Essa expressão que soa bem (e cujo sucesso não é, ano após ano, jamais desmentido) parece dever expressar a quinta-essência de um arrazoado sociológico. A tendência "espontânea" consiste em propor "grandes temáticas", utilizando conceitos que têm um efeito de rótulo teórico livre para usar, muitas vezes de maneira imprópria, categorias sociológicas. Essas temáticas são, na maioria das vezes, definidas fora de qualquer questionamento com relação à possibilidade de realização prática (campo, lugares, práticas sociais...)

A pesquisa de campo não se parece em nada com um exercício escolar. Essa é, aliás, uma das razões essenciais que explicam a desconfiança, e mesmo o medo que ela pode suscitar. Ela supõe o emprego de um certo número de "qualidades pessoais", aquelas de que se precisa em qualquer relação social um pouco imprevista como, por exemplo, a capacidade de entrar em relação com pessoas desconhecidas pertencentes a outros meios sociais que não o seu e de ganhar a confiança dos pesquisados, de negociar um lugar no campo, de ficar lá, capaz, às vezes, de "incomodar as pessoas". Ao mesmo tempo, tudo não é, felizmente, questão de habilidade para se sobressair no campo; outras qualidades sociais, quase opostas, são mobilizáveis em situação de pesquisa, com destaque para a prudência, a circunspeção, a capacidade para escutar, para ficar retirado, para não julgar; a timidez pode ser, então, um trunfo. A principal dessas qualidades é o interesse por outrem ou a curiosidade que cada um manifesta de acordo com seu próprio temperamento; o essencial é que isso seja visível e que se estabeleça um contato com os pesquisados.

Encarte 1**A auto-análise**

Explicitar seus preconceitos e objetivar sua posição.

Denominamos **auto-análise** (outros autores falam de socioanálise ou de implicação) o duplo trabalho de explicitação de seus preconceitos e de objetivação de sua posição que permite distanciar-se de suas primeiras impressões (romper com as pré-noções) e melhor interpretar o que se passa no decurso da entrevista (o modo como o observador “perturba” a observação). Esse trabalho é útil em várias etapas da pesquisa. A análise da escolha de um tema é a primeira dessas etapas. Por ora, basta explicitar em uma ou duas páginas, que você guardará sigilosamente, não os motivos que declarou mas o processo concreto de sua escolha por tal curso, tal leitura, tal observação que agradaram, chocaram, convenceram, agrediram. Você é mobilizado por uma primeira idéia; tem vontade de provar alguma coisa, de confirmar ou invalidar o que leu ou ouviu. Não descanse, descreva, explicita e, depois, date suas observações. Deixe-as separadas num canto e não as leia mais antes do fim da pesquisa. Terá, então, algumas surpresas ao ler o que escreveu!

Suas escolhas não refletem somente sua personalidade, mas um estado da questão social, do debate intelectual em nossas disciplinas, suas características pessoais (idade, sexo, nível de estudos, percurso escolar, origem social). Redija um projeto de pesquisa de cinco a dez páginas refletindo nestas diferentes questões:

- Como lhe surgiu a idéia dessa escolha?
- Por que escolheu estudar tal meio social ou profissional?
- Por que tal lugar geográfico?
- De quais assuntos você “fugiu” *a priori*?

O que convém evitar**Desconfiar dos temas muito amplos**

Por definição, uma pesquisa de campo é limitada, estreitamente circunscrita no tempo e no espaço. A duração, salvo para a tese, é necessariamente curta. Ora, a gestão do tempo da pesquisa é uma questão muito importante (cf. conclusão da primeira parte). Será necessário que você possa dar partida bem depressa à sua pesquisa, não dar de cara com muitas armadilhas, amealhar rapidamente alguns pequenos resultados (boas entrevistas, situações de observação interessantes), assinalar pontos a serem aprofundados, resumindo, engrenar uma dinâmica de pesquisa que permita a ela encontrar, na seqüência, um ritmo de cruzeiro. Sem que, por isso, ela seja encarada como uma corrida contra o relógio é melhor ter a impressão que sua pesquisa progride; isso permitirá que se assegure a respeito das virtudes do trabalho de campo (a ciência não é somente uma história de conceitos desencarnados mas, também, um conjunto de crenças, de estados de espírito que exige uma boa dose de moral, de *fighting spirit*). Ao contrário, a experiência mostra que se você está empenhado numa pesquisa que não “deslancha” por ser muito ampla, muito vaga, não suficientemente definida, você corre o risco de desanimar rapidamente, de perder o chão e, sobretudo, de manter uma relação “infeliz” com sua pesquisa.

O tema escolhido deve obedecer a duas regras. De um lado, ser realizável na prática. De outro lado, estar apoiado em questões prévias ou numa “problemática” provisória inicial, brotada de primeiras leituras.

Quando você refletir em um tema de pesquisa, há grandes chances de propor ou de se ver propondo assuntos muito amplos.

- Em ligação estreita com um certo número de temas tratados todo dia pelos jornais, aqueles que ocupam regularmente a “primeira página” da atualidade: as periferias ou a violência urbana, os SDF (sem teto) ou a exclusão, os sem documentos, as sextas e a renovação religiosa, a crise da escola, das elites etc. Não se esqueça de que, ao contrário dos jornalistas que tratam dos assuntos da sociedade, você não precisa encontrar “o sensacional” que conforta o pessimismo ou o miserabilismo ambientes. Além disso ser-lhe-á preciso *traduzir* essa preocupação bem geral em um tema mais limitado e encontrar um grupo de interconhecimento que lhe permita dar a largada e prosseguir a pesquisa de campo.

- Em referência direta com os títulos de disciplinas de sociologia ou com o nome de uma sociologia especializada. Exemplos extraídos de propostas de estudantes: a “religião”, o “desvio”, as “relações interculturais”, a “integração dos imigrantes”. Ora, seu primeiro trabalho consiste justamente em imaginar uma pesquisa possível em torno desse tema: uma paróquia, um seminário de formação de padres; uma associação de homossexuais; uma delegacia de polícia, um bairro, um clube.

- Em ligação mais ou menos direta com administrações quer se trate da escola, da justiça, da polícia, da prisão ou da saúde. A forte visibilidade social, inscrita no espaço, de tais instituições, sob a forma de nomes, de endereços, de contatos fáceis de serem estabelecidos; de fato objetos atraentes *a priori* que você supõe fáceis para pesquisar. Entretanto não são o que parecem, pois exigem autorizações, licenças, um direito “oficial” para pesquisar em seus espaços internos. Tais pesquisas surgem erradamente como as mais facilmente realizáveis, isto é, seria suficiente dirigir-se à instituição em pauta, solicitar-lhe a autorização, mostrar boa vontade para que a pesquisa fosse aceita. As coisas não acontecem desse jeito na realidade social, longe disso! Pode-se mesmo dizer até que, salvo se você for já membro (mesmo que a título precário) da instituição e, portanto instalado em seus espaços, que essas pesquisas são cercadas de obstáculos “burocráticos” que podem torná-las irrealizáveis (cf. Encarte 2). Se ela não for recusada ou proibida pela instituição, a pesquisa corre o risco de ser totalmente dirigida, guiada pela direção da instituição que tentará controlar o seu desenvolvimento de ponta a ponta. É preciso saber também que a aceitação da pesquisa depende do momento em que você chegar na instituição, pois portas podem fechar-se só porque ela passa por momentos difíceis.

A tentação do pitoresco

Quem não tiver idéia precisa corre o risco de escolher assuntos que chocam a imaginação por sua aparente estranheza. Uma constante na escolha dos temas de pesquisa – sem falar da conjuntura ideológico-política muito presente em sociologia por sua vivacidade eficaz – é a preferência pelo que parece bizarro, estranho, exótico, isto é, pelo que o olhar midiático constrói como digno de curiosidade. Esses temas são armadilhas. A curiosidade pré-construída pelo pitoresco social mostrá-se, muitas vezes, uma má

parceira em uma empreitada de pesquisa sociológica. Os temas "exóticos" proporcionam uma espécie de alteridade barata e cultivam o mito da originalidade, mas permitem, muitas vezes, esquecer o essencial (assumimos, aqui, um ponto de vista que nos é próprio), a saber, os constrangimentos materiais nos quais os indivíduos se enredam. A tentativa do etnologismo é justamente examinar intensivamente microobjetos, com muitos detalhes e descrição etnográfica, mas de maneira descontextualizada fora de qualquer referência aos contextos materiais da existência. O etnologismo na medida em que isola o nível simbólico, das práticas, e o abstrato, das condições sociais nas quais ganham sentido, é uma forma de intelectualismo que tem tanto mais chances de seduzir quanto se está precisamente em situação de aprendizagem, rompendo com aderências antigas e numa fase de reconstrução, de alguma forma isolado dos outros. Tudo o que leva a se imaginar como puros sujeitos pensantes a pensar os outros do mesmo modo.

Pode-se encontrar um belo exemplo na redescoberta atual dos "jardins operários"² (por vezes chamados de "jardins familiares"), que dá chance a todas as formas de populismo, às possibilidades de se expressarem: admiração diante do arranjo e da "estética" dos lugares, descrição encantada da sociabilidade popular (observada num momento preciso, nunca de longa duração), admiração diante da engenhosidade dessas "pessoas sem nada"; dignificação do objeto pela onipresença da fotografia dos lugares e das pessoas; transformação dos "jardins operários" na sobrevivência de uma "verdadeira" cultura popular. Desaparecem do foco desse olhar os aspectos materiais dessa prática que são, no entanto, primárias: as questões jurídicas de posse da terra, o custo financeiro do lazer (aluguel anual, água, compra de adubo e das sementes), as arbitragens econômicas que os jardineiros não param de fazer entre autoprodução (autoconsumo) e consumo mercantil, etc. Todos esses aspectos da prática, para serem captados pelo pesquisador, solicitam que se vá além dos discursos prontos dos jardineiros dirigidos ao visitante, de colocar questões ocultadas pela magia dos lugares e pela sobreposição das imagens. A pesquisa sobre um local pitoresco corre o risco de se fechar.

Para compreender a atração dos temas "exóticos" ou "pitorescos" no meio estudantil, é preciso, ao mesmo tempo, assumir um ponto de vista de sociologia sobre a sociologia e examinar como o olhar é, hoje, predeterminado pela maneira como as mídias enxergam o mundo social. Em sociologia, tanto os docentes quanto os estudantes têm, por muito tempo, cultivado (talvez o cultivem menos, hoje) um gosto pela margem, pelo não-conformismo. Os estudantes aprenderam a cultivar sua originalidade. Essa tradição pesa, à sua moda, sobre a escolha dos assuntos. Satisfazer essa expectativa de originalidade leva sempre a negligenciar os princípios de produção dessa marginalidade. Isto é, de produção da norma. Por outro lado, as mídias, especialmente certas matérias de TV (como *Envoyé spécial*, *La marche du siècle*) tendem a definir os compromissos de sociedade e a maneira legítima de abordá-los. Nas atualidades televisionadas pode-se ver, de forma reduzida, esse culto à encenação do exótico, da psicologização das relações sociais e do "emocional". Antes de iniciar-se uma pesquisa, é preciso ficar atento àquilo que hoje já está pré-construído em seu próprio olhar. Por que a figura da

² N.T. Denominação dada na França a pequenas áreas urbanas de uso comunitário destinadas ao cultivo de hortaliças, legumes ou flores e situadas em terrenos públicos.

Encarte 2

Pesquisar em instituições*Pesquisar em uma escola primária*

“Gostaria de trabalhar numa escola primária”, é muitas vezes o que se ouve de estudantes que posteriormente vão participar do concurso do IUFM (Instituto Universitário de Formação de Mestres³). Elas têm, pois, um interesse bem compreensível pelo tema. Esse tipo de pesquisa que surge como viável bem depressa mostra-se amplo demais. De fato, numa escola primária há grande diversidade de situações: a escolar, a extraclasse (o pátio de recreio, o esporte). É preciso poder ficar por muito tempo num mesmo lugar para começar a perceber algo e para compreender o que se observou. A melhor posição é aquela de observador em sala de aula. Porém, a) você pede autorização expressa do diretor da escola que deverá pedi-la ao seu inspetor (idem) que pedirá ao inspetor acadêmico etc. (processo complexo); b) você deve também conquistar a confiança da professora que nem sempre se sente feliz por ver cair de pára-quedas, em sua sala de aula, um “observador”.

Em contrapartida, você pode pesquisar com mais facilidade em algumas atividades periféricas como o pátio, a cantina, as aulas de ginástica ou as atividades propostas pela biblioteca e pelo centro de documentação (BCD); a situação é menos escolar, os alunos estão um pouco mais livres em sua movimentação, a bibliotecária não é docente e você pode passar um pouco mais despercebido. Por exemplo, uma aluna de primeiro ano de DEUG⁴ (pesquisando na escola primária onde sua mãe leciona, o que lhe permitiu muitas facilidades de pesquisa) estuda a diferença de interações entre bibliotecária e duas classes muito diferentes: uma classe de CM1⁵ “normal”: uma classe de mesmo nível de “aperfeiçoamento” (chamada classe de “perf.”). Na primeira, observa a atitude estudiosa dos alunos, escuta atenta e o jogo de perguntas/respostas com a bibliotecária; na outra, o tédio indisfarçável de certos alunos (“estou me lixando”, diz um deles à bibliotecária), a recusa em participar às dinâmicas propostas, as provocações por parte dos alunos que enraivecem a bibliotecária chamando-a não pelo seu nome, como ela gostaria, mas de um jeito exageradamente formal (“Senhorita”).

Uma pesquisa nos Correios: fugir de uma situação explosiva

No decorrer de um estágio de campo, dois estudantes desejavam estudar as transformações dos escritórios de carteiros. Após uma primeira tentativa na sede dos correios mais próxima, encaminham-nos à chefia e chegam a um centro de triagem onde são amavelmente recebidos por militantes do sindicato SUD-PTT. Um sindicalista telefona, na sua frente, para enviá-los ao responsável pelo departamento pessoal. A seguir, a situação se degenera com incrível rapidez, a responsável acusa-os de irresponsabilidade, dizendo: “Vocês vão reacender o fogo. Por sua culpa, o centro de triagem irá pegar fogo amanhã e estará em greve”. Os sindicalistas acusam-nos de cumplicidade com a direção. Proíbem-lhes o

3. N.R.: Curso de nível universitário que dá acesso à carreira de professor nos ensinos fundamental e médio.

4. N.R.: Deug (Diploma de Estudos Universitários Gerais) destinado aos alunos que completaram os dois primeiros anos de um curso universitário na França.

5. N.R.: Equivale à quarta série do ensino fundamental no Brasil.

acesso ao centro. A pesquisa tomará outro rumo (centrando-se de novo na observação dos turnos dos carteiros), uma vez que compreenderam a que ponto o momento foi mal escolhido. Os Correios abriram o primeiro centro de triagem “privado” (isto é, em regime de subcontratação para “enfraquecer o poder de greve”) a 30km dali, na semana anterior. Num contexto assim, tudo é pretexto para explosão e os pesquisadores são pegos em meio a um jogo de provocações recíprocas. Não há outra saída que não seja a de distanciar-se, por ora, pé ante pé, livres para fazer, a seguir, uma entrevista, com a responsável, centrada nas suas preocupações pessoais e não na tática da direção.

exclusão (um termo mais presente do debate social que propriamente um conceito sociológico) deve ser representada unicamente por um SDF (sem teto) marcado fisicamente e não por uma família alojada sobrevivendo com o RMI?⁶

Nem tudo deve ser objeto de pesquisa de campo

No entanto, nem todos os temas que se julgam, com certa razão, interessantes podem ser objeto de boas pesquisas de campo. Ou, mais exatamente, a pesquisa etnográfica não é forçosamente o melhor instrumento para abordá-los. Ela pode ser menos adequada que uma pesquisa estatística. É bem conhecido o exemplo clássico de Durkheim, *O suicídio*, objeto que depende, por excelência, de um trabalho estatístico na condição, é claro, de integrar as condições sociais de produção das estatísticas sobre o suicídio.

Por exemplo, você deseja trabalhar sobre o “problema” das cantinas escolares (tema utilizado por ocasião da campanha eleitoral para o legislativo de 1997 para denunciar a degradação das condições de vida das classes populares), sobre a má nutrição das crianças escolarizadas, sobre a *rotulação* dos pobres no meio escolar. Uma pesquisa que se focalizasse num pequeno número de famílias (por certo, com grandes dificuldades de pesquisa) será menos pertinente que uma pesquisa estatística em grande escala que permitirá tratar melhor diferentes aspectos: o histórico do “problema” em nível local, as variações das frequências de acordo com a localização das escolas, as medidas e atitudes tomadas pelos estabelecimentos escolares e os eleitos, os conflitos entre pais para saber se cabe à coletividade pagar pelos “necessitados”, a natureza das arbitragens familiares em termos de repartir os recursos etc. Por isso, nada supera o estabelecimento de curvas de frequência das cantinas no período de dez anos, o estudo da diferenciação de queda de frequência conforme os colégios ou as escolas primárias, o estabelecimento de correlações entre a variável “frequência da cantina” e outras grandes variáveis sociológicas (categorias socioprofissionais, atividade, composição da família e nacionalidade dos pais, local de moradia, sexo dos filhos) etc.

6. N.T.: RMI significa literalmente “Renda Mínima de Inserção”. Trata-se de uma forma de “salário de solidariedade” destinando aos cidadãos franceses que não possuem outra fonte de recursos para a sobrevivência. A pessoa que recebe esta prestação social é, em tese, acompanhada por um assistente social e deve elaborar um plano de reinserção no mercado de trabalho como contrapartida.

Os princípios da escolha de um tema

Vimos as armadilhas a evitar. Falta, agora, dizer-lhes o que seria preciso, talvez, fazer ou tentar fazer. Primeiro conselho (que é evidente, mas nunca se sabe): trabalhar com um tema que lhes interesse, que os "questione". Segunda recomendação: seu tema deve poder ser objeto de forma aproveitável de um trabalho de campo, realizável no período de tempo que lhes foi definido para fazê-lo (tempo modulável de acordo com o estágio em que estiverem, Deug, trabalho de conclusão, DEA ou Tese). Isso implica, nosso terceiro princípio, em uma preferência pela escolha de "pequenos" objetos de pesquisa ou, mais exatamente, a tradução de uma questão geral, social ou acadêmica em questão de pesquisa, em objeto empírico.

Ser guiado por uma questão de partida

Lembremos um princípio básico de qualquer pesquisa: far-se-á uma boa pesquisa se se escolher um tema que "fale", a respeito do qual se queira saber mais, descobrir coisas (cf. Encarte 4) e mais tarde dá-los a saber. É essencial, pois, que a realização de sua pesquisa de campo seja guiada por uma questão de partida que *pode* ser formulada no universo político-midiático ou no universo teórico-acadêmico. É uma questão de partida que orientará suas primeiras leituras e o motivará a escolher seu campo e seu modo de pesquisa. Essa questão de partida sofrerá várias traduções mas deverá ser rapidamente confrontada com formulações teóricas (pelo viés de leituras) e com a primeira delimitação de uma "população" envolvida. Para que uma pesquisa de campo seja possível nessa base depende da existência de fatos objetivados, isto é, de objetos, lugares, escritos, algo de que se possa falar. É preciso que sua questão de partida se transforme bem depressa em tema de entrevista, de conversa. Em outras palavras, sua questão deve ter um sentido (mesmo que não se saiba, ainda qual) no universo do interconhecimento em que vai tornar-se seu campo de pesquisa.

O que é importante é que tal questão venha de você; se for uma questão abordada por um docente em seus cursos, você deve apropriar-se dela. Ela deve servir de eco de sua experiência, remeter, de alguma forma, à sua história pessoal ou familiar, ao seu roteiro de vida (escolar, social, esportivo, amoroso etc.). Sabe-se que a maior parte das obras dos grandes sociólogos podem ser analisadas como autobiografias disfarçadas. As questões que você tem vontade de colocar para a sociedade são também questões que você se coloca a si mesmo: os estudantes dos anos 1970 do "pós-68" que partilhavam do humor antiinstitucional de seu tempo queriam estudar prisões, hospitais psiquiátricos, fábricas, operários, mulheres, movimentos políticos ao passo que os de hoje, numa conjuntura social ideológica totalmente diferente, estão interessados em outros assuntos como religião, a Aids, a família e, os mais politizados entre eles interessam-se pelos imigrantes, pelas periferias etc.

Encarte 3**Como pesquisar em uma *cit *⁷**

O tema “jovens de periferia” está na moda. Como em todo problema social, os sociólogos são fortemente solicitados para identificar o “mal” e propor remédios. Numerosos editais de pesquisa estão em curso a respeito dessa questão. Ao mesmo tempo, os habitantes destes conjuntos habitacionais suportam cada vez com mais dificuldade ser pesquisados sem parar (“não somos cobaias”), estigmatizados, colocados   margem da sociedade. Por todas essas razões,   um tema particularmente difícil de tratar (aliás, ele   materialmente cada vez mais difícil de pesquisar, pois as rejei es são cada vez mais violentas com rela o aos “pesquisadores” e por ser um assunto “armadilha”). Como achar um objeto que permita fazer um trabalho etnográfico e mostrar a diversidade das situa es sociais nesses bairros?

A leitura da imprensa nos oferece, como sempre, percep es interessantes. Um artigo de *Libération* (26/12/1996) mostra o papel de socializa o desempenhado pela  g ncia de auto-escola próxima da cidade de Villeneuve-Saint-Georges. A gerente dessa auto-escola, cujos principais clientes são filhos que moram no conjunto habitacional vizinho, tem consciência de fazer um trabalho social útil. Pesquisando em tal auto-escola,   possível analisar o que significa para esses jovens a rela o com o carro, a começar pelas questões materiais (“Quem paga a conta da habilita o?”), as formas de aprendizagem, a passagem para a vida adulta, a rela o com o futuro. Você terá que encontrar meios de dar conta do espectro das situa es dos jovens deste conjunto habitacional (da/o estudante parisiense) ao trabalhador ou   empregada passando pelos desempregados em estágio de forma o e que “se viram para sobreviver”). Da mesma forma, pode-se fazer um trabalho de observa o participante em associa es esportivas ou culturais instaladas nas cidades. *Exemplo*: Um estudante do DEA de ciências sociais quer trabalhar com a “violência urbana”. Leu obras gerais sobre o tema e não relatórios de pesquisas etnográficas. O tema   muito vasto. O que vem a ser “violência urbana”? Uma aliança de duas palavras; um falso conceito que “nomeia” um fen meno vago que permite avaliar as media es dessa violência, a da descri o e a do trabalho de pesquisa. De fato, quem produz e sofre a violência? Violência dos outros e violência sobre si? Violência verbal ou violência física? Diante das reticências dos professores quanto a deixá-lo trabalhar nesse rumo, aprende a desfazer-se, num primeiro momento, de “seu” tema do qual, pouco a pouco, se apropria, para, em seguida procurar um tema de pesquisa que lhe permita colocar a questão empiricamente. Por outro lado, como ele pratica de longa data a dança contemporânea (onde alcançou um muito bom nível), interessa-se por tudo que concerne   rela o com o corpo e escolhe estudar um clube de boxe tha . Consegue frustrar as armadilhas da entrada no campo (querem que ele lute, mas ele temporiza prudentemente) e utiliza, com conhecimento de causa, seu saber prático de dançarino para “observar” e analisar os gestos dos boxeadores.

7. N.R.: *Cit *   o termo empregado pelos franceses para denominar os conjuntos habitacionais destinados   popula o de baixa renda (com alguma equivalência aos projetos do antigo BNH – Banco Nacional da Habita o), construídos geralmente na periferia das cidades e que se tornaram, ao longo dos anos, locais de segrega o urbana onde habita a popula o de migrantes e filhos de migrantes. No caso do exemplo, seria o equivalente a pesquisar nos bairros pobres ou favelas da periferia das cidades brasileiras (embora as *cit s* não sejam favelas, pois não existem mais favelas na França, as *cit s* tomaram seu lugar). No decorrer do texto *cit * será traduzido por conjunto habitacional popular. No texto a expressão HLM (Habitation   Loyer Mod r  – Habita o de Loca o Moderada – que, na verdade, significa um aluguel subsidiado pelo poder público) foi também traduzida por habita o popular, pois, na maior parte dos casos, as *cit s* são também HLMs, embora nem todos os HLMs se situem nas *cit s*.

Encarte 4**Uma estudante que “sonhava fazer uma pesquisa”.**

Após a leitura do livro de Yves Winkin [34] onde há uma análise interessante dos diferentes registros de linguagem utilizadas por um cabeleireiro em seu salão numa pequena cidade walonne da Bélgica havíamos sugerido aos alunos de Deug (curso de iniciação à pesquisa de campo) conduzir uma pesquisa nos salões de cabeleireiros. Qual o interesse do assunto? Um espaço social relativamente heterogêneo socialmente, em confronto de diferentes maneiras de ser, divisão do trabalho, relações com clientela, lugar de fofocas no sentido dado por Norbert Elias [87] e também comparação segundo os tipos de bairro e de clientela. Toda dificuldade para os estudantes consistia em fazer-se aceitos e achar ali um espaço.

Alguns se deram bem, outros, menos. Uma estudante realizou um trabalho notável. Por ocasião da discussão que se seguia ao relatório individual do trabalho ela explicou mais sua relação com a pesquisa (que, por pudor, havia omitido detalhes em seu trabalho escrito): “De fato, desde o quarto ano, tenho vontade de fazer alguma coisa naquela cidade precisamente naquele bairro”. Bem cedo, quis compreender as transformações que via em seu redor sem poder analisá-las. Logo que chegou à faculdade de sociologia após um Bac ES⁸, decidiu realizar um de seus sonhos secretos, trabalhar sobre “seu” bairro. O tema do salão de cabeleireiro correspondia totalmente com seu desejo de conhecimento. Se esta dissertação é apaixonante é porque sente-se ao longo de sua leitura que investiu muito de si mesma no trabalho. Graças a esse pequeno recorte de pesquisa de campo, pôde, à sua maneira, analisar um processo que havia vivido até então numa semiconsciência, a transformação desse bairro, antigamente popular, com a chegada maciça de “intelectuais” (artistas, professores) da grande cidade próxima em busca de um bairro “simpático”, mas, também o sentimento de desalojamento, de invasão, que seu entorno (se não ela mesma) e os autóctones sentiam, as modificações da paisagem urbana, das ruas, do bairro, dos comerciantes (surgimento de galerias, de cafés da moda, etc.), reviravolta nos ritmos de vida (o prolongamento da vida de bairro para o início da noite), que, pouco a pouco, marginaliza as pequenas lojas e certamente desqualifica o antigo modo popular de morar. Tudo que observava “falava-lhe” pessoalmente e, ousamos dizer, até intimamente.

Como aconselha Wright Mills [98], “você tem que, portanto, aprender a usar, em proveito de seu trabalho intelectual, a experiência adquirida ao longo da vida; precisa, sem parar, perscrutá-la e interpretá-la. Nesse sentido, o ofício é o centro de você mesmo e você mesmo entra por completo na menor de suas criações intelectuais. Você “tem uma experiência”, isto é, seu passado ressurgue no presente, influenciando-o e circunscreve os limites da experiência por vir. Como sociólogo, terá, por tarefa, regular essas interferências complicadas, apoderar-se do que estiver vivendo e selecionar; é o único

8. N.T.: Bac é o exame realizado na França ao final do ensino médio e que distribui diplomas específicos em diversas áreas do conhecimento, neste caso “Bac ES” significa Diploma de nível médio em economia e ciências sociais.

meio de fazer disso o guia e a pedra de toque de seu pensamento e de adquirir, a uma só vez, o ofício de "intelectual".

Fazer valer o princípio do interconhecimento

É preciso saber que, numa pesquisa de campo, não escolhemos os pesquisados. Seria até mesmo, talvez, o contrário. Pode-se interpretar a pesquisa como um mercado (MAUGER [45]) onde se confrontam uma oferta explícita de encontro, de fala (a do pesquisador) e uma demanda de fala, na maior parte das vezes implícita por parte dos pesquisados. Isso faz com que não se escolham os pesquisados com base em critérios objetivos. Muitas vezes, na pesquisa, é a ocasião que faz o ladrão. Uma pesquisa de campo não está verdadeiramente adaptada se não for realizada num contexto de interconhecimento (cf. Encarte 5). Trata-se de uma exigência técnica, pois é o motor da pesquisa, seu dinamismo, aquilo que a faz avançar. Contudo, é também seu fundamento empírico, pois a presença do pesquisador age como um revelador. A pesquisa permite confrontar o discurso dos pesquisados com suas práticas e seu universo de referência. O pesquisador deve levar a sério as tagarelices, os mexericos, os "casos", as pequenas histórias, pois elas mostram a estrutura do meio de interconhecimento e dos universos de referência que constituem o seu campo.

De fato, a pesquisa de campo oferece o acesso a interações de face a face, a relações interpessoais (entre as quais as relações entre pesquisador e pesquisado), e não permite observar práticas ou registrar opiniões fora de contextualização. O pesquisador não pode se fazer esquecer, não deve, pois, esquecer de si mesmo na análise. A observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos mas, sim, sobre universos de relações. Trabalhar num ambiente de interconhecimento permite à pesquisa não patinar, não ter de recomeçar, sem parar, a partir de zero.

Quando se quer que os estudantes realizem um trabalho etnográfico, percebe-se que seu primeiro reflexo é sempre escolher um objeto em que seja possível observar à distância sem ficar preso nas interações, observar na surdina sem ter que se implicar em relações pessoais e justificar sua presença. É esse receio que explica a escolha espontânea de lugares públicos como tema de pesquisa, das interações anônimas entre desconhecidos, pois o modelo do gênero é o (grande) café, mas pode-se citar também as grandes lojas, os *fast-food*, as estações, lugares de passagem onde as interações não têm dia seguinte, isto é, são sem conseqüências, são sobretudo lugares onde o pesquisador pode passar despercebido, o que revela bem a situação de pesquisa sonhada pelos estudantes, aquela que permite ao pesquisador iniciante permanecer à distância, observando de longe sem risco de contaminação pela situação social numa posição de perfeita "neutralidade". Estando assim, de fora, você acha que não precisa ter que se misturar com o que está vendo. No entanto, corre outros riscos como o de, de repente, ser localizado tal a insistência em ter a ambigüidade de transeunte que pára, do curioso indiscreto, que nada entende do que se passa. É uma escolha negativa, um tipo de precaução para poupar-se socialmente, uma forma de autoproteção e de suspensão de relação de pesquisa. Como se fosse possível fazer pesquisa com menos desgaste, evitando os riscos inerentes a qualquer interação pessoal; como se fosse possível permanecer anônimo, sem ter que se apresentar, evitar os constrangimentos das regras de boa educação.

Encarte 5

Interconhecimento, interação e interdependência

Interconhecimento: esse termo designa o fato de pessoas se conhecerem mutuamente de vista, de nome, de experiência partilhada. Cada pessoa está no centro de uma rede de interconhecimento. A sobreposição densa dessas redes constitui um *contexto de interconhecimento*. Um campo de pesquisa pode consistir na exploração sistemática de um desses contextos ou, então, em sondar pontualmente um certo número desses contextos justapostos. O interconhecimento designa uma relação interpessoal. O interconhecimento supõe a existência de interações pessoais de repetição. Implicará, em geral, em interdependência.

Interação ou relação de face a face (Goffman): o termo designa um evento cujo local e momento pode ser determinado. Duas pessoas ou mais encontram-se no mesmo espaço físico. Uma relação mediada por um meio de comunicação à distância (telefone, escrita, televisão, internet) pode, por analogia, ser considerada uma *interação à distância*. A interação pode acontecer entre dois indivíduos que se conhecem pessoalmente (por seus nomes) ou entre dois desconhecidos (relação anônima).

✓ Pode, então, haver interação sem interconhecimento.

Interdependência. Elias [86] diz que esse termo designa o fato que, por uma cadeia de relações cada um depende de cada um e cada um descobre que todos dependem de todos. As relações mediadas por objetos (como as relações técnicas e econômicas entre produtores e consumidores, por exemplo), por instituições, por referências conceituais tecem a interdependência tanto quanto as relações interpessoais (em que cada um sabe estar em relação com o outro conhecido por seu *nome pessoal*). Por detrás desse conceito de interdependência pode-se reencontrar o conceito durkheimiano de “divisão social do trabalho”. Mas a referência durkheimiana é a esfera econômica enquanto a referência de Elias é a esfera política. Pode haver interdependência na ausência de interação e na ausência de interconhecimento.

Isso é o que poderia ser chamado de fantasma do observador iniciante; bastaria observar de longe para compreender. Ora, é preciso “estar com” ou, melhor ainda, “fazer com”, para compreender o que quer que seja. Se eu me apresento, o outro se apresentará. Se eu me explico, o outro se explicará. A pesquisa joga de acordo com a norma da reciprocidade, com o prazer de prestar serviço, com as regras do jogo das relações pessoais. Esquecer-se disso equivale a acreditar que se pode tirar um peixe fora da água para ver melhor como ele nada. Permanecer nessa posição anônima e de fora é condenar-se a olhar a sociedade como um turista, um espectador, um pintor; é privilegiar a visão sobre o intelecto, é condenar-se à ingenuidade, é saber menos sobre o evento observado do que qualquer de seus participantes. É, também, correr o risco de confundir balões com lanternas. A pesquisa é ativa, corre o risco das interações e dos mal-entendidos para evitar o dos contra-sensos e as interpretações excessivas.

Do tema à questão da pesquisa

A sua curiosidade pelo mundo social é o motor de toda pesquisa de campo, pois, no início de toda pesquisa, deve-se perguntar, um tanto ingenuamente: "Mas por que é assim, desse jeito?" O mais difícil é, sem dúvida, essa primeira tomada de consciência de que o mundo não é auto-explicativo. É preciso tomar distância de sua própria inscrição no mundo social de maneira a olhá-lo com um novo olhar. Por trás do desejo de conhecimento, nada impede que se tome posição no debate social ou político, por exemplo defender uma causa, denunciar práticas não é um mal em si. Basta que o saiba, o explique e, acima de tudo, seja honesto, aceitando transformar-se, não se obstinar em sua posição de partida. Nada pior que um sociólogo "desinteressado", isto é, interessado só em sua própria carreira.

Exemplos dessa curiosidade: mas o que é que faz agir esses torcedores de futebol dispostos a tudo para seguir seu time? Ou, no outro extremo do espectro social, o que é que vêm fazer, além de passar o tempo (primeira reação trivial) esses notáveis, nos clubes de bridge ou de golf, no Rotary ou no Lion's Clube?

Mas um bom tema deve também antes de tudo ser "factível"; isto é, suscetível de ser tratado, na prática, em seis ou nove meses. Ora, suas primeiras questões são sempre muito amplas. Vai ser preciso traduzi-las em questões de pesquisa (cf. Encarte 6), isto é, ao mesmo tempo, reduzi-las e torná-las mais concretas, aplicá-las às pessoas e situações, a homens e a momentos. Quais são os princípios dessa tradução?

- * *Privilegiar as relações sociais mais cristalizadas.* Pensar nos comportamentos que são objeto de registros antes de toda pesquisa sociológica e que deixam vestígios escritos, arquivos. Pense, então, nas associações, nas traduções jurídicas dos comportamentos, nos eventos preparados e descritos por escrito, nas relações cristalizadas nos objetos, monumentos. Dê preferência a eles mais do que ao provisório, ao espontâneo, à superfície do dia-a-dia. Você os encontrará mais tarde e poderá compreendê-los melhor.

- * *Transformar uma questão "abstrata" em uma série decomposta de práticas sociais e de eventos.* Reconstitua cadeias de práticas e interrogue as práticas mais comuns dos agentes sociais mais simples que servem de base para as realidades institucionais e sociais e que podem, por isso mesmo, ser analisadas como reveladores. Um bom objeto oferece respostas a várias questões teóricas e faz perceber as correspondências não percebidas. Exemplo: o clube de boxe thai permite analisar ao mesmo tempo os jovens da periferia, a relação com o corpo, com a autoridade, com a aprendizagem, as relações entre mais velhos e mais novos, a diferença de gênero, etc.

As vantagens do estranhamento

Não escolha um tema muito familiar, pois a técnica mais segura da pesquisa etnográfica continua sendo se descentrar para ver o mundo social de outra forma e para descobrir, sob fatos aparentemente banais, naturais, evidentes, relações sociais, uma história; pois a desambientação permite uma conversão do olhar. Há diferentes modos de "desnaturalizar" o mundo em que vivemos, de romper com as pré-noções, para falar como Durkheim. O melhor método é o desvio pela história, pela gênese das institui-

*Curiosidades
Referências*

Encarte 6

Quem define as questões?

Um problema de tradução

Toda pesquisa em ciências sociais navega em três universos distintos, mas fortemente inter-relacionados. Você não será exceção, pois está na intersecção desses três universos e é por isso que lhe cabe a tarefa de uma tripla tradução. Saiba tão-somente sinalizar os momentos em que a executará.

1) *O universo da "demanda social"*, aquele em que se formulam "questões sociais" e se *propõem temas de pesquisa*. É o universo político-midiático. Você mergulha nele, mesmo sem o saber. Se você tem vontade de fazer sociologia e se se preocupa com "o campo" é porque, sem dúvida, já caiu dentro dele desde quando era pequeno. É também o universo dos financiadores públicos da pesquisa: ministérios, agências, associações, empresas públicas, organismos de pesquisa. É um universo atravessado por tensões, convicções, certezas, inquietações, indignações e entusiasmos, de vontade de reformas. É o principal utilizador das ciências sociais, uma utilização calçada sobre mal-entendidos.

2) *O universo acadêmico propõe assuntos de pesquisa*. Aí você está menos à vontade. É o universo ao qual aspira. É, também, o universo de seus professores, de seus "examinadores". É um universo de leituras sérias, o universo da ciência, das referências bibliográficas, das notas nos rodapés das páginas. É preciso conformar-se com isso. Também ele é atravessado por tensões e conflitos muitas vezes menos simples para decifrar.

3) É melhor que o universo da pesquisa seja distinto dos dois primeiros, pelo menos numa primeira pesquisa, pois jornalistas e universitários preferem perguntar a responder e não verão em você mais que o aprendiz bem inocente para procurar reverter os papéis e zombarão de você ou da sociologia. *O universo de interconhecimento que escolheu como campo de pesquisa propõe respostas a questões que você não-necessariamente colocou*. Colocar diretamente uma "questão social" (o que fazem os jornalistas e institutos de sondagem) ou uma "questão acadêmica" (o que em princípio ninguém faz) aos pesquisados acarreta incompreensão ou mal-entendidos; experimente fazê-lo com os que o cercam.

Chegar a propor questões adaptadas às respostas dos entrevistados é *traduzir os temas* (questões políticas nascidas fora do universo da pesquisa, socialmente inadaptadas) e *os assuntos* (questões acadêmicas, empiricamente inadequadas) em *objetos* (questões adaptadas às respostas empíricas). Não se trata de deixar que os *pesquisados imponham-lhe* as questões, mas de aprender a fazer boas questões ouvindo-os, observando-os; daí a utilidade das pesquisas etnográficas para construir um bom questionário. Um relatório de pesquisa deveria sempre ser concluído com uma lista de questões a propor seja aos mesmos pesquisados seja a outros. Você deverá a seguir refazer a tradução em outro sentido se quiser ser financiado (de [3] em [1] ou se quiser ser levado a sério de [3] em [2]).

[Conselho] Diante de uma questão ou um problema, pergunte-se sempre de qual universo vêm. A mesma coisa, diante de uma resposta. Compare os dois.

colaboração

**
v*

Exemplo: Uma tese de antropologia urbana no Inra no início dos anos 1980

1) No universo da demanda social havia, então, um interesse (polido, não caloroso) pelos rurais não agricultores; início da crise do produtivismo agrícola, interesse pela multiplicidade de atividades atravessado por questões de ecologistas (interesse n. 1). Havia um outro interesse (mais antigo e mais político) pelos *trabalhadores da grande indústria* (interesse n. 2). A tese de Florence Weber que enunciava o interesse n. 1 era financiada pelo Inra (Instituto Nacional de Pesquisa Agronômica), o que resultou em um emprego no departamento ESR (Economia e Sociologia Rural) onde trabalhavam economistas marxistas, sensíveis ao interesse n. 2.

2) No universo acadêmico havia a emergência de uma “antropologia urbana e industrial” (de cujo movimento fazia parte o orientador da tese em questão, Gérard Althabe) que enunciava o interesse n. 3 para os locais centrais da Modernidade (fábricas, bairros urbanos). Esse novo passo confrontava-se com uma sociologia do trabalho (ensinada por Michel Pialoux na faculdade de Paris-V) e com uma sociologia urbana (da qual Jean-Claude Chamboredon, na ENS – École Normale Supérieure – era um dos renovadores). F.W. formulou, então, o interesse n. 4 pelas relações entre *universo do trabalho* (ou da produção) e *universo da residência* (ou da reprodução).

3) Ela havia decidido fazer pesquisa de campo em Montebard (Côte-d’Or) onde sua mãe tinha uma casa, onde vivera quando criança, onde fizera seu trabalho de conclusão sobre o campesinato. Tateou por muito tempo antes de encontrar uma questão de pesquisa que foi formulada finalmente como: *o que fazem os trabalhadores de fábrica fora da fábrica?* (interesse n. 5) era bem a questão à qual respondiam as práticas observadas. Era, também, uma tradução do interesse n. 4, ele mesmo ligado ao contexto do interesse n. 3. Mas seus laços com os interesses n. 1 e 2 foram construídos por um verdadeiro trabalho de persuasão fundamentado sobre inevitáveis mal-entendidos, quais sejam: os pesquisados não eram nem “verdadeiros proletários” (aos olhos dos colegas marxistas), nem “verdadeiros operários multifuncionais” (de um ponto de vista jurídico), nem “verdadeiros rurais” (eram eles urbanos?, operários?). Como todo pesquisado, atropelavam as teorias e as categorias.

ções e das normas. Ela demonstra com força que todas as coisas do mundo social têm uma história, que nada é “como está”, “desde toda eternidade”. A etnografia clássica é uma outra arma para desnaturalizar o mundo social. É ela que chamamos de *pesquisa por desambientação*⁹ (cf. Encarte 7).

9. N.R.: Em francês o termo utilizado é “dépaysement”, de difícil tradução, e que significa “sentir-se fora de seu país, de sua cultura”, ou seja, “desambientado”, “descontextualizado”, “desfamiliarizado”. Mantivemos aqui a escolha do tradutor na falta de um termo mais específico em português.

Encarte 7**Pesquisa por desambientação e pesquisa por distanciamento**

Toda etnografia apresenta-se como uma tensão entre aquilo que é familiar e aquilo que é estranho, ou seja, ela se esforça por tornar familiar o que é estranho (é o modelo clássico da pesquisa por desambientação), ou seja, que ela se esforça por tornar estranho o que é familiar (é o princípio da pesquisa por distanciamento).

1) A pesquisa por desambientação está, desde a origem, ligada ao movimento de reformas sociais. Trata-se de sair de seu mundo e entrar em um outro para reformá-lo. É a missão do administrador colonial ou do visitante social (a ação das damas de caridade junto aos pobres, o criminólogo junto aos presos). Curiosidade e benevolência andam juntas carregando consigo essa simpatia voluntarista que busca tornar suportável essa ação de fazer o bem. As pessoas vão para dizer-lhes bom-dia e procuram protegê-los ou melhorar seus destinos.

2) A pesquisa por distanciamento é, em geral, isenta de benevolência. Pode exercer-se no caso de uma viagem sem fachada reformadora nem denunciadora. Os viajantes buscam divertir seus correspondentes ou seus futuros leitores. Não se trata mais de visitar infelizes, mas de visitar um lugar, um museu, uma exposição, um zôo. Os selvagens, os pobres são objetos pitorescos ou turísticos. São examinados, dissecados, observados sem discrição nem precauções. Pode também exercer-se "em casa" (no contexto social do pesquisador). Trata-se, então, de esboçar retratos como *Les caractères* de La Bruyère, *Les Mémoires* de Saint-Simon ou "Comment peut-on être persan?" de Montesquieu. Aqui, também, nenhuma simpatia, um olhar frio, objetivo, distanciado.

O distanciamento exerce-se, então, sobre os mais próximos, os grandes deste mundo, o universo familiar.

Ao se esquecer a visita filantrópica e sua simpatia benevolente, reduz-se a pesquisa por desambientação à curiosidade. Ao se esquecer o retrato dos costumes e sua ferocidade, reduz-se a tomada de distância à relação colonial. Mais vale saber que no horizonte da entrevista etnográfica projeta-se a visita benevolente e polida dos reformadores sociais, que no horizonte da observação etnográfica projeta-se a visita humilhante ao museu ou ao zôo. Observação e entrevista apresentam-se, desde então cada uma como o antídoto aos desgovernos da outra.

Por exemplo, nada mais natural e banal que as saudações. Mas uma análise sistemática permite compreender a que regras implícitas obedecem as pessoas que se encontram por acaso, que riscos correm, o que está em jogo nas distrações, nos esquecimentos, nas atitudes mal-educadas. Invertamos o olhar. É preciso aprender a considerar o "banal" como algo que não é automático, que poderia passar-se de outro jeito, que tem uma história. É preciso aprender a tornar estranha a trama da vida ordinária. Para isso prestem atenção aos objetos, aos lugares, aos momentos em que se cristalizam relações sociais (como tudo que se liga ao direito como também à arquitetura, à técnica, aos eventos rotineiros, em que vemos o social fervilhando tais como festas, cerimônias, carnavais... também às ocasiões de conflito que liberam, mesmo que seja de início sob forma amedrontadora ou chocante, relações sociais na medida em que são, ao mesmo tempo, relações de força e relações de sentidos.

Não se pode promulgar regras que permitam graduar em uma escala os melhores e os piores assuntos. É evidente que alguns assuntos o tocarão menos que outros, notadamente aqueles que introduziriam você em mundos que parecem distantes seja devido à sua origem social, geográfica ou devido à geração a que você pertence. No entanto, será, sem dúvida, mais fácil pesquisar sobre universos desconhecidos porque sua estranheza cria distância e obriga a ver com olhos novos fenômenos que seriam esquecidos se tais meios fossem familiares. Ao contrário, os universos que são próximos demais (especialmente aqueles que dizem respeito à juventude e à música) serão mais difíceis de pesquisar porque, sem recuo, tendo a impressão, de imediato, de compreender, mas, no final das contas, compreendendo sempre pela metade, você tem fortes chances de estar sujeito à ilusão de uma compreensão imediata.

Quando se propõe aos estudantes temas de pesquisas para um estágio de pesquisa de campo, alguns assuntos não despertam interesse algum ou provocam sorrisos ou risadas. É o caso, por exemplo, do estudo dos clubes de caça ou de pesca: atividades que são vistas por muitos estudantes como "coisa dos trouxas", categoria que demonstra um desprezo do qual deveriam desconfiar os jovens aprendizes sociólogos (o "trouxa" é sempre o outro?). Ora, esses clubes constituem-se como ambientes apaixonantes de interconhecimento que permitem apreender múltiplos aspectos da vida social: relações entre urbanos e rurais, sociabilidade comercial, convites aristocráticos¹⁰, revitalização dos sentimentos de pertença local entre os autóctones, emigrantes que retornam e novos residentes, política local, segregação de gênero (homens/mulheres), calendários profissionais e festivos etc. (BOZON & CHAMBOREDON [30]).

Escolher um campo: um lugar, um meio de pesquisa

Esta questão é, talvez, ainda mais importante que a escolha do tema, pois o tema evoluirá no decorrer de sua pesquisa, ao passo que, salvo exceção (o que seria lastimável), você não mudará de campo. É a escolha do campo que permitirá transformar a questão vaga e genérica do início em objeto empírico. Não aborde essa escolha crucial em detrimento do bom senso, pois a questão de suas *oportunidades para realizar a pesquisa de campo* pode ser decisiva. Comece por se perguntar a quais universos sociais você já está ligado graças às suas atividades profissionais, universitárias, associativas, esportivas ou graças às suas pertencas locais, políticas, religiosas etc. Depois, tente definir por alvo um universo não muito familiar no conjunto de seus universos.

Para dizer a verdade, o campo e o objeto empírico são inseparáveis, isto é, não há bom objeto (de pesquisa) sem "bom campo" nem bom campo sem "bom objeto". Mais exatamente, o objeto faz o campo (a questão permite ler o lugar e ambiente de interconhecimento como significativo) e o campo faz o objeto (a pesquisa permite descobrir boas questões). Mas se, de certa forma, todo tema pode ser sociologizado e transformado em suporte de pesquisa, existem trunfos e ciladas específicas no que concerne à pesquisa de campo. Não vamos apresentar aqui uma lista das condições de possibilidades mas, sim, assinalar preferências inspirando-nos na experiência adquirida na orientação

10. N.R.: A caça na França tem uma tradição aristocrática.

de trabalhos de estudantes. Não proibimos nada; estudantes particularmente hábeis no campo encontraram sempre uma solução.

Os campos difíceis

Há campos mais ou menos fáceis e outros que podemos chamar de difíceis. Há certas impossibilidades materiais, objetivas como constrangimentos institucionais que fazem, por exemplo, que a pesquisa seja custosa demais em tempo (seria preciso pedir solicitações que demoram muito para serem outorgadas).

Há, também, ambientes que exigem muita experiência profissional e capacidade para impor-se como pesquisador. Existem, por fim, situações em que o pesquisador não pode construir para si mesmo um local de observação.

Por exemplo, é difícil pesquisar junto a trabalhadores ligados à assistência social. São profissões, hoje, sujeitas a condições de trabalho cada vez mais difíceis (a "fratura social" não é mais que um tema de campanha política), contestadas em sua própria existência por uma certa ideologia liberal ou de extrema-direita. Além disso, estão em atrito com a sociologia (que lhes é ensinada por ocasião de seus estudos), alguns dentre eles vêm nos sociólogos possíveis concorrentes. Em todo o caso têm boas razões para procurar controlar de perto o trabalho do sociólogo.

Por exemplo, ainda, se quiser trabalhar junto aos caixas dos super ou hipermercados a via é estreita. O que se conhece da organização do trabalho (profissões femininas e pequeno grupo masculino de superiores, forte taylorização das tarefas, vigilância estreita do pessoal especialmente sobre tudo que se refere às "operações de caixa", um meio pouco sindicalizado, *turn-over* elevado) mostra que a passagem prévia pela via hierárquica é quase impossível, pois não apresenta interesse algum pela pesquisa e pode até, por vezes, bloquear a pesquisa. Por outro lado, a situação de observação é difícil se não se forçar a passagem, isto é, ficando parados por longo tempo diante ou atrás dos caixas, atraindo, assim, obrigatoriamente as suspeitas do pessoal e da direção. Sobram, como soluções, os contatos diretos com as caixas, mas é uma solução aleatória (como fazer-se aceitar?), ou os contatos indiretos *via* delegados do pessoal ou os sindicalistas. A solução mais efetiva do ponto de vista da pesquisa consiste, pois, em fazer-se contratar como caixa para recolher *in situ* os elementos de observação que interessam. Pode-se ver que para observar tal ou tal microobjeto em tal ou qual micro meio-ambiente, em microssituações, é preciso ter um local possível, poder construir seu local. Para dizer a verdade, os campos não são por si mesmos fáceis ou difíceis do ponto de vista absoluto, mas apenas em relação à posição social do pesquisador.

Os campos "próximos"

Não existe, em si, campo "interditado", mas é preciso, sem cessar, ajustar o método ao assunto escolhido. Um grande número de estudantes desejam tirar partido de sua experiência diária na proporção em que é, muitas vezes, provisória e diversificada.

Isso pode, de fato, ser uma boa idéia mesmo que fosse só para reduzir o custo material da pesquisa. É preciso, no entanto, saber qual é a maior dificuldade intelectual dessa solução. Tornar-se pesquisador quando se é de antemão participante (é o que chamamos

de pesquisa *por distanciamento*) supõe uma tomada de distância pela qual não será possível apoiar-se sobre as próprias impressões de estranhamento. Em particular, tudo parecerá parecer, de antemão, natural, evidente, automático, pois haverá explicação para tudo; ter-se-á a impressão de tudo saber. São inúmeros preconceitos dos quais será preciso livrar-se. Uma grande parte das condições objetivas da pesquisa será regulada de antemão, fora do campo de observação. Você terá estabelecido novas relações de amizade, de aliança, de inimizade, de antipatia e terá esquecido como elas aconteceram e que elas têm efeitos importantes sobre suas interpretações. Se tiver consciência das dificuldades do exercício, poderá aproveitar essa imersão para convertê-la em objeto de pesquisa.

Exemplos: os vigias de escola de ensino fundamental ou médio (vida clandestina dos estabelecimentos escolares), as *baby-sitters* (observação das famílias e do modo de educação), os esportistas de todo tipo, os animadores socioculturais, os empregados de *fast-food* e tudo o que chamamos de "bicos ou empregos de estudantes".

Exemplo 1

Uma estudante do último ano de graduação que, por muito tempo, procurou um "assunto", e acabou escolhendo um qualquer na falta de algo melhor (ela trabalha sobre um comitê de empresa¹¹). Ela nos relata, no meio do ano, que "faz as feiras" (como vendedora de frutas e legumes) todos os sábados em sua cidade de origem. Esse trabalho assalariado permitiu-lhe financiar parte de seus estudos universitários desde que entrou para a faculdade. Quando lhe dissemos que isso teria sido um belo tema de pesquisa, ela reconhece: "Ah sim! Haveria um monte de coisas a dizer!" Mas isso não lhe parecia de fato um assunto "digno" de verdade de um trabalho de conclusão. Quando pedimos que narre sua experiência, sente prazer em lembrar o que ela vê, do interior da feira, mas que não se vê nunca quando se é cliente de uma feira, como a concorrência entre vendedores e, sobretudo, após alguns anos, o aumento da agressividade e da irritabilidade dos clientes, as numerosas disputas que trava, em seu trabalho, com parte da clientela. À simples lembrança de seu trabalho, inúmeras pistas de pesquisa surgem no contexto de uma pesquisa de observação participante (seria preciso dizer participação observante) como, por exemplo, as técnicas de pacificação da relação social vendedor/cliente, a feira como espelho da tensão social em uma pequena cidade do interior (tensão que não se concentra unicamente, como muitas vezes se pensa, nos bairros "difíceis"). Pode-se comparar com as "pequenas feiras" parisienses chiques, do sexto distrito (*VI^{ème} arrondissement*) de Paris ou do interior onde se vai em busca do que tem a cor local e do reconhecimento (a respeito do interesse dos ofícios ligados aos serviços, cf. Peneff [65]).

Exemplo 2

Uma estudante do último ano da faculdade queria trabalhar, sem idéia precisa, "sobre os refeitórios escolares"; pois todos os dias, entre meio-dia e duas horas, ela ajuda os alunos de uma escola maternal nas suas refeições. No início não "vê" nada, não tem

11. N.R.: Comitê de empresa na França é o setor que se ocupa dos "benefícios" dos empregados (descontos para cinema, teatro, viagens de férias, etc.)

nada a dizer sobre sua atividade de trabalho. Pouco a pouco, quando se pede que detalhe seu trabalho (idade das crianças, número de crianças por mesa, organização das refeições, divisão do trabalho entre as estudantes que ajudam os pequeninos a comer e na cozinha etc.) ela nos informa uma quantidade de elementos interessantes que percebia, até então, como detalhes sem interesse. Descobre coisas nas quais nunca pensara (é verdade, jamais pensei nisso), repete várias vezes durante nossa discussão. Por exemplo, que três anos é justamente a idade em que acontecem as aprendizagens alimentares (uns comem com talheres, outros só com a colher), que é uma idade crucial, um momento de definição. À medida que a discussão avança, vê surgirem novas coisas a observar: o barulho, as ordens, as gozações entre alunos, o trabalho das Assistentes-Inspetoras de Escolas Maternais (Asem), os pequenos conflitos recorrentes, “estudantes” / Asem, “estudantes” / cozinheiras, etc. Colocará no centro de seu trabalho o conflito com a chefe da cantina (uma cozinheira de 55 anos, graduada) que não pára de dar lições de moral às alunas repreendendo-as por seu laxismo (elas não forçam o suficiente as crianças a comerem). A estudante fala-nos disso em tom de gozação e às vezes com nervosismo (vive esse conflito todos os dias), sem ver que é um jogo de conflito social importante, a saber, o medo das antigas cozinheiras de serem delatadas pelas estudantes junto ao chefe; um conflito de culturas de classe, conflitos de gerações (as repreensões dessas cozinheiras que ali trabalham de vinte a trinta anos visam a fazer respeitar sua antiguidade pelas “jovens”).

Do tema ao campo

Ilustremos nosso propósito com um exemplo aprofundado. Imaginemos que você queira trabalhar com os alunos de um IUFM (o de sua região, por exemplo). Uma das questões sociológicas que você pode levantar sobre os IUFM (Institutos Universitários de Formação dos Mestres, que substituíram, em 1991, as escolas normais) é saber se eles cumprem, ou não, as mesmas funções de socialização para o ofício quanto estas últimas. Mesmo se o assunto é muito amplo, uma pesquisa estatística (por questionário) parece possível com a única condição de obter a autorização da instituição e de negociar a seguir boas condições práticas de distribuição do questionário.

A priori, o problema é simples. Você fará distribuir um questionário junto aos alunos do IUFM a fim de conhecer suas principais características sociais (idade, sexo, origem social), suas trajetórias escolares (tipo e lugares de seus estudos na escola fundamental e no ensino médio, tipo de escola de ensino médio, tipo de diploma do ensino médio, estudos universitários) e, de acordo com seu centro de interesse, questões mais detalhadas sobre suas práticas culturais, suas práticas de trabalho, sua sociabilidade ou suas aspirações profissionais e sociais. Idealmente (no nível do mestrado ou do doutorado ou por ocasião de um contrato de pesquisa) você completará essa pesquisa monográfica por meio de uma comparação com um ou outros IUFM para melhor destacar a especificidade da primeira monografia regional.

Em compensação, se escolher efetuar uma pesquisa de campo, abandone a idéia de produzir você mesmo tais dados estatísticos. Isso não exclui por certo a pesquisa (sempre difícil nesse tipo de instituições) de dados descritivos que lhe darão as indicações de base para iniciar sua pesquisa: evolução dos efetivos, *sex-ratio*, a média de idade dos

↳ questões de
presença de gênero
2004

primeiros e segundos anos e todos os dados disponíveis sobre o concurso de admissão no segundo ano: número de candidatos/número de pessoas tendo composto/número de admissíveis/número de recebidos (e cálculo das porcentagens respectivas), taxas de sucesso no concurso de acordo com o sexo, a idade, o nível escolar, o curso universitário e, se possível a divisão dos candidatos e dos aprovados de acordo com a origem social e a região de origem.

Para obter tais dados é preciso usar seu tempo, solicitá-los em tempo útil (não, por exemplo, no início do ano letivo) e sobretudo pedir com gentileza (fazendo saber que estão lhe prestando um grande favor) ao administrador da informatização das fichas no IUFM. Tudo isso pode ser feito em paralelo com a pesquisa de campo mesmo que o conhecimento dessas estatísticas de base permita-lhe ir muito mais rápido ao campo porque armará sua observação e, acima de tudo, lhe permitirá propor questões mais pertinentes aos pesquisados.

Para conduzir uma pesquisa de campo você deve previamente reduzir a extensão de seu assunto. Um IUFM é vasto e não poderá pesquisar tudo de forma intensiva. É preciso limitar-se a um domínio de estudos, efetuar uma série de escolhas sucessivas para chegar a um tema limitado e tratável num espaço de tempo razoável. Como lidar com isso?

- Sabe-se que há dois anos de IUFM. O primeiro corresponde ao ano de preparação para o concurso, o segundo reúne todos que foram admitidos no concurso para professor das escolas, uma população mais restrita, selecionada pelo concurso, mas, também, muito heterogênea escolar e socialmente (estudantes de origem bem diversa, mães de família em fase de reinserção profissional). É o ano que prepara para o ofício (aulas em grandes anfiteatros, três estágios no ano, sendo um de quatro semanas no qual se é "responsável" por uma turma de estudantes em uma escola).

Pode-se já considerar que esse segundo ano é mais interessante para estudar ou, pelo menos, mais capaz de dar resultados de pesquisa mais depressa. Por um lado, o estresse do concurso já passou, os dos 2º ano foram bem-sucedidos, estão aliviados, amplamente seguros quanto ao futuro, passaram para o "outro lado" (funcionários-estagiários pagos pelo Ministério da Educação Nacional, etc). Têm, portanto, mais chances de estarem disponíveis para pesquisa que aqueles que se preparam para o concurso. Por outro lado, entram em um novo ofício, deixam a condição de estudante propriamente dita, seguem uma formação profissional, descobrem um novo universo - a pedagogia em teoria e prática, as classes de crianças que conheciam mais de forma abstrata. Tudo isso compõe um tema, a entrada na carreira docente, a socialização profissional dos professores das escolas/estagiários.

- Uma vez reconhecido o interesse sociológico de um tal tema, é preciso, a seguir, passar à realização prática da pesquisa. Como e onde encontrar esses alunos? É preciso multiplicar as pistas como as aulas nos anfiteatros (talvez você possa assistir a eles e fazer observações), os intervalos, a lanchonete. É preciso, também, colocar algumas questões. Será que o IUFM é como as antigas "escolas normais", um mercado matrimonial muito ativo? Quem organiza as férias no campo de esqui? Existe uma associação esportiva que participa das competições contra as outras escolas e faculdades? Você percebe que sempre deve ter em mente uma série de questões para conduzir a pesquisa. Tais

questões permitem-lhe, ao mesmo tempo, reduzir seu tema e adaptá-lo às condições objetivas locais (não seja obstinado pelo esporte se a associação não existir!) e a seus centros de interesse (passagem para a idade adulta, aprendizagem de um ofício, politização/despolitização de uma geração, etc.)

Os durkheimianos sempre defenderam uma *definição provisória do objeto*. Em matéria de pesquisa de campo, tal preceito vale quase que *a fortiori*. Pode-se, no entanto, insistir na existência de definição prévia ou no seu caráter *provisório*, ou, mais exatamente, que o objeto final diferirá sensivelmente do projeto inicial. Por quê? Porque, nesse ínterim, a pesquisa terá caminhado lentamente passando alternadamente das fases de progressão e bloqueios. Ora, longe de crer que a pesquisa desenvolve-se segundo um plano de programação decidido pelo pesquisador, pode-se dizer que, de certa forma, o campo dita suas leis ao pesquisador. É claro que este último pode dar novo rumo à sua pesquisa, desenvolver novas táticas, descobrir novos acessos, esboçar nova problemática. O caráter evolutivo, não linear, "plástico" da pesquisa é fundamental ser levado em conta para evitar o fenômeno muitas vezes constatado, e sempre danoso, da "fixação" do estudante em seu primeiro objeto de pesquisa. Uma pesquisa que não transforma os termos da questão de início é uma má pesquisa, inútil e ineficaz.

Conseqüência prática (e psicológica) é que não se deve nunca conceber seu assunto de pesquisa como algo fixo, fechado, definitivo, fechado a cadeado pois isso conduziria por longo tempo a ser carregado como grilhão.

Por que apegar-se tanto de maneira irracional a seu assunto? Tal apego rígido a um tema de dissertação definido e escolhido pelo estudante demonstra essencialmente um investimento psicológico, uma relação privilegiada com seu assunto e do qual não quer se soltar por força da autoridade docente. Esse enrijecimento totalmente compreensível pode acarretar uma cegueira a respeito do desenvolver de sua pesquisa, pois fazendo de seu objeto um fetiche pode-se perder o rumo em definitivo de sua pesquisa mas, sobretudo, não admitir mais que se esteja num impasse. Nada ilustra melhor esse entrelaçamento entre conduta de pesquisa e investimento pessoal (engajamento no trabalho e auto-estima) que as diferentes formas de resistência dos estudantes aprendizes a deixarem-se guiar por seus "professores" para, ao contrário, agarrar-se (desesperadamente) a seu assunto, ao qual se apegam como se fosse uma parte deles mesmos.

Talvez ainda seja preciso lembrar que a "pesquisa" é, também, uma aprendizagem da modéstia¹², pois a situação de pesquisa presta-se bem a isso quando aprendemos a errar e os erros fazem-nos progredir é uma escola de lucidez e de auto-análise. O enca-

12. Sob esse ponto de vista, a situação de concurso para ser professor está do lado oposto do da pesquisa. Em um concurso, especialmente a agregação, aprende-se a desempenhar um papel, a seguir como se fosse onisciente, a disfarçar as próprias lacunas. Postura como essa pode, por vezes, levar a uma perigosa "exaltação do ego", nem sempre predispõe à pesquisa uma vez que, nesse processo, os fatos resistem, e pode-se enganar; exigem-se outras qualidades tais como honestidade, escrúpulo e um sábio equilíbrio entre tenacidade (nunca desanimar) e ausência de obstinação (reconhecer as pistas falsas).

minhamento da pesquisa faz aparecerem outros objetos que não aquele definido no ponto de partida.

É preciso, pois, poder aceitar os ensinamentos do campo que, a seu modo, lhe ditam um outro objeto certamente diferente do primeiro, mas, também ele, interessante.

Um exemplo muito bonito é a pesquisa de Emmanuelle Yohana [48]. Tendo partido para a pesquisa de campo, para estudar uma associação de reforço escolar, com uma perspectiva de sociologia da educação, descobre, no meio pesquisado (uma "cidade" da periferia vermelha¹³), um outro "tema". Converte seu objeto - o reforço escolar - no estudo da sociabilidade de um grupo intermediário em um conjunto habitacional da periferia. De fato, poder-se-ia dizer que, acobertada pelo reforço escolar, a associação de jovens do bairro oferece mais que tudo um lugar protegido, que confere especialmente aos jovens que ministram o reforço escolar um *status* digno que evita, aos olhos dos moradores do bairro popular, de serem iguallados àqueles que "vagabundeiam", aos "malandros" etc.

Lembramos uma evidência, que é sempre preferível apoiar-se no desejo de conhecimento. Nada nos parece mais perigoso e inútil do que engajar-se num trabalho de campo com a única perspectiva de cumprir uma obrigação universitária. O trabalho por impregnação "no campo" que se traduz pela acumulação de vários materiais que compõem um material heterogêneo (fontes escritas, observações de diversos tipos, entrevistas informativas e aprofundadas) exige a disponibilidade mental do pesquisador. Ele aguça o olhar do sociólogo de tal modo que faz com que ele se aproprie progressivamente das dinâmicas sociais e dos temas que conduzem os pesquisados a reagirem, assim como a classificar os materiais de acordo com o interesse e sua pertinência ao tema da pesquisa.

13. N.R.: A periferia vermelha (*banlieue rouge*) é a denominação para o conjunto de cidades na periferia de Paris que durante um longo período tiveram governos municipais comunistas.

2

Preparar a pesquisa

Você escolheu um tema de pesquisa que se tornará, durante sua realização, um objeto de pesquisa; você achou um primeiro campo que se tornará bem depressa, é o que esperamos, seu campo definitivo. Terá boas razões para crer que “pronto, cheguei” e que poderá lançar-se ao campo, dar partida de imediato à sua pesquisa, fazer avançar depressa seu trabalho. Seríamos tentados a dizer-lhe, com base em experiências de pesquisas, que pesquisas iniciadas com pressa são rapidamente enterradas. “Calma! Não se precipite. Utilize bem seu tempo”. Pois, previamente, é preciso preparar sua pesquisa, isto é, documentar-se com diversos tipos de leitura, apropriar-se de um mínimo de conhecimentos que serão diretamente úteis no campo. Assim como o homem de ciência prepara longamente e cuidadosamente sua futura experiência em laboratório (os riscos de artefatos estão fortemente ligados às condições dessa preparação), assim também o pesquisador deve preparar sua futura partida para o campo; deve montar uma bibliografia adequada a seu objeto e a seu “campo”; deve ler artigos ou livros de sociologia, de antropologia e, também, de história e de geografia, de ciência política; ler relatórios de pesquisa, assistir a documentários não lançados (se existirem); elaborar fichas e organizar o que vai levar para o campo, etc.

O objetivo dessa etapa prévia não é transformá-lo em onisciente ou num sabe-tudo de antemão sobre seu tema ou sobre seu contexto de pesquisa, especialmente por causa do risco que há de prolongar infinitamente esse período para justamente retardar o momento de ir ao campo. Trata-se mais simplesmente de agir de tal forma que nunca chegue inteiramente virgem ao local, desarmado intelectual e tecnicamente para realizar seu trabalho de pesquisa, pois não se pode improvisar um pesquisador de campo; mesmo que a experiência do trabalho no local seja decisiva para juntar os materiais não é por si só o alfa e o ômega do trabalho sociológico ou etnográfico. Uma pesquisa de campo prepara-se, não se faz na base do feeling, sejam quais forem as capacidades do pesquisador das quais cada um se vale antes de ir ao campo.

Princípio de base. O pesquisador deve estar ao mesmo tempo munido de uma boa cultura geral em ciências sociais (se não, é cego), informado sobre seu campo, lugar ou contexto de pesquisa. Deve, no decorrer da pesquisa, mobilizar conhecimentos para poder interpretar, na hora, situações, reagir rápido à maneira de um esportista que deve antecipar, contra-atacar ao ver chegarem os golpes. Fazer um trabalho de pesquisa assim, estar em situação preparatória de pesquisa é, antes de tudo, adotar um certo estado de espírito, converter-se a uma certa postura intelectual e, não hesitamos em

dizê-lo, pesquisar é sempre tornar-se um pouquinho monomaniaco e, obcecado por seu trabalho, chateando seu(sua) companheiro(a), seus amigos, sua família com seu assunto, suspender no tempo da pesquisa uma parte dos seus compromissos anteriores ou paralelos para concentrar-se em seu trabalho. Esse investimento pessoal em sua pesquisa, desde que seja canalizado e regulado, será o melhor motor de sua pesquisa.

O trabalho de documentação prévia

Engajar-se numa pesquisa de campo equivale a situar-se do lado da construção dos dados e não do lado da divulgação dos resultados. É preciso, pois, mergulhar logo no trabalho e ler, não de modo desinteressado (como o grande público que se distrai e se ilustra) e não de modo escolar (como o candidato que aprende aquilo que precisa saber) mas de modo *ativo e inquieto*. Ninguém virá pegar-nos pela mão para dizer-nos o que é preciso saber. O primeiro encargo será "ciscar" aqui e ali para criar uma bibliografia pessoal. Não é o caso de "ler por ler" nem de ler "qualquer coisa".

Ser competente no seu tema

Quatro razões advogam em favor de um prévio trabalho de leitura antes de ir ao campo.

- A inscrição numa tradição de pesquisas cumulativas, pois, com efeito, se as ciências sociais não obedecem ao regime epistemológico das ciências da natureza podem, no entanto, utilizar-se, desde o início de sua existência (hoje, mais que centenária), de uma certa cumulatividade de seus resultados. O menos que se pode esperar de você numa pesquisa de campo, mesmo que seja sua primeira, é que leve em conta resultados de outras pesquisas publicadas ou não¹⁴. É preciso, pois, ler para não "descobrir a lua", mas para conhecer "o estado da arte", para evitar reproduzir erros ou preconceitos já ultrapassados de longa data.

- Suas leituras prévias devem permitir-lhe que coloque para si mesmo suas primeiras questões ou, mais exatamente, que faça novas questões para compreender uma realidade social, ela mesma em mutação. Aprenderá, à medida que avança, que a pesquisa consiste, essencialmente, em propor boas questões.

- Não se pode chegar ao campo com o espírito vazio porque sua ignorância e ingenuidade serão de imediato identificadas por seus pesquisados e correrá o risco de parecer incompetente, de passar aos olhos deles como alguém "não muito sério". Se o pesquisador observa os pesquisados é preciso que saiba de imediato que estes não param de pesquisá-lo a seu modo. Na seqüência dessa partida mal dada não lhe será talvez impossível restabelecer a situação, mas será difícil estabelecer uma relação de pesquisa mútua. Esta supõe, de fato, intercâmbios aprofundados, "discussões", isto é, uma certa forma de respeito mútuo. Por ocasião de uma pesquisa de campo é sempre preciso estar, o quanto possível, à altura da idéia das pessoas comuns, do que vem a ser um pesquisador.

¹⁴ Por exemplo, não seria demais recomendar-lhe que tome conhecimento e/ou leia os trabalhos de conclusão e dissertações de mestrado de seus predecessores em sua universidade.

Encarte 8

Leituras antes, durante e depois da pesquisa

Não leia os mesmos textos antes, durante e depois da pesquisa.

Antes da pesquisa prefira leituras pontualmente úteis, as leituras informativas. Não se feche numa interpretação pré-construída que lhe cause cegueira diante das especificidades do que está observando.

1) Leia estudos históricos, folclóricos, geográficos sobre o seu campo (lugar ou contexto de pesquisa). As teses de geografia regional francesa, numerosas e excelentes de 1920 a 1960 constituem-se uma notável introdução ao campo (o próprio fato de serem “datadas” dá-lhe elementos históricos). É preciso que recue um século, por vezes mais, em seu local de pesquisa ou no meio social que escolheu como campo.

- Leia relatórios de pesquisa etnográficas (cf. Referências bibliográficas) para ter uma idéia do que você irá encontrar.

- Leia alguns “grandes” textos sobre o tema que já escolheu ou, ainda, para escolher seu tema.

2) Evite os manuais (exceto este aqui!), as enciclopédias; evite os textos muito especializados sobre seu tema.

Durante a pesquisa prefira as leituras de texto que entusiasmem. Lerá pouco, mas serão leituras decisivas. Busque analogias e encontre modelos inesperados.

1) Leia textos de referências para fazer comparações com seu campo. Seu tema está prestes a afinar-se; leia pesquisas “exóticas” em relação a seu campo, mas cujo tema se aproxima do seu.

2) Você pode completar suas leituras “locais”, pode ler manuais ou enciclopédias (o campo é um excelente antídoto contra as generalidades).

Depois da pesquisa prefira as leituras críticas. Leia textos dos quais não gostará e que estará, enfim, à altura de criticar graças ao seu trabalho de campo. Leia textos especializados sobre seu tema de partida e sobre o objeto que finalmente definiu. Terá, então e somente então, os meios de confirmar ou negar tais interpretações.

Encarte 9**Faça fichas**

“Nessas fichas, classificará as experiências vividas e as atividades profissionais, os estudos no campo e aqueles que tem em mente fazer. Você, um artesão intelectual, associará seu avanço intelectual e sua aventura humana. Não temerá aproveitar sua experiência e ligá-la diretamente aos diversos trabalhos em andamento.

Quadro de referência para os trabalhos que se repetem, suas fichas economizam sua energia. Dão coragem para apanhar, no ar, os afloramentos, as idéias que vêm de todos os lados, subprodutos da vida quotidiana, trechos de conversas na calçada, sonhos. Uma vez lançadas no papel, podem fazer eclodir um pensamento mais refletido ou, então, dar uma pertinência intelectual a experiências mais exploradas. Mantendo suas fichas atualizadas e sujeitando-se a esse exame de espírito, você aprende a manter um *alerta interior (como para o diário do campo)*. Quando idéias ou eventos sacodem-no, tente retê-los consigo e fichá-los, adivinhar suas bases, convencê-los de sua inutilidade ou articulá-los de maneira significativa. As fichas dão-lhe igualmente o hábito de escrever. Há o risco de “enferrujar-se” se não escrever todas as semanas. Acumulando as fichas, pode fazer a experiência da escrita e, como se diz, aperfeiçoar seus dons de expressão. Fazer fichas é entregar-se à experiência dirigida [...]. As fichas são para o sociólogo o que os blocos são para o escritor. São indispensáveis” (WRIGHT MILLS, p. 206-207).

- Enfim e acima de tudo, é preciso saber que, se você chegar “sem idéias” ao campo, sem idéias extraídas de suas leituras sobre seu tema você acaba chegando, de fato, com suas idéias “só suas”, com suas pré-noções, seus preconceitos sociais, isto é, com muitas idéias falsas cheias de etnocentrismo a respeito do meio pesquisado e sobre os próprios pesquisados.

Familiarizar-se com o campo

No campo, você terá que fazer a aprendizagem da “linguagem nativa”. Apesar da existência de uma língua de referência comum, a língua padrão, perceberá bem depressa que o vocabulário de base das pesquisas apresenta numerosas particularidades tanto mais propícias aos mal-entendidos que seus interlocutores e você crêem estarem partilhando a mesma língua. Tal aprendizagem fundamental é lenta, complicada, demandando paciência e perseverança. Dada a importância do que está em jogo – a compreensão da linguagem nativa está no centro da pesquisa etnográfica – é preciso preparar-se de antemão (cf. Encarte 13). A “linguagem nativa” pode assumir diferentes formas de acordo com o meio pesquisado.

Encarte 10**Os impasses e gafes ligados à ausência de leitura**

Tomemos um primeiro exemplo no domínio de sociologia da educação. Como somos, todos, antigos alunos e, por causa disso, “nativos” do meio escolar, a tentação é particularmente grande, notadamente quando se é jovem estudante (tendo saído há pouco do ensino médio). Confiar em sua própria experiência social de antigo aluno pode parecer uma base suficiente para entrar nesse campo. A leitura de trabalhos sobre a escola pode parecer não ser indispensável. E está aí um erro manifesto! De uma parte, a escola é uma instituição muito regulamentada que não pára de transformar-se, assim como a denominação das carreiras a seguir, os modos de avaliação, os mecanismos de orientação que não param de mudar. De outra parte, a ausência de leituras precisas sobre o funcionamento do sistema educacional, ao privá-lo do conhecimento mínimo de fatos elementares do sistema escolar como as siglas que povoam esse universo – classificação por zonas (ZEP, “zonas sensíveis”...), tipologia das escolas de ensino médio (L, S, ES, STT, STI...), sindicatos (SNES em FSU, SGEN, SNALC, FO, SUD-Educação), associações de pais de alunos (FCPE, PEEP, APEL...), vão impedi-lo, por exemplo, de manter uma discussão séria com um docente ou um membro da administração. Não poderá nem mesmo começar sua pesquisa.

Se não tem idéia alguma das dinâmicas que permeiam o meio docente ou, mais amplamente, o universo da escola, ser-lhe-á muito difícil estabelecer um mínimo de cumplicidade com os pesquisados e/ou de poder devolver-lhes a bola em tempo hábil. Da mesma forma, se você ignora a história (muito complexa) do sistema escolar, não poderá tomar o mínimo de distância do discurso nativo, a saber, o conhecimento do passado da instituição é muito freqüentemente uma chave para compreender as situações de hoje. Para começar uma pesquisa sobre um estabelecimento escolar as conquistas da sociologia da educação são tão necessárias quanto mais estas tiverem sido divulgadas no meio docente e quanto mais seus interlocutores não puderem compreender que você sabe menos que eles sobre um campo de conhecimento que é seu. Pois este é um universo em que é preciso estar particularmente armado para levar a bom termo uma pesquisa. Claro que o que vale para a instituição escolar vale para outras instituições.

A ausência de preparação expõe muito o pesquisador a erros ou a “gafes” que anulam todo trabalho.

Exemplo 1

Dois estudantes desejam pesquisar as “relações amorosas entre alunos do ensino médio”. É um tema que não desperta o entusiasmo dos orientadores do estágio que vêem nele um “assunto-armadilha”. Após muitas peripécias, dirigem seus olhares para a escola técnica onde estão alocados os estudantes do estágio de pesquisa de campo. O assunto não é levado a sério pelos jovens; os pesquisadores (um pouco devido ao fato da hierarquia dos estabelecimentos escolares e da especificidade das escolas técnicas) são rapidamente vistos como suspeitos, pelos alunos, de serem “tiras” à cata de pequenos tráficos; sua presença contínua no local é fonte de inúmeros mal-entendidos; nenhum “aliado” pode ajudar. A tensão aumenta dia após dia. Essa “história” não foi inteiramente esclarecida, mas o fato é que, no próximo ano, nossa demanda para realizar estágio nesta escola técnica será recusada.

Exemplo 2

Uma estudante parte para entrevistar militantes de FO (Sindicato Força Operária) sem sequer conhecer a diferença entre FO e a CGT (Sindicato Confederação Geral dos Trabalhadores). Quando a secretária de seção FO se apercebe disso, no decorrer da entrevista, espanta-se com isso e, com seus colegas, diverte-se “fazendo gozações” sobre a estudante que acaba, às custas de sua ignorância, desistindo, em seguida, de fazer a pesquisa de campo.

O balanço é o mesmo nos dois casos, isto é, o pesquisador percebe-se desqualificado no campo a ponto de não poder continuar qualquer pesquisa que seja naquele local. E, como se diz no jargão, você está queimado e o campo também, você e todos que, pouco depois, quiserem assumir o revezamento.

Pode ser uma linguagem de ofício (um jargão) num universo de trabalho necessariamente estranha aos leigos (você é um deles), por exemplo a dos policiais, dos operários (que varia bastante conforme o ramo industrial), a dos profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem), a dos artistas (atores, pintores, músicos...), dos esportistas, etc.

O vocabulário próprio de cada meio profissional é, ele mesmo, produto de uma história, transmitida de geração a geração. A leitura de trabalhos históricos ou de pesquisas de campo sobre o contexto de pesquisa será um primeiro passo para chegar a decifrar os relatos dos pesquisados, para compreender as explicações que estes, sem dúvida, lhe darão.

Mesmo que o tema do desaparecimento das classes sociais esteja em moda hoje em dia, as pesquisas de campo, pela proximidade que permitem com as maneiras de ser e de falar, não cessam de lembrar-nos a persistência das linguagens de classe, das maneiras de viver e de fazer, típicas de certos grupos sociais (e a começar pela oposição entre a burguesia e as classes populares). Se você trabalha num meio social diferente do seu meio de origem, ser-lhe-á preciso aprender a decodificar rápido a linguagem própria de seus pesquisados, não para imitá-los (isto não é instantâneo, pois a linguagem é algo “que se incorpora”), mas para compreender. Por exemplo, se você é oriundo de um meio popular e estuda num meio burguês (famílias, associações ou “clubes” fechados, profissões liberais, clubes esportivos “seletos” etc.) precisará prestar atenção particular às maneiras de falar, à utilização de metáforas e de eufemismos para dizer as coisas de forma dissimulada, para falar da amizade, da afeição ou, ao contrário, do desprezo ou ódio.

De fato jamais se deve esquecer que, uma vez no campo, tudo caminha muito rápido e nunca se pode, como nas ciências naturais, recomeçar o experimento ou pará-lo. Isso significa que precisa estar preparado para poder decodificar no momento e quase no instante um certo número de situações ordinárias a que assista.

Isso pode não somente permitir-lhe fazer bonito na interação, como também pode ajudá-lo a observar e a escutar, a coletar um glossário de expressões e de termos. Uma boa preparação do campo ajuda a *permanecer às espreitas*. Lembremo-nos de que os pesquisados, nas situações comuns, agem, na maior parte de tempo, como se você compreendesse tudo de imediato, como se fosse um deles, e se estiver numa situação de entre-

vista (gravada), nem sempre dedicam tempo a explicar, ainda mais se não têm consciência de que não os compreende. Não se pode também, sem parar, interrompê-los para pedir-lhes precisões no vocabulário empregado.

O mais difícil de se conseguir e, aliás, só se consegue com o tempo e com a convivência com os pesquisados é um conjunto de reflexos que permitem desvendar o implícito da vida social no meio em que se está pesquisando, isto é, o conjunto das coisas que são claras, admitidas por todos e que justamente não são dominadas pelo estranho. É evidente que será levado a cometer erros, por vezes “falhas” que evidenciam seu desconhecimento dos códigos de conduta e das maneiras de agir e de ser que estão em vigor no meio pesquisado; e quando você será “repreendido” e lhe chamarem à atenção é que você avançará mais rápido no esclarecimento desses implícitos. *Exemplo*: “Você está muito orgulhosa hoje” porque não respondeu bom dia ou, então, “Mas já te vi hoje” porque saúda-se formalmente uma segunda vez no decorrer do dia.

Tais observações visam a deixar-lhe claro o interesse de um saber prático de base antes de começar uma pesquisa. Ser-lhe-á útil para levantar questões mas, sobretudo, para “melhor seguir”, decodificar mais rápido situações comuns, por vezes essenciais para compreender no ato e evitar as mais grosseiras gafes.

Não ler demais

Se é necessário relembrar essa exigência de leituras prévias é, também, importante prevenir que, por vezes, é bom ir a campo “sem ter lido demais”. É um conselho paradoxal no universo acadêmico. Fazemos questão de o dar porque já se constatou inúmeras vezes que uma maneira de lutar contra o medo ou a “angústia” de um primeiro trabalho de campo consiste em acumular leituras preparatórias, notadamente teóricas que são concebidas como chaves capazes de abrir todas as portas. Ora, no trabalho de campo tal acúmulo de leituras pode mostrar-se prejudicial. Você se verá, de certa forma, preso a essas teorias, às quais irá querer submeter tudo que observar (cf. Encarte 11). Você corre o risco de não ver nada diferente do que aquilo que veio procurar. Ora, o campo deve poder também funcionar, se não como questionamento radical das teorias, pelo menos como série de ajustes, por vezes muito importantes. O excesso de leituras preparatórias constituir-se-á um tipo de viseira entre a realidade observada e você, que correrá o risco de uma interpretação apressada, mais ainda, de se deter bem depressa nos fenômenos que satisfazem sua teoria preferida e de não dar seqüência às investigações empíricas.

Conseqüência: terá grandes chances de procurar, a qualquer preço, explicar o material recolhido a partir do poder explicativo de grandes conceitos que tudo englobam, sem prestar suficiente atenção à particularidade de seus dados, ou, em outras palavras, sem se deixar suficientemente guiar ou carregar pelas informações oriundas do trabalho de campo. Isso é verdadeiro sobretudo quanto às leituras que lhe impõem de antemão uma certa definição de seu objeto. Elas inibirão o trabalho de tateamento que conduz o pesquisador de um tema a um campo, forçando a reformular seu objeto.

Encarte 11**Um exemplo de superteorização prematura**

Se já leu várias interpretações do fenômeno que está observando (por exemplo, o carnaval) corre o risco de parar antes mesmo de começar a pesquisa propriamente dita. Desta forma, uma primeira observação do carnaval de Meaux e de sua história recente permite reencontrar os grandes traços do ritual carnavalesco (analisados pela etnologia européia; de Van Gennep até J. Caro Baroja): momento festivo de desordem, de contestação da ordem existente, desfile de carros representando os bairros populares, um momento que se apossa, por um dia, do conjunto do território urbano, imolação pelo fogo de sua Majestade o Carnaval etc. Mas a pesquisa para reencontrar os iniciadores desse ritual destacará a ausência de espontaneidade do fenômeno (inventado por um trabalhador social que busca a idéia na literatura folclórica), a ausência de gratuidade (a cidade lhe concede, durante vários anos, uma verba importante), sua organização minuciosa (por responsáveis de associações que são, também, militantes políticos); enfim, sua ambigüidade (o carnaval sofre, no relato dos primeiros organizadores, uma dupla deriva, financeira e delinqüente).

Você se vê, então, longe das interpretações de etnólogos em termos de ritual e bem perto da sociologia política. Ao mesmo tempo, aprendeu alguma coisa sobre as condições políticas e sociais de um reviver cultural que reúne aqui mais uma invenção que uma tradição. O problema seria não o de ter lido demais mas, sim, o de haver lido demais só numa direção de análise, aquela que isola o objeto (carnaval), aquilo que predeterminava a problemática aplicada ao que você observa.

Nem empirismo ingênuo (que leva à acumulação desordenada e bagunçada de fatos sem uma luz conceitual a ordená-lo) nem teoricismo intempestivo e decisório (que reduz o campo a uma espécie de reservatório de dados ilustrando *a priori* uma teoria), pois o trabalho de campo é exigente à medida mesmo em que impõe que se encontre um meio-termo justo, isto é, que se harmonize o empírico e o teórico. A tarefa não é fácil. A solução consiste em efetuar um vaivém entre leituras e pesquisas evitando dois obstáculos simétricos:

- o mais freqüente consiste em ir ao campo levado por uma alegre ignorância (teórica ou do contexto histórico de seu campo); você está aqui submisso completamente à excitação de fazer o campo e de persistir na evitação das contribuições de uma revisão bibliográfica;
- o outro obstáculo, mais raro, consiste em trancar-se numa biblioteca para “tudo” ler e reduzir a fase do campo a um mínimo necessário.

Informar-se (imprensa, rádio, televisão)

Fazer uma pesquisa de campo é estar constantemente pronto a falar com os pesquisados sobre as coisas que lhes dizem respeito, que lhes interessam. De certa forma, pesquisar é estar (ou mergulhar de novo) “no mundo”, abandonar (temporariamente) o mundo da escola ou da universidade. Isso equivale a viver como a maioria das pessoas,

ao ritmo de sua vida ordinária qual seja, eles trabalham, escutam rádio, assistem televisão. Manter-se informado é a primeira medida a tomar, pois permite entrar numa conversa, iniciar uma entrevista, reaproximar-se de pessoas com as quais você convive, estabelecer um tipo de cumplicidade com elas ("Ah sim, eu vi na televisão" ou "ouvi pelo rádio", ou "li no jornal"); informar-se é também se distanciar do ponto de vista da mídia para fazer com que compreendam que você não é jornalista de televisão. Você não está à procura de um furo de reportagem, mas, sim, tentando compreender o ponto de vista "deles", espectadores anônimos.

Nessa fase de preparação do campo esforça-se por recolher um conjunto variado de informações sobre seu tema de pesquisa – informações de tipo científico (artigos, livros, colóquios), jornalístico (recortes de imprensa), ou mesmo puramente ideológicos (que designam um certo espírito da época) – e adote uma atitude concentrada, mantenha-se às espreitas, bisbilhote, estabeleça relações com seu tema. O trabalho de pesquisa começa sempre por esse trabalho de impregnação que lhe possibilitará assinalar todos os tipos de informações pertinentes ou divagar livremente sobre o seu tema.

Num primeiro momento é preciso habituar-se a criar sistematicamente arquivos de artigos da imprensa de acordo com suas diversas leituras, visões ou encontros.

Exemplo

Se for trabalhar sobre a escola, comece por abrir diferentes pastas ("entrada escolar", "política escolar", "refeitórios escolares", "estatísticas nacionais e regionais diversas", "sindicatos docentes" etc.).

Leia regularmente os artigos da coluna sobre educação da imprensa nacional e local. Recorte os mais interessantes. Consulte a imprensa especializada como o *Le Monde de l'Éducation* – e não se esqueça da imprensa sindical (muito pródiga nesse domínio). Assista aos programas televisivos consagrados a esse tema (documentários na televisão educativa, programas sobre a história como "A marcha do século") ou de rádio ("o telefone toca" de France Inter). Grave alguns deles. Tome notas e faça fichas. A pesquisa torna-se mais ativa quando se toma a iniciativa de ir procurar esse tipo de informações nos locais especializados (visita aos locais sindicais, Onisep – Departamento Nacional de Informação sobre o Ensino e as Profissões ligado ao Ministério da Educação, secretarias de educação).

Conhecer a história e a sociologia de um tema

Para fazer isso, leia a bibliografia que lhe aconselharam com a condição, todavia, que ela não seja vasta demais. Prefira sempre os artigos de revistas científicas aos livros. Desconfie dos resumos para divulgação científica e obras generalizantes. Focalize sempre o problema utilizando a pequena lente do binóculo.

Exemplo

Você trabalha sobre um “conjunto habitacional popular” e sobre a “periferia”. A bibliografia é vasta, nem sempre de boa qualidade. Leia textos que possibilitem levantar questões em relação aos pesquisados. Comece por ler o artigo de Jean-Claude Chamboredon e Madeleine Lemaire – “Proximité spatiale et distance sociale dans les grands ensembles”, *Revue Française de Sociologie*¹⁵, XI, 1970, 1, p. 3-33 – que é um dos clássicos da sociologia urbana francesa. Os autores mostram que, ao contrário da utopia fundadora do urbanismo dos grandes conjuntos habitacionais, estes eram o cenário de conflitos de classe entre duas populações, conflitos estes associados aos mecanismos de atribuição da moradia popular. No centro do “mal-estar” dos grandes conjuntos encontram-se, então, os conflitos entre classes populares e classes médias em torno da educação dos filhos, acentuados pelo desequilíbrio demográfico (super-representação das crianças de meios populares). Mesmo que as coisas, hoje, tenham mudado (pobreza de massa, DSQ – Programa de Desenvolvimento Social de Bairros, “bairros difíceis” etc.) tais resultados são transponíveis para o período atual; basta ver em que a análise feita a propósito desses dois tipos de população aplica-se ou não aos dois grupos que compõem os bairros destinados à população de baixa renda hoje em dia: as famílias francesas empobrecidas e as famílias de imigrantes.

Ler relatórios de pesquisas

As leituras que mais rendem para preparar um trabalho de campo são as que relatam pesquisas etnográficas conduzidas por um pesquisador, durante um longo período de tempo, que expõem com detalhes o processo da pesquisa e, ao mesmo tempo, os resultados dela. Não é preciso sentir-se na obrigação de, mais uma vez, mergulhar na leitura dos grandes autores (Marx, Durkheim, Weber, Elias) para esse trabalho preparatório. Não queremos ceder aqui à devoção total ao trabalho de campo, agindo como se a teoria fosse inútil. No entanto, a teoria corre o risco de ser “prematura”. É bom saber, mesmo assim, que adentrar ao campo sem base teórica não é, em si, arriscado, mas poderá prejudicar bastante na fase de interpretação dos materiais recolhidos. É então que será preciso recuperar o atraso.

Vá direto ao essencial! Comece, inicialmente, por estabelecer uma bibliografia básica (cf. encartes a seguir), depois, leia obras ou artigos tirados de pesquisas de campo “exemplares” que se tornaram “clássicos” na sua área. Aprenderá muito vendo os profissionais na ativa como todo aprendiz acompanhante que, num primeiro tempo, olha o “mestre” trabalhar para, a seguir, reproduzir por mimetismo os gestos e as maneiras deste último. É verdade que não aprenderá todas “as malícias do ofício” porque as publicações não se prestam a isso e também porque nenhum artesão deseja de fato divulgar integralmente essas “malícias do ofício”.

¹⁵ S. N. R.: Proximidade espacial e distância social nos grandes conjuntos habitacionais.

Encarte 12**A pesquisa bibliográfica em biblioteca**

Os propósitos a seguir não se dirigem tanto aos habituados com as bibliotecas universitárias, mas aos que as freqüentam ocasionalmente. Há bibliotecas chamadas “de seção” (BS – biblioteca setorial –, exemplo da Sociologia em uma UFR – Unidade de Formação e Pesquisa – de Sociologia) que oferecem leituras básicas especialmente para o Deug – Diploma de Estudos Universitários Gerais. Lembre-se de que pode pedir conselho aos bibliotecários. Aproveite o acesso direto aos livros que poderão ser encontrados na Biblioteca Universitária (de letras) e nas BS. Circule por esses lugares em que poderá encontrar boas fontes em meio a essas andanças. Por outro lado, não subestime as bibliotecas municipais cujo acervo, em grandes cidades universitárias, é, por vezes, muito rico. Não se esqueça das midatecas e videotecas. Por fim, não hesite em *comprar os livros* que serão de ajuda ao longo do ano e formarão sua biblioteca pessoal. Muitos deles serão seus companheiros de trabalho, serão consultados muitas vezes, servirão de base para seu trabalho. Não hesite em fazer anotações neles e, a seu modo, aproprie-se deles...

Encarte 13**Montar uma bibliografia básica para si**

Não se trata de fazer um exaustivo trabalho bibliográfico, mas, sim, de estabelecer, freqüentemente com apoio de seu orientador, uma bibliografia básica que permitirá conhecer as problemáticas, os debates vinculados a seu tema de pesquisa. A estruturação da bibliografia básica pode ser feita de diferentes maneiras.

O que é melhor evitar para não perder tempo demais

- Não recorra diretamente aos bancos de dados, procedendo à busca das palavras-chave e produzindo longas listas dificilmente utilizáveis. Tal operação é longa e, por vezes, enganosa, pois pode induzir ao erro porque esse tipo de informação não é selecionado nem hierarquizado. Sob o rótulo de ciências sociais existem numerosas obras para-científicas inúteis para consultar ou, pior ainda, perigosas porque legitimam certos preconceitos constituídos, em geral, com objetivo político, fazendo-se passar por hipóteses sérias. É preciso aprender a manusear com cautela os livros de síntese, leituras de segunda mão que não nos oferecem dados de pesquisa e fornecem resultados sem nunca nos dar os meios de saber como foram construídos. No entanto, você pode utilizá-los, especialmente consultando sua bibliografia (aquela da coleção *Repères*¹⁶ é, em geral, rica e bem feita).

- Desconfie também dos títulos, especialmente daqueles escolhidos em geral pelo editor e não pelo autor, numa lógica de *marketing* e não de pesquisa. A primeira operação consiste em traduzir seu tema de interesse (exemplo, “a paquera nas boates”) em linguagem acadêmica (a escolha do(a) esposo(a) ou o “mercado matrimonial”). Uma obra como “Sociologia do paquerador”

16. N.R.: Equivalente a coleção “O que é...?” no Brasil.

não é, sem dúvida, a melhor chave para uma tal tradução. Reporte-se de preferência às pesquisas Insee (Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos da França – próximo ao nosso IBGE) ou Ined – Instituto Nacional Francês de Pesquisa Demográfica (especialmente a reatualização da pesquisa clássica de Girard sobre a escolha do(a) esposo(a), por Bozon e Héran).

O que é preciso fazer

- Além da avaliação dos docentes, com destaque para quem orienta seus trabalhos, apóie-se nas bibliografias dadas pelos outros professores em suas disciplinas ou nas disciplinas de anos anteriores quando lhe interessaram e/ou eram ricos em relatos de pesquisa.

- Não hesite em contatar os bibliotecários/as especializados/das em sociologia, caso haja em sua universidade.

- Utilize-se das indexações de revistas especializadas que cadastram os artigos publicados segundo o tema e o autor. São, propriamente falando, instrumentos de trabalho que se precisa aprender a utilizar.

- Consulte regularmente os sumários dessas mesmas revistas. Ache um primeiro artigo sobre seu tema, recente e consagrado (um indício dessa autoridade acadêmica funda-se na natureza do suporte, ou seja, na qualidade da revista); para fazer isso, passe pelas notas críticas ou os relatos detalhados (chamados também *Surveys* disponíveis nas grandes revistas de sociologia (*Revue Française de Sociologie, Sociologie du Travail, Annales, Genèses, Recherches Sociologiques*), ou de antropologia (*Ethnologie Française, Terrain*). Uma vez localizado esse primeiro artigo crie uma amostra de bibliografias anotando sempre num fichário bibliográfico as referências desse primeiro artigo e recomece a leitura dos artigos referenciados neste.

Saiba, enfim, que as publicações em ciências sociais são hierarquizadas de forma bem definida segundo seus autores (mais ou menos consagrados), segundo as revistas. Para um mesmo autor e sobre um mesmo tema pode-se encontrar:

- um artigo de fundo (numa revista científica com conselho editorial e avaliação pelos pares);
- um artigo preliminar (em revistas de divulgação interna, por exemplo, de centros de pesquisa);

- um artigo de síntese;
- um livro;
- um texto de divulgação.

Ganhará tempo ao encontrar a referência do artigo de fundo (em geral citado nos outros suportes: leia só ele).

Você já sabe que sobre um dado tema (a política, a escola, o trabalho, a religião, a cidade, a imigração etc.) existem artigos e livros publicados há já algum tempo que constituem aquilo que se chama no meio profissional da pesquisa de "clássicos". São textos que têm autoridade porque estabeleceram resultados "seguros", porque descreveram e colocaram em destaque um certo tipo de mecanismos sociológicos que resistem à prova do tempo. Por causa disso, constituem um fundo de hipóteses que não se deveria ignorar sem perder tempo. É preciso, pois, tomar conhecimento deles, tomá-los como ponto

de partida mesmo que se deva esperar, após certo prazo, questioná-los de novo. Não se insiste nesse ponto porque, em geral, esse trabalho é feito em colaboração com o/a docente que orienta sua pesquisa e indicar-lhe-á a “bibliografia básica”.

Como ler?

Ler para preparar uma pesquisa de campo não obedece totalmente à mesma lógica que ler para efetuar um trabalho puramente bibliográfico ou um trabalho crítico dos textos. Trata-se de fazer leituras visando diretamente ao seu campo, de não se perder no amontoado das publicações em ciências sociais e de aprender a fazer leituras “operacionais”, isto é, leituras que façam avançar rápido em direção a seu assunto.

Ler artigos

Em ciências sociais, como nas outras ciências, a pesquisa viva tende cada vez mais a ser feita e divulgada nos artigos de revistas especializadas. A leitura de um bom artigo – original, denso, até um pouco antigo (muitos artigos dos anos 1960-1970 da *Revue Française de Sociologie* e dos anos 1980 de *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* merecem ser lidos ainda hoje) – vale, muitas vezes, mais que a leitura de um volumoso livro. Vise sempre a ganhar tempo. Se isso já não foi feito, aprenda a conhecer as principais revistas de ciências sociais e a não se contentar apenas com os artigos aparecidos nesses últimos anos. As viseiras disciplinares têm grande peso nas ciências sociais francesas. Quando se é sociólogo, raramente se é obrigado a ler os antropólogos (exceto nos raros departamentos de sociologia-antropologia). Ora, agir no campo implica em abrir-se às diferentes ciências sociais. Consulte e leia, então, *Terrain*, *Ethnologie française*, *Journal des anthropologues* (e o contrário, revistas de sociologia se você for antropólogo). Aprenda a consultar outras revistas que não as de sociologia e antropologia.

- Fique sabendo que é possível ler (boa) sociologia fora das revistas de sociologia *stricto sensu*, mormente nas revistas de ciências sociais interdisciplinares (*Annales*, *Genèses*, *Enquête*) e também em revistas especializadas num preciso domínio de pesquisa. Exemplo: *Annales de la recherche urbaine* (tudo que se refere a cidades), *Études rurales*, *Cahiers d'économie et de sociologie rurales* (para o mundo rural) etc. Se você trabalhar sobre a política procure em revistas de ciência política que, há uns dez anos, abriram-se à sociologia, especialmente *Politix* (mas também, há algum tempo, a *Revue Française de Science Politique*). Se trabalhar com problemas de emprego, de formação, de trabalho, além da revista já consagrada (*Sociologie du Travail* que há, contudo, aberto seu leque de centros de interesse), as revistas do Ministério do trabalho – *Travail et emploi* – e do Cereq (Centro de estudos e pesquisas sobre o emprego e as qualificações) – *Formation-Emploi* (que contém uma excelente revisão bibliográfica) são consultas obrigatórias. Não se devem esquecer revistas mais militantes (*Critiques sociales*).

- Podem-se também consultar revistas de história, como as revistas de história contemporânea séculos XIX e XX, por exemplo; a revista generalista *Vingtième siècle* bastante completa em história política e cultural; também *Le Mouvement social* (história social, história dos ofícios e das profissões, história do movimento sindical com frequentes comparações internacionais), *Histoire et entreprises*, *Histoire de l'éducation* (institui-

ções escolares, pessoal docente, programas, práticas pedagógicas), *Revue d'histoire moderne et contemporaine* (que cobre parte do programa contemporâneo) e outras publicações mais especializadas (*Cahiers de l'IHTP*, *Cahiers Marc-Bloch*), revistas de departamentos de ciências sociais do interior (*Revue du Nord*, *Revue des sciences sociales de l'Est*, *Revue du monde alpin et rhodanien*).

- Pode-se também buscar as revistas de demografia, parente próxima da sociologia, especialmente *Population*, revista trimestral do Ined que traz regularmente artigos de sociologia da família, sociologia das idades, sociologia da imigração (em ligação com história dessa instituição pioneira em pesquisas da educação), e também o notável jornal "4 pages" mensal do Ined, *Population et Sociétés*, que tem sido muito feliz ao resumir diferentes temas e ao abordar, muitas vezes, questões de construção de pesquisa. Seu equivalente para o Insee, o *Insee Première*, é igualmente uma verdadeira mina, assim como, nos temas ligados à agricultura, à alimentação e ao mundo rural, encontramos o equivalente para o Inra (Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola), o *Inra Sciences Sociales*.

- Mesmo que a ciência econômica tenda cada vez mais a autonomizar-se e a cindir-se das outras ciências sociais, continuam a existir revistas que buscam ancorar novamente a economia política no domínio das ciências sociais. Destaquemos a revista mensal de vulgarização (bem-sucedida) *Alternatives économiques* que oferece um acompanhamento muito interessante (porque muitas vezes problematizado) da atualidade econômica.

Problèmes Économiques (destaca o trabalho e a formação) e a *Revue Française d'Économie*. A revista *Tiers Monde* mobiliza, cada vez mais, sociólogos e antropólogos do desenvolvimento.

Ler de maneira "ativa"

Existe "ler" e "ler". A princípio, o único conselho a lhe dar é o de sempre, ler os outros autores "originais", isto é, ir direto aos textos mesmos sem passar por resumos que já são, muitas vezes, interpretações do texto. Quando se lêem textos em sociologia ou etnologia (antropologia) é preciso prestar particular atenção à maneira como a pesquisa foi conduzida, mesmo se as questões de "método" (no caso de fabricação de pesquisa) por razões editoriais são relegadas em anexo e, portanto, consideradas implicitamente como leitura facultativa. Então, o que se entende por "leitura ativa" dos textos?

- É ler não para memorizar para o exame ou reproduzir uma aprendizagem do tipo escolar (modo de ler ao qual você está habituado), mas para apropriar-se de um saber a ser reutilizado, "reinjetado" sob uma ou outra forma em situação de pesquisa.

Através desta leitura realiza-se uma primeira aprendizagem do meio, das maneiras "locais" de falar, agir, sentir.

- É, também, aprender a criar uma opinião crítica própria, a manter uma relação de suspeita, por vezes, "desrespeitosa" com os textos (que parecem sagrados nos primeiros anos do curso universitário), isto é, considerá-los como falíveis, procurando neles erros ou as falhas na demonstração.

Também é aprender a fazer perguntas ao texto a partir do seu próprio trabalho de pesquisa.

Concretamente, para tornar eficaz essa leitura anterior à ida a campo esforce-se para torná-la o mais ativa possível, tomando notas, fichando questões emergentes, críticas eventuais, recopiando resumos em cadernos de notas seguidos de seus próprios comentários críticos etc.

Exemplo: Florence Weber lê um artigo de Claude Karnoouh¹⁷ enquanto realiza uma pesquisa num lugarejo *bourguignon* (da região da Borgonha) para seu trabalho de conclusão do curso de antropologia.

Anota, às margens do artigo, os nomes das famílias que parecem seguir as duas estratégias analisadas por Karnoouh, a estratégia econômica (acumulação de patrimônio em várias gerações, estratégia que se esgota ao cabo de três ou quatro gerações) e a estratégia política (multiplicação de alianças, pulverização do patrimônio e acumulação de um capital "político"). Anota até as fórmulas que, localmente, resumem esses processos ("três gerações para acumular e uma para dilapidar"). Em paralelo, fabrica genealogias que só se tornam falantes em comparação com aquelas lembradas por Karnoouh. Tivemos a mesma experiência com Hoggart, lido no campo: uma excitação permanente diante dos detalhes que se encontram tais quais, apesar das diferenças de data e de lugar.

A virtude dos relatórios de pesquisa está no *incitamento a comparar* com sua própria pesquisa. Tanto o que é igual quanto o que difere deve ser justificado. Eis aí um motor para uma *explicitação* máxima.

Esse trabalho de leitura prévia torna-se seu "laboratório pessoal". Com isso você está em casa, é senhor do seu espaço, com plena liberdade e com direito inclusive a errar. Você terá que se servir dessas leituras como uma forma de treinamento no uso da arma da crítica.

O essencial é não tomar como favas contadas o que é passado como verdade revelada. É bom adotar essa atitude *a priori* hipercrítica, perigosa quando se passa em concurso e saudável quando se faz pesquisa, pois ela serve para construir outras formas de raciocínio. No entanto, essa atitude será mais facilmente adotada quando você estiver mais engajado em seu trabalho de campo. Ela lhe será quase familiar, quase "natural", uma vez que esteja armado de uma "verdadeira" experiência de campo. Você poderá, a título de exercício instrutivo, comparar a leitura de um texto feita antes da fase de trabalho de campo e aquela que você fez após seu campo.

Preparar uma monografia local (interconhecimento territorial)

Uma longa tradição de pesquisas monográficas e muito particularmente de monografias dos vilarejos e pequenas comunidades contribuiu para enrijecer o método e fazer uso mecânico dele que o descaracterizou. Contudo, uma vez advertido sobre as principais armadilhas que espreitam a monografia local, resta uma maneira eficaz e sólida de apoiar e orientar um trabalho de campo.

17. Intitulé "Parenté et politique dans un village lorrain", *Études Rurales*, 1,1974.

Estas são as armadilhas:

- *Q* *sonho da exaustividade* (não lhe é possível "tudo" conhecer de um vilarejo ou de uma comunidade local e mesmo que isso pudesse ser feito não seria de nenhum interesse), vinculado à técnica etnográfica ridicularizada como "monografia de gavetas" (você chega no vilarejo ou na tribo X; sistematicamente vai enchendo as gavetas: "a gaveta" parentesco, a "gaveta" religião, a "gaveta" política etc.). Mas uma vez as gavetas cheias, você, estranhamente, terá desvitalizado e descontextualizado fatos que só têm valor por suas relações.

Encarte 14

Constituir para seu uso fontes criativas

O trabalho de documentação que você fizer não é pura rotina. Imagine-o como um verdadeiro trabalho de pesquisa. Não é o caso de dar prova de exaustividade, de ter lido tudo, de querer citar todo mundo. É preciso esforçar-se por ajustar seu trabalho de documentação ao seu tema. Procure, no meio pesquisado, as fontes mais apropriadas, as mais ricas, isto é, aquelas que farão que seu tema "fale por si" da melhor forma. Aprenda a localizar, em suas leituras, os documentos que serão interessantes de buscar, pedir aos pesquisados (após certo tempo de pesquisa), por exemplo: fotos de casamento, cópias de trabalhos dos alunos que permitam, por exemplo, compreender as categorias do julgamento dos professores¹⁸. Procure transformar em fontes criativas dados que possam parecer banais; considerar com interesse objetos que possam parecer sem valor por parte de quem os utiliza todos os dias. Trabalhos de alunos que equivalem, antes de tudo, a horas de correção por parte dos professores que à primeira vista não lhes parece documento sociológico. Fabricar dados etnográficos consiste, também, em fazer aflorarem "fontes" adormecidas. Elas serão tanto mais pertinentes à sua pesquisa quanto mais próximas da prática dos pesquisados, pouco trabalhadas ou deformadas pelos intermediários culturais que delas se apoderam.

- *O* *risco da hipótese do coletivo*. Você está fazendo a monografia do grupo Y ou do vilarejo Z e se surpreende escrevendo "Z pensa que..." e "Y crê firmemente que" ou mais traiçoeiramente, "os membros de Y ou os habitantes de Z estão persuadidos de que..." Em outras palavras você empresta uma consciência e vontade coletivas a um grupo, personaliza esses coletivos, algo que já foi denunciado por Max Weber [97] como um dos perigos que espreitam sem cessar as ciências sociais. A variante suavizada da hipótese é o culturalismo ("Em Z diz-se que...").

- *A ausência de interrogação* sobre as fronteiras da pretendida comunidade que está a estudar. Exemplo, sempre do vilarejo: o município é, ele mesmo, uma realidade "política" questionada por numerosas associações de municípios e outros Sivom; não é uma realidade econômica nem social...

18. BOURDIEU, P. & SAINT MARTIN, M. "Les catégories de l'entendement professoral". *Arss*, 3, 1975, p. 68-93.

Todavia a monografia com base local continua sendo uma das melhores maneiras de fazer o trabalho de campo pois:

- é a menor escala onde as informações pertinentes são recolhidas (recenseamento por município ou por *îlot* – blocos de casas – por inventário municipal, por estatísticas eleitorais por seção de voto, por cadastro, por impostos etc.);
- é a menor escala em que o Estado faz-se sentir aos indivíduos (ou mais exatamente aos lares ou “casas”); é a residência legal que determina os direitos e deveres de cada um: local de voto, conta de água, impostos locais, regras locais de estacionamento, ligação a tudo, ao esgoto, as regras de urbanização, etc.;
- uma grande parte da vida social (se bem que em diversos níveis, segundo as classes, as gerações, as idades, as profissões, o gênero) acontece nessa escala: militância política (“sindicatos locais”, “a base” dos políticos etc.); pertença associativa (associações de lazer dos habitantes, de voluntários etc.); escolaridade das crianças; frequência aos pontos de comércio; interconhecimento de bairro, transmissão de patrimônio imobiliário; inscrição patronímica (monumentos aos mortos, cemitérios). A nação (a república) encarnou-se nesses companheiros a um só tempo ironizados e celebrados.

É verdade que todas as coisas passam-se muito diferentemente conforme os municípios, seu tamanho, sua história demográfica, sua vitalidade econômica (cf. BROWAEYS & CHATELAIN [4]). Conforme os casos, privilegiar-se-á a abordagem local decididamente (pequenos municípios, onde será o alojamento) ou a abordagem associativa (municípios maiores onde o novo residente passe desapercibido e onde se inserirá em grupos mais restritos).

No entanto, o fundamento da pesquisa, em todos os casos, continuará sendo uma longa presença no campo, como um habitante do local.

Estudar o contexto histórico e geográfico

O contexto de interconhecimento que você está a estudar tem uma história (uma história social, econômica, política, cultural), tanto quanto seus lugares (a paisagem urbana ou rural, as ruas, as habitações, a divisão do espaço) e seus homens (linguagem, hábitos e costumes). Essa história, você deve se esforçar para conhecê-la, ao menos em suas linhas gerais. Não com fins de erudição, mas porque o conhecimento dessa história – uma história ao mesmo tempo longa e dos acontecimentos que a marcam – permitir-lhe-á abordar, melhor preparado, o seu campo. Ajudá-lo-á a colocar as primeiras questões levando em conta as particularidades do lugar; permitir-lhe-á reagir melhor nas situações de pesquisa; mostrar, também, a seus interlocutores, que você está na jogada, que está comprometido com a pesquisa, que não os menospreza.

Consulte os trabalhos já publicados sobre o lugar ou a região: trabalhos universitários de historiadores, geógrafos, sociólogos e também trabalhos de história local realizados por eruditos locais ou no contexto de aniversários, de comemorações diversas. Em muitas cidades há um boletim municipal cuja coleção completa, disponível na prefeitura, ser-lhe-á muito valiosa. Por vezes, também, boletins paroquiais e folhetos associativos completaram a documentação local. Não tenha receio de bisbilhotar os arqui-

vos ou os documentos municipais pois podem ser extremamente ricos. Apóie-se nas instituições públicas, pois a disponibilização de informações locais é considerada, em geral, como serviço público.

Consultar os dados sociológicos de base

O uso do termo "sociologia qualitativa" é enganador, pois quando se escolhe trabalhar por meio de observações e entrevistas, o conhecimento de dados quantificados já disponíveis (notadamente *via* recenseamento e outras pesquisas do Insee) ou fabricados pelo pesquisador) é algo prévio. A tarefa do pesquisador é facilitada neste ponto pela disponibilidade de dados estatísticos de boa qualidade produzidos pelo instituto de estatística nacional (Insee, Ined e outras instituições de produção de estatísticas). Tais dados podem ser usados como "dados de contextualização" que permitem que se especifiquem as características sociais do campo, notadamente quando comparados com a média do país (França toda) ou da região (departamento ou região).

Exemplos de dados sociodemográficos são a distribuição socioprofissional da população (a leitura das proporções das categorias socioprofissionais permite caracterizar uma população ora trabalhadora, ora classe média, ora burguesa); distribuição por idades para se saber se se trata de uma população jovem, velha ou em processo de envelhecimento; distribuição por nacionalidade, por tipo de moradia.

A imprensa local como fonte de documentação

Trabalhar no campo com o objetivo de realizar uma monografia significa aprender a conhecer a vida local. Uma das particularidades francesas quando se fala em imprensa é a pequena tiragem dos jornais nacionais e, ao contrário, a vitalidade da imprensa regional e local. Frequentemente, quando nos tornamos estudantes, deixamos de ler essa imprensa. Nós podemos até olhá-la com ironia e um pouco de condescendência quando passamos para o lado do mundo "intelectual", instalado na grande cidade universitária, longe de sua "região", como se houvesse um lado um tanto "cafona" ao direcionar-se para esse tipo de leitura. Ao se tornar pesquisador de campo, aprende-se a olhar com outros olhos essa imprensa e a considerá-la como fonte de documentação que se revela, muitas vezes, muita rica, cômoda para se utilizar especialmente nos primeiros momentos da pesquisa: fotos, tomadas de posição públicas, polêmicas, "casos" locais, vida política e esportiva, oferecem primeiros pontos de apoio para os contatos. Encontra-se na imprensa local, fielmente retranscrito, tudo que compõe a vida social cotidiana das coletividades locais, o que está no centro das discussões e das fofocas, o que ajuda a manter o intercâmbio local, desde os avisos fúnebres até às batalhas eleitorais; saiba que os jornalistas das páginas locais são, muitas vezes "nada mais que simples correspondentes, não-profissionais e que mesmo os profissionais redigem tais páginas *sob controle dos habitantes* (ou pelo menos de alguns deles). Esses jornais, escritos com ajuda de uma parte da população e lidos por sua esmagadora maioria, são seu primeiro material de pesquisa. Perceberá bem rápido a recorrência de expressões ouvidas a propósito do jornal local - "eu vi no jornal", "está escrito no jornal desta manhã". Este é, aliás, o primeiro reflexo do sociólogo ao chegar ao campo, ir comprar a imprensa local do dia, mergulhar nessa leitura para descobrir ou reencontrar o mundo de sua pesquisa.

Esta imprensa tem uma função de integração local; é todo grupo local que se lê e reconhece através do jornal, por vezes de malgrado.

Os eventos locais, as pequenas cerimônias (as festas da terceira idade, os bailes e outras festividades, as feiras, mas também as comemorações de aposentadoria, os casamentos, os eventos esportivos...) que dão ritmo à vida de cada dia e parecem anedóticos aos estrangeiros ou aos turistas e só assumem seu sentido total e todo seu peso porque "passam no jornal". Cada artigo é produto de uma "micro-história" e puxa uma outra. Ele não tem existência abstrata nem descontextualizada. Só fala àqueles que conhecem. * A imprensa local é, pois, para você, a ocasião de entrar na pesquisa, de mergulhar num espaço público autorizado uma vez que é no jornal que você tem o direito de estar a par, de levantar questões. Nele é que você poderá localizar os nomes "que contam" localmente, não só aqueles das "personalidades" importantes da cidade (os notáveis locais, os maiores empregadores, as velhas famílias, os "políticos"), mas, também, os das pessoas que agitam a vida coletiva da cidade ou do vilarejo, por exemplo os responsáveis de associações e, por fim, os nomes daqueles que, por um dia, recebem homenagens, recebem as honras do jornal, do reconhecimento público (casados, aposentados, acidentados, desaparecidos ou condecorados).

O que fazer com a leitura dessa imprensa local? Pode, por certo, tratá-la como a um reservatório de dados já prontos. Pode colecionar também recortes impressos que utilizará a seguir para fazer contatos e pedir a colaboração de seus interlocutores. Fazendo uso de expressões como estas: "Ah! Sim, vi no jornal", você está mostrando a eles que participa, do seu jeito, do seu espaço público. Ler o jornal local todo dia é tornar-se um espectador da "vida local" como a maioria de seus pesquisados, mesmo que falte para você, certamente, o distanciamento que faz o nativo ("começo sempre por ler a página de necrologia, dizia um de nossos pesquisados de um lugarejo *bourguignon*, para ver se não estou lá").

Documentos administrativos

Chegado a um município de pequeno porte, sua primeira medida deve ser ir explicar ao presidente da câmara municipal e ao seu secretário o que vem fazer. Como todo mundo, você tem o direito de consultar certo número de documentos de uso público, como todos os documentos com mais de cem anos (ou sessenta para alguns casos), tais como listas nominais do recenseamento, listas eleitorais, estado civil. No caso dos documentos recentes, só alguns deles estão disponíveis sem grandes formalidades: o cadastro (registro das propriedades imobiliárias, que compõe um valioso "mapa da composição social local", uma lista das propriedades com os nomes e endereços de seus proprietários), os POS (Planos de Ocupação dos Solos), as pesquisas de utilidade pública, os relatórios da câmara de vereadores, quando se tratar de sessões públicas.

Consulte todos os documentos de urbanismo, tais como: Plano de Ocupação dos Solos (POS), Plano de Assentamento Rural (PAR), legislação de regulação do uso dos terrenos, classificam o território municipal em zonas diferentes no que diz respeito ao direito de construção.

A questão é sempre fundamental, pois possuir um terreno onde é possível construir ou não, o torna rico ou pobre. A diferença entre um quarteirão de vários imóveis e um

de pavilhões está inscrita num documento de urbanismo que preserva, em geral, a situação existente. Uma mudança das normas tem conseqüências consideráveis primeiro para os proprietários de imóveis (valorização do preço do terreno); para os agentes imobiliários (possibilidade ou não de transações imobiliárias); para os moradores, enfim (perfil do seu quarteirão). As discussões de renovação dos POS dão lugar a conflitos, à exposição das posições de uns e de outros, batalhas políticas, apesar de seu caráter, muitas vezes, oculto. Enfim, o cadastro é elemento indispensável para conhecer as estruturas imobiliárias, as divisões (em geral, o tipo de terreno define a paisagem), o número de pequenos e de abastados proprietários, a natureza da ocupação do terreno, os eventuais desmembramentos deles.

No cadastro encontram-se os lugares com nome especial, as denominações de locais que são conhecidos pelos moradores e que permitem discussões com estes quando se têm conhecimento do território (proprietários ou usuários).

- *As pesquisas de utilidade pública* acontecem quando há decisões de desapropriação, quando um poder público (Estado, município, governo regional, etc.) decide, por uma operação dita de utilidade pública, que será preciso desapropriar e indenizar os antigos proprietários. Nessa hora, acontece uma “pesquisa” que consiste em depositar um projeto (sob forma de planos) junto à prefeitura. Ao final de um certo prazo, a pesquisa é encerrada caso não tenha surgido nenhuma oposição. O resultado (escrito) é sempre interessante para o sociólogo.

- *Os relatórios do conselho municipal* estão disponíveis à medida que a sessão do conselho municipal¹⁹ for pública. Trata-se de uma lista de decisões indispensável para a gestão do município. É uma mina de informações a respeito dos momentos em que são tomadas tal ou tal decisão, os conflitos eventuais (as falas da oposição municipal são levadas em conta por escrito), as verbas concedidas a tal ou qual associação, às despesas públicas, à privatização de certos serviços municipais, etc.

Preparar outras monografias (interconhecimento profissional, militante, associativo)

Conselhos análogos aplicam-se à pesquisa em um meio de interconhecimento quando a base deste não é mais a residência (quarteirão, vilarejo), mas outros setores da vida social, tais como lugares de trabalho, profissões organizadas, associações, partidos políticos. Utilize fontes publicadas, mas não se esqueça de que pode, também, trazer à tona fontes constituídas pelas atividades ordinárias dos pesquisados (cf. Encarte 14).

Se você trabalha em meios já estudados e sobre os quais já existem publicações, comece por lê-las intensivamente.

Exemplo: Se você trabalha sobre a militância política e, em particular, sobre os partidos de esquerda não se contente com os clássicos das ciências políticas (por exemplo, Duverger, Annie Kriegel quanto ao Partido Comunista), utilize também autores que se esforçaram por adotar uma postura mais sociológica e antropológica como Bernard Pudal [94] para o PCF.

19. N.R.: Equivalente à câmara de vereadores no Brasil.

A imprensa especializada. – Existem sempre publicações destinadas a um público seleto. Jornais sindicais (*La lettre de la FSU...*), cartas de associações a seus membros (*La lettre de l'AFA, Jardin Familial de France, Pour nos jardins*), jornais profissionais (*La Vie du Rail, La Gazette du Palais, Le Quotidien du Médecin...*). A diferença entre a imprensa vendida em bancas e essas é que umas são distribuídas só a adeptos (e não a clientes). É vital, pois, que se procurem coleções de jornais junto a pesquisados que têm assinatura ou consultando a sede do jornal. Todos esses jornais oferecem informações necessárias a atividade de seu público, mas também ajudam a fabricar sinais de pertencimento, "palavras da tribo" (expressões típicas, jargão), uma ideologia, profissional ou militante a qual cada um adere de forma mais ou menos forte de acordo com seu relacionamento com o meio. Esta imprensa oferece ao futuro pesquisador as premissas de uma socialização que ele irá afinando no decorrer de sua pesquisa. É ocasião para ir se familiarizando com os termos, os temas, os assuntos de preocupação, os *slogans*, os dados objetivos, os conflitos internos, as artimanhas. Não é nunca demais aconselhar que se fiche tal documentação, desde que pertinente, pois ela é análoga à imprensa local ou municipal como um meio de interconhecimento sem base residencial.

No entanto, não é preciso enclausurar-se. É preciso, sim, fazer uso dela em diferentes momentos da pesquisa, como nos primeiros contatos; serve em especial para localizar os nomes importantes (das pessoas que deverão ser contatadas custe o que custar) e as atribuições sociais de seus portadores. Em seguida, é preciso largar a leitura para retomá-la quando for guiada pelas hipóteses.

Há, enfim, uma mina utilizável em certos casos, os dicionários biográficos. Citamos, para os meios militantes, o *Maitron* (dicionário biográfico dos militantes operários), para o meio patronal, o *Who's Who, Le Bottin Mondain*.

Quisemos essencialmente precaver contra as imagens da pesquisa de campo como se fosse um tipo de momento mágico abordável sem preparação. Não se pode chegar "virgem" ao campo. É uma ilusão crer que se possa registrar o real sem viés nem mediação. Uma pesquisa muito pouco preparada, em que as questões não são suficientemente explicitadas, e na qual a ingenuidade do pesquisador é por demais visível e, portanto, agressiva, expõe a dois riscos complementares: a) encontrar somente o superficial e o banal, confirmando seus próprios preconceitos, isto é, perder seu tempo e, por ainda, fazer perder o dos pesquisados; b) cometer de imediato trapalhadas irreparáveis por um desconhecimento demais grosseiro do meio pesquisado.

A pesquisa de campo supõe um trabalho lento de impregnação, de familiarização com o objeto, com os lugares e seus homens, o que necessita de um esforço prévio de conhecimento e de trabalho. Pode-se fazer analogia com o trabalho dos "científicos" de laboratório que devem obrigatoriamente conhecer os resultados das experiências anteriores para poder testar os seus, único meio de avaliar sua própria contribuição para a pesquisa. O essencial, no momento, é não relegar para tarde demais o momento de engajar-se na pesquisa propriamente dita; pois o outro risco, não menos considerável, consiste em inventar, sem parar, manobras para estender os prazos, bem conhecidas de todos; passando o tempo a recuar o momento de passar à pesquisa, de passar à ação. É preciso saber parar a tempo o trabalho preparatório (os prazos ligados ao calendário universitário deveriam servir-lhe de ajuda). Portanto, ao campo!

3

Conduzir a pesquisa

Passemos às coisas “sérias”. Você refletiu, leu, tem um tema e um local de pesquisa. Falta dar o passo decisivo, ir ao local encontrar as pessoas que serão seus pesquisados, experimentar recusas, dar explicações, impor-se a desconhecidos; chatear-se às vezes, questionar-se, muitas vezes, sobre o porquê de ali estar. Pois estas são as dúvidas e as dificuldades das quais estão repletos os caderninhos de etnógrafos, o mais das vezes inéditos, sem vocação para serem publicados. Saber que esta é a sorte comum a todos ajudará, sem dúvida, a suportá-las e a fazer bom uso.

Você pode ler este capítulo, como os três seguintes, antes da grande “partida” ou durante a pesquisa. Não os lerá da mesma forma.

- Antes, eles o ajudarão a desmistificar a pesquisa, a compreender que o bom caminhar de uma pesquisa passa, antes, por condições materiais convenientes (um tipo de bom senso que lhe evita situações impossíveis), antes que por um enquadramento teórico por vezes prematuro e por camisas de força metodológicas muitas vezes inadequadas.

- Durante a pesquisa, ajudar-lhe-ão a enfrentar dificuldades clássicas com as quais não poderá deixar de confrontar-se para delas tirar o melhor fruto intelectual. O seu uso mais rentável seria lê-los, lápis na mão, tomando notas em seu caderno de pesquisa para comparar sistematicamente as situações descritas lá com as suas anotadas aqui. Dessa forma não estará totalmente só no campo e aproximar-se-á de uma situação de pesquisa coletiva, pois a comparação com os erros, os fracassos, os sucessos de outros pesquisadores permite, de fato, a elucidação de seus próprios erros, fracassos e sucessos.

Tratamos, neste capítulo, principalmente da pesquisa de desambientação, em que o pesquisador instala-se em lugar distante de seu domicílio, o que o obriga a cortar relações com seu meio de origem e a imergir no meio pesquisado por um período bem longo (de um ou dois meses a um ou dois anos). Leia-o mesmo que julgue não ser seu caso, pois ele lhe mostrará a que ponto os detalhes triviais da existência são, de parte a parte, fatos sociais a serem explicitados e analisados. A pesquisa por distanciamento, mais difícil intelectualmente, mais fácil na prática, será tratada de forma sistemática nos capítulos que seguem.

O diário de campo, arma do etnógrafo

O diário de campo é a principal ferramenta do etnógrafo, muitas vezes ignorado pelo sociólogo. É um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca (Encarte 15).

Digamos de forma clara: a pesquisa de campo é uma ciência e não uma arte. Ou, mais exatamente, existe uma arte em conduzir a pesquisa. Mas a análise diária da pesquisa e seu relato em forma de diário de campo estão, sem ambigüidade, do lado da técnica. A descrição dos lugares, dos eventos, das pessoas e das coisas não requer qualidades literárias – mesmo que o conhecimento da língua, daquela falada por seus interlocutores, de suas capacidades lingüísticas (léxicas e gramaticais), possa ser de grande utilidade (cf. capítulo I). Ela requer a precisão, o sentido do detalhe, a honestidade esculpida do “auxiliar de laboratório” que registra as condições em que tal fenômeno foi produzido e sua natureza exata em um “diário de bordo” que nada tem a ver, como já se pôde deduzir, com um diário íntimo pessoal, para além das indicações de data e lugar.

Encarte 15

Manter seu diário de campo

Seu primeiro gesto de futuro pesquisador é extremamente simples. Compre um caderno suficientemente grosso para servir para uma semana e pequeno o bastante para poder levá-lo para todo o lugar. Na página direita registre seu *diário de ações de pesquisa*, uma seqüência de anotações que podem ser bem breves, mas obrigatoriamente datadas e localizadas. No mínimo, um diário de bordo tem datas e nomes próprios, aqueles das pessoas que encontrar e o lugar onde as encontrar. Em geral escreve-se muito mais coisas, como impressões, descrições, relatos.

Na página esquerda, registre seu *diário de pesquisa*, pelo menos, uma seqüência de questões. Em geral, ali desenvolverá análises úteis não só para orientar sua pesquisa (por exemplo, para decidir quem irá contatar), mas sobretudo para construir os primeiros embriões do seu plano de redação, de seu manuscrito definitivo.

À direita, as indicações práticas tais como quem, onde, como, quando. O que se passou. À esquerda, o mapa de suas questões, de suas hipóteses, suas dúvidas, de suas felicidades, suas leituras também, tudo que faz parte de sua “vida intelectual” e não de sua “vida de pesquisador”.

É claro que essa dicotomia estrita não dá para ser *mantida*, é insustentável. Rapidamente, as anotações da página direita, as das ações de pesquisa tornar-se-ão análises, ouriçar-se-ão com questões e hipóteses. Bem rápido, as anotações da página esquerda, seu caminhar reflexivo se verá envolvido em nomes próprios e historietas. É por isso que defendemos esse sistema de anotações face a face, escreva sempre as duas páginas no mesmo dia, evite deixar, de um ou de outro lado, páginas em branco. Elas tornam visível o vaivém incessante entre interações de pesquisa e análise reflexiva. Há um outro sistema de anotações mais conhecido que não tem essa vantagem: consiste em voltar no caderno de acordo com o que anota das ações de pesquisa ou da pesquisa.

É o conjunto dessas duas séries de anotações sucessivas que chamamos de diário de campo ou diário de bordo. Para que seja utilizável há só uma regra estrita: a *datação* das folhas. É possível, por certo, que se contente com folhas avulsas; se as datar servirão do mesmo jeito. O caderno, todavia, constitui, para a continuação das operações, um trunfo decisivo, pois, para desmembrá-lo, terá de recopiá-lo, permanecerá sempre intacto como traço objetivo do desenrolar cronológico paralelo das ações de pesquisa e da análise da pesquisa.

Esse diário de campo permite levar a cabo um trabalho sobre si mesmo e um primeiro trabalho de desbravar o campo. Num primeiro momento, você terá forçosamente somente idéias preconcebidas sobre o que encontrará no campo. Mas essas idéias são, em geral, confusas e mais ou menos inconscientes.

Seu primeiro trabalho consistirá, então, não em eliminar de uma vez essas "pré-noções", que são inevitáveis e, até, indispensáveis, mas em explicitá-las, numa primeira etapa rumo a uma verdadeira "ruptura", isto é, em obrigar a anotá-las. É isto que terá de fazer quando começar o trabalho de pesquisa; suas primeiras reações "imediatas", "ao vivo", de alguma forma, liberam suas expectativas porque são frustradas, liberam suas projeções porque são desmentidas. Tudo isso desapareceria se não tivesse tomado tempo para anotá-las. É o diário que transforma o erro manifesto - erro de apreciação, evento inesperado - em ferramenta para evidenciar, pela via do distanciamento temporal, normas diferentes às quais estão submetidas seus pesquisados e você mesmo. É a isso que chamamos de *auto-análise*, a objetivação de suas expectativas subjetivas, de seus engajamentos mais ou menos não confessos, de suas tomadas de posição, elas mesmas, socialmente determinadas.

Antes que censurá-las de antemão, mascará-las caprichosamente sob a aparência de neutralidade, impossível de atingir, é deixando-lhe livre curso, o tempo suficiente para anotá-las, para desta forma poder melhor livrar-se delas (as pré noções), ou, mais exatamente, levá-las em conta para a continuação de suas interpretações. São suas impressões as mais subjetivas, as mais pessoais, aquelas de que, a seguir, terá vergonha certamente, que você deve exteriorizar confiando-as ao seu diário de campo (LOURAU [60]).

Tal trabalho de anotação é impossível antes do campo, na solidão de uma imaginação marcada por referências literárias ou da mídia; deve ser conduzido em paralelo com os primeiros contatos feitos para a pesquisa. Deve prosseguir-se ao longo da pesquisa e até com o campo terminado.

É o diário de campo que consiste, igualmente, em sua arma principal quando se trata de uma pesquisa por distanciamento. De fato, esta se fundamenta sobre a reflexividade. Trata-se de tornar-se estranho a si mesmo, isto é, submeter-se a um aprofundado questionário: por que quer conduzir essa pesquisa? que posição ocupa nesse universo? em que tal posição explica, ao menos em parte, o seu ponto de vista? Qual sua implicação em relação ao grupo que irá pesquisar? Sente-se à vontade ou não? Desejaria estar em outro lugar? Depende em que de seus pares, seus colegas? Eles dependem de você? Quem lhe é simpático, antipático? Por quê? É por escrito que deve responder a essas questões. Isso o ajudará a romper com seus hábitos, a desfazer-se de seu ponto de vista original. Mas é preciso que os tenha anotado antes de eles terem-se desfeito.

Só o diário de campo transforma uma experiência social ordinária em experiência etnográfica, pois não só restitui os fatos marcantes que sua memória corre o risco de isolar e de descontextualizar mas, especialmente, o desenrolar cronológico objetivo dos eventos. Constitui por esse fato algo como arquivos de si mesmo. Citemos Marc Bloch [80] quando, como historiador, evoca suas atividades de oficial de abastecimento quando da derrota de junho de 1940: "Já havia durante o dia queimado, de acordo com as nossas instruções, meus arquivos, incluindo o caderno em que estava inscrita, dia a dia, toda a história de meu serviço. O que não daria hoje para tê-lo em mão, aquele querido caderno verde?"

Esse diário de campo permite levar a cabo um trabalho sobre si mesmo e um primeiro trabalho de desbravar o campo. Num primeiro momento, você terá forçosamente somente idéias preconcebidas sobre o que encontrará no campo. Mas essas idéias são, em geral, confusas e mais ou menos inconscientes.

Seu primeiro trabalho consistirá, então, não em eliminar de uma vez essas "pré-noções", que são inevitáveis e, até, indispensáveis, mas em explicitá-las, numa primeira etapa rumo a uma verdadeira "ruptura", isto é, em obrigar a anotá-las. É isto que terá de fazer quando começar o trabalho de pesquisa; suas primeiras reações "imediatas", "ao vivo", de alguma forma, liberam suas expectativas porque são frustradas, liberam suas projeções porque são desmentidas. Tudo isso desapareceria se não tivesse tomado tempo para anotá-las. É o diário que transforma o erro manifesto - erro de apreciação, evento inesperado - em ferramenta para evidenciar, pela via do distanciamento temporal, normas diferentes às quais estão submetidas seus pesquisados e você mesmo. É a isso que chamamos de auto-análise, a objetivação de suas expectativas subjetivas, de seus engajamentos mais ou menos não confessos, de suas tomadas de posição, elas mesmas, socialmente determinadas.

Antes que censurá-las de antemão, mascará-las caprichosamente sob a aparência de neutralidade, impossível de atingir, é deixando-lhe livre curso, o tempo suficiente para anotá-las, para desta forma poder melhor livrar-se delas (as pré noções), ou, mais exatamente, levá-las em conta para a continuação de suas interpretações. São suas impressões as mais subjetivas, as mais pessoais, aquelas de que, a seguir, terá vergonha certamente, que você deve exteriorizar confiando-as ao seu diário de campo (LOURAU [60]).

Tal trabalho de anotação é impossível antes do campo, na solidão de uma imaginação marcada por referências literárias ou da mídia; deve ser conduzido em paralelo com os primeiros contatos feitos para a pesquisa. Deve prosseguir-se ao longo da pesquisa e até com o campo terminado.

É o diário de campo que consiste, igualmente, em sua arma principal quando se trata de uma pesquisa por distanciamento. De fato, esta se fundamenta sobre a reflexividade. Trata-se de tornar-se estranho a si mesmo, isto é, submeter-se a um aprofundado questionário: por que quer conduzir essa pesquisa? que posição ocupa nesse universo? em que tal posição explica, ao menos em parte, o seu ponto de vista? Qual sua implicação em relação ao grupo que irá pesquisar? Sente-se à vontade ou não? Desejaria estar em outro lugar? Depende em que de seus pares, seus colegas? Eles dependem de você? Quem lhe é simpático, antipático? Por quê? É por escrito que deve responder a essas questões. Isso o ajudará a romper com seus hábitos, a desfazer-se de seu ponto de vista original. Mas é preciso que os tenha anotado antes de eles terem-se desfeito.

Só o diário de campo transforma uma experiência social ordinária em experiência etnográfica, pois não só restitui os fatos marcantes que sua memória corre o risco de isolar e de descontextualizar mas, especialmente, o desenrolar cronológico objetivo dos eventos. Constitui por esse fato algo como arquivos de si mesmo. Citemos Marc Bloch [80] quando, como historiador, evoca suas atividades de oficial de abastecimento quando da derrota de junho de 1940: "Já havia durante o dia queimado, de acordo com as nossas instruções, meus arquivos, incluindo o caderno em que estava inscrita, dia a dia, toda a história de meu serviço. O que não daria hoje para tê-lo em mão, aquele querido caderno verde?"

De fato, a principal utilidade do diário de campo está na releitura dele que se fará, qual revela a distância entre o que foi anotado e o que se relê; graças ao que se conseguiu do campo, as primeiras anotações servem, ao mesmo tempo, de ponto de referência (daí o interesse das anotações mais triviais, datas, lugares, nomes) e mudam de sentido (e deixam às claras o ponto de vista do pesquisador ingênuo).

Tornar-se pesquisador

Para todo profissional da pesquisa de campo, etnógrafo ou sociólogo, o problema de tornar-se pesquisador não se coloca ou não se coloca mais. Pesquisar é um elemento constitutivo de sua atividade e identidade profissionais. No momento das tomadas de contato prévio de toda pesquisa, pode se corresponder com seus interlocutores utilizando folhas timbradas de sua instituição e, no local, pode apresentar seu cartão de visita, destacar seu título de pesquisador. Resumindo, assumir com toda legitimidade sua vinda ao campo. Dispõe também de recursos materiais ligados a seu *status* (segurança de emprego, possibilidade de fazer um “longo” campo, custos de missão) que lhe facilitam consideravelmente a realização de sua pesquisa.

A maioria de vocês, em situação de aprendizagem do ofício, muitas vezes, estudantes de licenciatura, bacharelado, mestrado ou doutorado não pode beneficiar-se de tal situação mesmo que, veremos, tenham outras vantagens de que se possam valer (cf. Encarte 16)

Um novo papel social a desempenhar

Muitas vezes, constatamos as dificuldades encontradas pelos estudantes ao assumir o papel de pesquisador inerentes à aprendizagem do trabalho de campo, mesmo que variem conforme os indivíduos e suas trajetórias escolares. Seu mal-estar em desempenhar o papel de pesquisador e ocupar essa posição pode impedi-lo de conduzir a pesquisa.

Encarte 16

Estudante: um *status* ideal para pesquisar

Ser estudante nos fornece numerosos recursos para conduzir uma pesquisa. O termo estudante tranquiliza, pois muitos são os pesquisados que conhecem alguns em seu entorno (crianças, sobrinhos e sobrinhas, vizinhas, etc.). As pessoas querem lhe prestar serviço, ajudá-lo. Os estudantes não representam ameaça social. Estão num estágio antes da entrada na vida ativa e, sobretudo, em situação de aprendizagem, as pessoas ficarão encantadas em poder ajudá-los. Perdoarão seus erros (desde que estes não sejam grosseiros demais. Aproveitem!)

A situação de pesquisa pode ser tudo, menos natural. Ela o coloca numa relação social a um só tempo artificial e inédita. Quando se torna pesquisador sente-se constrangido pela situação, durante todo o tempo da pesquisa, a trocar de papel, a levar uma vida

diferente da de estudante "tradicional" (leitura, cinema, biblioteca, "restaurante universitário", os colegas, etc.), ou a do estudante assalariado. A situação de pesquisa corta seus vínculos mais próximos (família, amigos), suas atividades e horários usuais; obriga-o a se desfazer provisoriamente de seus laços (sociais, familiares, territoriais) e a deixar em suspenso boa parte de sua identidade social anterior. Para adaptar-se a essa situação nova terá que, de certa forma, mudar de pele, mudar de atividades, mudar de horário, mudar os códigos da boa educação, sempre que mudar de contexto e de relações.

Tornar-se pesquisador é tornar-se necessariamente um pouco "esquisito" aos olhos dos outros na vida social ordinária. Passará a ser alguém que não pára de questionar, de ver as coisas ao redor com olhar distanciado e que demonstra, muitas vezes, curiosidade que as regras usuais da boa convivência poderiam qualificar de exageradas. O pesquisador é alguém que olha ou vê coisas que não deveriam ser vistas, que coloca questões por vezes embaraçosas, que pode dar aos outros (os pesquisados) a impressão de "invadir". Por causa disso, certos pesquisados podem, no decorrer do processo, repreendê-lo por estar "sempre ali" ou por provocar conflitos no interior do meio pesquisado.

Também, a força das circunstâncias conduzi-lo-á a ter que discutir de igual para igual ou, por certo tempo, em pé de igualdade com pessoas de idade e de *status* bem diferentes dos seus, já instaladas na vida profissional e social que podem se impor socialmente em relação a você (e não deixaram de tentar fazê-lo para "intimidá-lo"). Você terá, então, que assumir uma dupla obrigação: respeitar as regras exteriormente e, interiormente, estar suficientemente liberado para *observar*, ou, ainda, levar a sério o duplo sentido do termo observar, qual seja: respeitar as regras mas à distância, sem nelas acreditar, de certa forma, se descolar delas.

Em situação de pesquisa tradicional, de desambientação, a posição de estranho benevolente e curioso corresponde perfeitamente àquilo que é preciso fazer. Ainda se faz necessário tomá-la muito a sério sem jamais se desviar dessa atitude respeitosa e despreendida. O melhor meio é viver essa atividade de pesquisa como um verdadeiro "trabalho" (mesmo que sem salário), impondo-se a si mesmo obrigações regulares que se esforçará por seguir tais como manter o diário de campo, fazer regularmente observações, realizar entrevistas, ir em busca de documentos, consultar os arquivos, ler. O trabalho de campo, pois, não aceita meias-medidas ou trabalho pontilhado; exige que sua pesquisa preencha sua vida inteira.

Quanto mais a gente destoa do meio pesquisado, mais fácil fica para os pesquisados ter uma idéia clara do que fazemos por lá. Ao mesmo tempo procurarão achar-lhe um lugar possível, uma função em que a sua não conformidade parecerá natural. Se, por exemplo, quiser observar um casamento, terá de optar entre duas táticas: ou fundir-se com a multidão dos amigos do noivo ou da noiva (e, então, valha o que valer, estará um pouco "vestido em trajes de domingo" mesmo que mais na moda).

No entanto você corre o risco de sentir-se enfiado e de ser desmascarado. Ou, então, vir vestido de maneira não festiva e assumir seu lugar de pesquisador (o que supõe que tenha bem explicado aos organizadores o que está fazendo ali) e obter apoio do único observador profissional do espetáculo, o fotógrafo. Aconteça o que acontecer, haverá um momento em que não se poderá passar despercebido.

Evidentemente, há ambientes com os quais não se pode jogar dessa maneira: os SDF (sem teto), ciganos; os guardas penitenciários etc. Nosso conselho é, seriamente, *evitá-los*, de deixá-los para os amantes de sensações fortes ou para os pesquisadores experimentados.

Existe uma outra solução de moradia. Poderá ficar alojado na casa de algum morador. Isso tem uma vantagem evidente: seu hospedeiro será seu primeiro aliado e seu primeiro informante (e será preciso, na seqüência, levar em conta sua posição para controlar e analisar suas informações). Mesmo que não faça nada em particular para você, o nome dele agirá como caução moral ou como fonte de suspeita. Esta situação tem, no entanto, um enorme inconveniente, a saber, o de raramente estar tranqüilo para trabalhar (anotar, transcrever entrevistas) porque é preciso saber que, aos olhos dele, o que você faz – especialmente esse longo trabalho de escrita do etnógrafo – é estranho e até suspeito (“passar o tempo todo a escrever? Mas sobre o quê? para fazer o quê?” etc.) e pode suscitar curiosidade. Você será levado, pois, a sempre se perguntar sobre como proteger seus documentos, como evitar que venham bisbilhotar suas coisas, que contêm, de fato, anotações que devem ficar só “para você”.

Encarte 17

Os efeitos benéficos da instalação no local

Pode-se tomar como exemplo a pesquisa de Oliver Schwartz [33] levada a cabo numa cidade operária do norte da França durante a primeira metade dos anos 1980.

Professor de filosofia num liceu da região, mora há vários anos num bairro de habitação popular. Membro do PCF (Partido Comunista Francês), ficou conhecendo militantes comunistas e estabeleceu com alguns deles relações políticas e amistosas. Acompanha ao vivo e “diretamente” o aumento do desemprego e a explosão de uma classe operária, o que o toca mais intensamente por ser “militante”. Progressivamente lhe vem a idéia de consagrar um trabalho universitário àquilo que observa todos os dias. Graças à sua presença no local, tem acesso a numerosas informações, tem possibilidade de participar de (e de assistir a) numerosas cenas da vida familiar. Só essa presença contínua e duradoura no local permitiu-lhe colher narrativas muito ricas sobre a maneira como se vive a divisão sexual do trabalho nos casais de operários.

Em todos os casos importa que reflita sobre as condições em que obteve seu local de moradia (uma chance, um privilégio, um pistolão?) e sobre o que significa, para seus pesquisados, o fato de morar ali, de ter tal endereço.

- *O carro*. Todo pesquisador fazendo pesquisa de campo no interior deve ter um carro para si. Só os parisienses podem, hoje em dia, viver sem carro sem ter problemas. Na maior parte das pesquisas em meio residencial, o uso do carro, mesmo em mau estado, é indispensável (cf. Encarte 18). Trata-se de um recurso para a pesquisa e oferece múltiplas vantagens pois permitir-lhe-á: a) não depender de outros para ir e vir e o etnógrafo é alguém que está em campo por muito tempo e que pode, também, se preciso, ir embora; b) prestar serviço, ajudar alguém; c) ser identificável (“parei aqui porque vi seu carro diante da sua casa...”); d) visitar as pessoas em suas casas mesmo que morem

“longe” do lugar em que está morando; e) voltar para casa à noite após um encontro, reuniões, jantares.

Em resumo, um carro permite que você conserve sua autonomia de não ficar dependendo dos outros. Esteja prestes a alguns sacrifícios se não quiser ter de ser conduzido pelos informantes que vêm buscá-lo de trem e tem de levá-lo de volta.

- *Romper provisoriamente com as pessoas próximas.* Quando se faz o trabalho de campo na França, com pessoas que falam a mesma língua, a 300 ou 600km da sua casa, é sempre mais difícil desligar-se do mundo do que quando se está na África ou na Oceania. Em consequência disso, a relação com seus próximos é mais complicada para ser “gerenciada”: eis que é preciso chegar a lhes fazer entender que você precisa de isolamento, de calma e de concentração e de estar imperiosamente “dentro” para fazer bem o seu campo. Isso significa que seus próximos não o procuram por futilidades. Existe aí uma necessidade de explicar-lhes as exigências do trabalho de campo, algo que eles têm sempre dificuldade em compreender porque, no campo, sempre se está um pouco “em férias”, fora da vida social do dia-a-dia.

Encarte 18

Solex (mobilete) e Solex (mobilete)

Tão importante quanto o modo de transporte é a percepção que dele terão os pesquisados. Pode-se comparar, com dez anos de diferença, duas pesquisas realizadas por duas estudantes: uma na Bretanha interior, outra em Seine-et-Marne. As duas usavam uma Solex (mobilete) como meio de transporte. De um lado, a primeira, enfrentando vento e chuva (do Finistère) sobre sua mobilete atraía, por isso mesmo, a simpatia e até compaixão por parte dos “nativos” que estava a pesquisar. Essa moça era vista como de origem modesta, corajosa, brava, sem medo de enfrentar as agruras do tempo para conduzir sua pesquisa solitariamente. Sua mobilete era seu emblema e o sinal vivo de seu total engajamento na pesquisa e uma espécie de penhor moral dado aos pesquisados. A estudante era julgada de um ponto de vista moral (é sempre um dos principais pontos de vista a partir do qual os pesquisados julgam o pesquisador).

Sua mobilete a diferenciava da intelectual perdida e sem desembaraço vista com olhar de gozação.

Outra pesquisa, outra mobilete; uma estudante dez anos mais jovem, vive sua primeira experiência de campo (em Seine-et-Marne) como uma experiência mística, vê sua viagem em mobilete como uma missão, uma via-sacra no inverno; dando a impressão de ser uma parisiense perdida desembarcando, alguém estranho. Sua mobilete reforça a imagem de alguém não muito sério, um pouco “sem jeito”, o que a impede de deslanchar na pesquisa.

No campo, tomado pela pesquisa, é possível (e você deve) que você se esqueça de fatos ligados a seus próximos (como, por exemplo, esquecer-se de dar os parabéns pelo aniversário) e mais você avança na pesquisa, mais aquilo que estiver vivendo no processo suplantará sua vida ordinária anterior, como por exemplo, conseguir descolar uma entrevista ou ser admitido numa reunião, ser-lhe-á mais importante do que tal ou

Encarte 19**Um primeiro contato penoso: tensão entre dois representantes de instituições**

Uma série de mal-entendidos – ou de descortêsias – no início de uma pesquisa junto a uma diocese acarretou, por ocasião de um estágio de pesquisa de campo, uma situação de entrevista ao mesmo tempo desconfortável e instrutiva. Quatro pessoas diferentes estão implicadas nessa história: dois estudantes, Lucas e Marina, e dois docentes que supervisionam o estágio.

Primeiro dia: Lucas telefona e apresenta-se como trabalhando sobre os movimentos cristãos: marca uma entrevista com o Sr. XX, presidente de uma associação de “quadros e dirigentes cristãos”. Lucas e Marina, acompanhados por um de seus docentes, passam, a seguir, pelo episcopado onde desejam encontrar-se com um responsável capaz de apresentar o funcionamento da diocese; a conversa é marcada para o dia seguinte com o Sr. YY, presente nesse dia.

Segundo dia: Lucas mudou de tema e interessa-se, agora, pelos rituais. Desiste, pois, de suas duas entrevistas, confiando a Marina o cuidado de justificar-se pela mudança. O docente da véspera está ocupado em outro lugar. Um outro assume a tarefa e, com Marina, apresenta-se para a conversa. Marina é russa, e não tem a idade de uma estudante tradicional, além de mostrar-se bastante inquieta com esse encontro. Sr. YY não é outro senão o próprio Sr. XX e recebe muito mal a desistência de Lucas: “Como assim? Ontem, vi três, hoje vejo somente a senhorita (Marina) e uma nova pessoa. Vocês estão mal organizados, diz ele com um ar de repreensão, àquela que se apresenta como docente (e que veste nesse dia, por desgraça, um jeans rasgado). Será necessário uma hora de conversa para convencer o interlocutor de nossa (relativa) seriedade.

Respeitar as regras da boa educação é a primeira prova, sem dúvida a mais temível, do campo. Pontualidade, atitudes corretas e vestimentas, apresentação de uma “fachada” coerente, diria Goffman: nós falhamos com os dois últimos imperativos da pesquisa. Pode-se incriminar nossa falta de preparação e nossa precipitação. Elas revelaram os conflitos entre dois universos institucionais: o da escola leiga (l’Ecole Normale Supérieure, com sua tradição *dreyfusarde* “judia”²⁰ e de “esquerda” e o laxismo de sua linha de ensino) e o da hierarquia eclesiástica (uma diocese representada por um leigo de direita, de postura militar, munido de rígidos princípios). Duas caricaturas de uma outra época enfrentaram-se nesse dia como o mostra a primeira frase solene do Sr. XX: “Em 1905, o Estado espoliou a Igreja. A senhorita sabe o que significa espoliar?” Encenação de um traumatismo original, exótico para Marina. O aperto de mãos final foi, no entanto, marcado por certo respeito. É certo que, mesmo sem as falhas cometidas desde os primeiros contatos, a entrevista teria sido difícil e teria talvez terminado rapidamente, pois era clara a desconfiança de nosso interlocutor.

Mas, sem dúvida, a tensão não teria sido tão forte, um momento penoso mas instrutivo, na condição de não se tomar tais caricaturas pela verdade de suas respectivas instituições.

20. Antes de começar a entrevista, nosso interlocutor perguntou a respeito de nosso credo religioso. A cada uma de nossas respostas, ele levantava os olhos ao céu. Pode-se lembrar que em certos meios antropológicos se chamava, antigamente, a sociologia como “ciência judia”, assim como a psicanálise, aliás.

qual fato da vida política nacional ou algum outro fato da sua vida pessoal. Conquistar seu espaço-tempo de pesquisa é algo muito importante.

- *Apresentar-se.* É inútil disfarçar-se de “nativo”, pois não poderá passar despercebido no campo.

Pelo contrário, um dos motores da pesquisa será sua localização, sua identificação. Em todo meio de interconhecimento a simples presença de um desconhecido dispara toda uma bateria de tentativas de identificação, sendo melhor facilitar do que tentar esquivar-se. Para dar-lhe uma idéia desse processo, lembre-se do que se passa quando um novo aluno chega numa classe, já o ano iniciado, ou quando um novo estagiário usa a máquina de fotocópias de um laboratório ou, ainda, quando um desconhecido vem sentar-se à sua mesa na hora do café.

- *Conselho.* Seja você mesmo e apresente-se. Não se disfarce de nativo nem imite os “Dupont” de Tintin que ensinavam os nativos a respeito das imagens que os ocidentais fazem deles. Por outro lado, é evidente, não vá entrevistar um operário vestindo um terno e nem se dirija à sede do episcopado com jeans todo esburacado (cf. Encarte 19). De fato, como sempre, o que lhe deve servir de guia é um certo tipo de bom senso sociológico, isto é, o conhecimento das normas em vigor no meio pesquisado. Porque existe, sim, uma norma de apresentação (em todos os sentidos do termo) dos recém-chegados ou dos desconhecidos. Pode-se, aliás, considerar que essa obrigação de se apresentar ou de se identificar como recém-chegado define um meio de interconhecimento em que a norma é a relação pessoal (não se aperta a mão da caixa do supermercado trocando nomes e atributos; não se é obrigado a entrar em relação *pessoal* com ela).

Quando se vai visitar um prefeito, um diretor de empresa, um diretor de escola (ou mais geralmente tudo o que se chama de “institucional”) e seus respectivos locais de trabalho, somos obrigados a prestar atenção à aparência física.

Os entrevistados lhe dão seu tempo e um pouco de consideração. Basta retribuir-lhes comportamento semelhante. É evidente que se sua apresentação não corresponde àquela que esperam de você, se ela bate de frente com eles ou os choca, estarão menos dispostos a ajudar na pesquisa e serão reticentes em colaborar. A apresentação de si desempenha papel importante, pois pode condicionar a seqüência da pesquisa, abrindo ou fechando-lhe portas. Não se esqueça do que significa “apresentar-se”: declinar nome e qualificação, justificar a presença, desarmar as suspeitas, oferecer uma imagem apresentável, suportável para você e para outro (cf. GOFFMAN [89]).

Quando compartilha da vida diária dos pesquisados (no espaço público ou no familiar), as normas de auto-apresentação são diferentes, pois oferecem mais amplitude e admitem uma tolerância a respeito de alguns pontos, mas podem ser severos com respeito a outros. Não se trata só de normas de vestir-se mas, também, de normas de comportamento, principalmente os que dizem respeito ao horário (cedo/tarde, pontual/flexível); à previsibilidade (anunciar-se/chegar de imprevisto); relações corporais (beijo, cumprimentos de mão, distância física); respeito dos territórios (bater, entrar sem bater). Fique certo, suas principais falhas lhe serão assinaladas a não ser que seus hospedeiros sejam tão polidos que se curvem sem resmungar a todas as suas indelicadezas (será preciso, então, observá-los e perguntar-lhes). Preste atenção especial à questão dos horários, pois as normas diferem muito de acordo com a classe social e sua não observação irrita-os ou desagrada-lhes. Vale mais, no campo, ser pontual do que não muito. Vale mais, no campo, ser mais previsível do que não muito. Verá que é, por

vezes, falta de educação estar malvestido inclusive em meios populares e, por vezes, mal-educado por estar muito bem vestido. Tome o exemplo de um convite para jantar com várias pessoas. Se destoar muito é porque não compreendeu algo na situação – isto é um bom meio para refletir, após o fato, pela sua “incompreensão”.

Relativemos, todavia, a importância da forma de se vestir, pois o essencial quanto à aparência física é que se sinta à vontade. Pense um pouco no efeito que poderá causar, mas não se interrogue muito tempo antes. Somente a “gafe” lhe ensinará; ao invés de desesperar-se, esteja pronto a compreender e prestar atenção, porque ela revela normas, em geral, implícitas.

Exemplos

Você chegou tarde. Seu anfitrião lhe faz perceber sutilmente que não tem mais muito tempo a lhe dedicar. Pontualidade e atraso são indícios de uma relação de poder. Seu médico o recebe com atraso, mas lhe chamará a atenção se você chegar atrasado. O que está em jogo nesses pequenos problemas de educação é o valor relativo do tempo de acordo com os indivíduos. O tempo de seu pesquisado será menos raro que o seu? Em outros termos, você seria superior a ele? Seus interlocutores que não o chamarem a atenção por um atraso são aqueles que dão nenhum ou pouco valor para o tempo, seja porque não precisam marcar sua superioridade, seja porque se trata de uma janela de seu tempo subtraída aos compromissos sociais do dia-a-dia. O que mais lhe complica em sua tarefa é que, muitas vezes, fazer um comentário sobre a falta de educação é um gesto não polido. Só lhe resta como solução, compreender o que se passa ao prestar atenção às fofocas, conversas em que o principal interessado está ausente (pois assinalam-se descortesias de cada um mas só *in absentia*). Assinalam-se suas falhas só quando as julgarem inocentes e não precisarem interpretá-las, pois não têm conseqüências. Tal inocência, tal inconseqüência de seus atos é resultado de sua exterioridade. Quanto mais o tomarem por um estranho, isto é, um incompetente nas relações sociais, mais lhe explicitarão as regras que você infringirá.

Por que dar importância à roupa, ao lar, ao carro? Porque são, cada um a seu modo indicadores sociais, elementos de identificação do pesquisador. Uma das regras básicas da atitude do pesquisador é não suscitar desconfiança. Pelo contrário, é preciso sem cessar, por pequenos gestos, por atitudes adaptadas à situação, procurar obter sinais de confiança da parte dos pesquisados. Não procure, pois, compor um personagem muito distante de sua personalidade porque será pego com “a boca na botija”. O pesquisador desencadeia uma série de suposições, de acusações, de juízos e ele deve, por obrigação, explicar-se o mais rápido possível:

Dar partida à pesquisa

Doravante você está no local, mais ou menos bem instalado, com o pé no estribo. Por onde começar? Quem encontrar primeiro? Como fazê-lo? De certa forma, a pesquisa já foi iniciada, pois quando procurou local para morar teve que explicar-se. Chegou e o identificaram. Agora, falta-lhe passar a algo mais *oficial* e menos aleatório. A fase da partida pode ser mais ou menos longa, mais ou menos difícil. A pesquisa pode iniciar bem depressa porque você conseguiu de imediato o “bom contato”; isto acontece quando as coisas, num primeiro tempo, encadeiam-se rápida e harmoniosamente. No entan-

to, pesquisas com início muito rápido podem, de repente, patinar, ratear por razões que deverão ser analisadas e logo lhe darão as chaves para prosseguir. Poderá, também, dar partida lentamente, imobilizar-se, esperar por longo tempo, por vezes em vão, que “algo” seja desbloqueado. Tais dificuldades não se devem necessariamente à sua falta de prática (*savoir-faire*) ou à sua inexperiência no campo. Podem ser devidas simplesmente a condições objetivas que você ainda não conhece (cf. Encarte 20).

Não existe um modelo simples de pesquisa. A orientação é sempre a mesma: não desanime, dê tempo a si mesmo, não force a barra, analise as razões do bloqueio da pesquisa (cf. Encarte 21). Não se inculpe por sua atitude (culpabilização) ou acuse a sorte (fatalismo); culpe, sim, a situação em que caiu sem o saber, pois tudo é sempre interessante. Se, apesar de seus esforços, as dificuldades persistirem, será preciso que reflita nas causas desse bloqueio, e que interrompa, talvez por momento, o trabalho de campo, e faça uma análise da situação com seu orientador, para quem sabe até mudar de temática se o bloqueio for completo...

Como apresentar sua pesquisa?

No caso das pesquisas por desambientação, tem que apresentar sua pesquisa. Esta fase do trabalho é essencial porque ela define a situação de pesquisa e permite evitar os bloqueios.

Encarte 20

Em busca dos pais de alunos

Por ocasião de uma pesquisa numa cidadezinha do interior, um estudante deseja trabalhar sobre a relação das famílias de classe popular com a escola. Como estávamos alojados no abrigo dos jovens trabalhadores, situados no conjunto habitacional popular da cidade, ele escolhera pesquisar junto aos pais de alunos das duas escolas primárias (públicas) do bairro. Se o contato foi muito fácil, desde o início da pesquisa, com os docentes e diretoras de escola, não conseguia realizar entrevistas com os pais de alunos (notemos a forte presença de famílias monoparentais nesse bairro). De fato, por um lado, não havia nenhum pai declarado como membro de uma associação de pais de alunos; pelo outro, as professoras afirmavam não ter o direito, como em nenhum outro lugar, de colocar-nos em contato direto com os pais. Tentamos, em desespero de causa (medindo bem os riscos de fracasso da operação), contatar os pais na saída da escola. Como previsto, isso não deu em nada; desconfiadas, as mães de alunos se perguntavam o que poderiam estar querendo delas, pois (estavam ali para ir pegar seus filhos), e respondiam-nos como se estivessem sendo objeto de uma entrevista rápida para uma reportagem de televisão.

Em resumo, a entrada no campo não podia passar pelo viés da escola. Era preciso tentar de outra forma, “entrar” pelo bairro. No entanto, havia poucas associações no bairro, com exceção das dos portugueses e dos marroquinos (pesquisados por outro estudante do estágio). As coisas complicavam-se; ao cabo de três dias, a pesquisa havia avançado só junto ao mundo dos docentes e dos trabalhadores ligados aos serviços de assistência social do bairro e na coleta de estatísticas referentes às duas escolas. Não nos desesperamos de todo e decidimos pedir ajuda à funcionária dos correios, responsável por um pequeno anexo do Correio central: “Oh! você sabe, aqui não posso enviar você à casa de qualquer um”. Ela nos dá nomes de três pessoas, “estas aqui deverão servir”. Pedimos-lhe que as previna para não aparecermos em suas casas de surpresa. Ela se encarrega de fazê-lo.

Encarte 21**Os bloqueios da pesquisa**

Pequeno *guia* para os casos desesperados.

1) *Você se aborrece* – Não se inquiete, pois é normal. Tire proveito do tempo que tem para fazer leituras, refletir, transcrever de novo entrevistas, passar a limpo suas anotações.

Sobretudo, não largue tudo. É preciso chatear-se de tempos em tempos, isso lhe dará coragem para ousar ações delicadas: tudo é melhor que ficar girando em círculos.

2) *Está bloqueado* – Tudo ia bem. Encontro após encontro, entrevistas, documentos etc. E depois, após alguns dias, nada anda mais; eles (os pesquisados) estão de férias; ocupados, evitam você e você não vê mais ninguém.

- Leve a coisa a sério e muito; não lhes dê de ombros. Não vá embora, pensando em voltar mais tarde.

- Reencontre seu mais seguro aliado (em geral, é alguém que já conhecia antes da pesquisa) e pergunte-lhe pelo que se passa. Se ele se furtar de explicar, é preciso que se inquiete.

- Contorne sua primeira rede de contatos e encontre uma segunda entrada para o campo.

- Assim que possível, tente furar o bloqueio (sem se impor). Certamente aconteceu algo. Anote tudo isso, talvez se trate de algum fato que, mais tarde, poder-lhe-á servir de chave de análise.

Exemplo: Uma estudante trabalha com um centro de mulheres vítimas de violência. Num primeiro momento, a pesquisa avança bem, a entrada no campo é fácil, as entrevistas começam e, depois, de repente, por razões desconhecidas da estudante as coisas param, o acesso ao campo fecha-se. A estudante desespera-se, pois sua pesquisa parece condenada, seu “campo” desapareceu. Aconselhada pela orientadora, não abandona e vai ver pessoas de fora do centro com quem bate longos papos que lhe revelam as razões do “bloqueio”: a instituição mudou de chefia, os antigos responsáveis partiram ou desejam partir, o ambiente piora e não se pode oferecer tal espetáculo a ninguém de fora.

- *Os usos da palavra “pesquisa”.* Uma questão importante de vocabulário, mas que também implica na relação entre pesquisador e pesquisado, pois com quais palavras justificar, numa situação de cara a cara (que se verá mais tarde ser a preferida), sua ação? sua presença no local? Um “trabalho”, “uma pesquisa”, “um estudo”?

Por que atrasar-se com o que se parece com ninharias? Porque é preciso saber que esses diferentes termos são palavras com cargas sociais que empenham um certo tipo de percepção de seu trabalho pelos “nativos”.

Por exemplo, o termo *pesquisa*, que se utiliza cada vez mais, não é neutro. Presta-se a associações de idéias ligadas a seu emprego corrente e cuja conotação é pejorativa: “pesquisa policial”, “pesquisa social”, “pesquisa fiscal”, ou “pesquisa de vida privada”.

É, então, um termo que pode ser, por si mesmo, objeto de interpretações negativas, de suspeitas, de cautela por parte de certos pesquisados em certos meios sociais ou profissionais. Sabe-se, também, que certas instituições são, muitas vezes, levadas a realizar pesquisas internas sobre a (dis)função de tal ou tal setor da instituição, sobre o seu pessoal, etc. Você deve imaginar que nem sempre as pessoas estão prontas para aceitar o

princípio de uma pesquisa exterior, "independente" e que para alguns o termo só pode remeter a esse tipo de controle.

É notadamente o caso das instituições escolares que, por um conjunto de razões (autonomia crescente dos estabelecimentos, concorrência acirrada entre colégios e escolas de ensino médio pelo recrutamento dos alunos, desenvolvimento das carreiras dos chefes de instituição), tendem a proteger-se das pesquisas etnográficas. Exemplo tirado de uma de nossas pesquisas: um Conselheiro Principal de Educação (CPE) de uma escola de ensino médio com o qual havíamos estabelecido boas relações, advertiu-nos a propósito do responsável pela Secretaria de Educação municipal que ele conhecia bem (10 anos de trabalho juntos): "Sabe, nosso Secretário, ele não gosta muito dessas pesquisas. Você teve a chance de que ele a aceite". De fato, é o último ano de sua carreira, antes da aposentadoria e havíamos descoberto, por ocasião de uma entrevista preparatória, que éramos da mesma cidade (que éramos conterrâneos). Isso facilitou o contato.

Para ser breve, a palavra "pesquisa" pode lembrar o Estado, o poder, o abuso de poder. Se você tiver boas razões para pensar que o meio estudado desconfia das pesquisas, tente evitar o termo usando outras expressões (um "trabalho" a respeito de, um "estudo", "uma busca"...). Mas o mais simples é tomar tempo e escolher meios para explicar-se sobre o sentido de seu trabalho (cf. Encarte 22). Se for preciso, desfaça-se das semelhanças ou confusões com trabalho policial ou de vigilância. Mostre aos pesquisados que seu trabalho é de outra natureza, que você não tem poder algum, que não divulgará nada, que não tem interesses fora do seu universo, a universidade.

Ou ainda apoiar-se, se puder, na demanda de seus professores, numa instituição de pesquisa científica. A apresentação de seu projeto aos pesquisados não é o único momento que terá para tranquilizá-los; no campo, passará boa parte do tempo a fazê-los compreender o que está a fazer. Procure sempre estar o mais próximo da verdade (por vezes é impossível dizer toda a verdade, que não poderia, em certos casos, ser admitida ou compreendida pelos pesquisados) para evitar as más interpretações de seu trabalho. Não se poderá impedir que pessoas sejam hostis (quer o mostrem ou não) e se recusem a toda colaboração ou evitem você. No entanto, deixando claro seu processo, você poderá ganhar o apoio de pessoas que irão ajudá-lo a lançar e deslançar sua pesquisa.

- *Deixe algo de vago em sua apresentação.* Não é preciso crer que seja necessário dizer "tudo" às primeiras pessoas que encontrar. Não existe obrigação alguma de transparência total numa pesquisa. Esta, como todas as atividades da vida social, autoriza uma parte de sombra, de não-dito. Na apresentação de sua pesquisa, tem o direito de deixar certo número de coisas nebulosas, não por espírito calculista nem por "malícia", mas porque: a) as considerações acadêmicas não são da conta de seus pesquisados; b) você nunca sabe de antemão como vai evoluir a pesquisa; c) você deixa uma margem de manobra para reorientar posteriormente a pesquisa se suas primeiras investigações o exigirem.

De fato, no mais das vezes, as pessoas pesquisadas procuram exatamente saber quem é você, o que quer; depois querem saber que informações está procurando, que respostas espera ter, como, por exemplo, quando devem preencher um questionário ou responder a uma pesquisa de opinião, pois essa é a imagem estereotipada e dominante da pesquisa com a qual você estará sempre sendo confrontado e da qual se deve dissociar. Vendo-o chegar, os pesquisados (mais aqueles que pertencem a uma instituição: empresa, es-

Encarte 22**A deontologia da pesquisa etnográfica**

Ser etnógrafo é estabelecer relações pessoais. Você se engaja *seu nome, sua pessoa*, não pode entrincheirar-se atrás de uma função, uma instituição, um empregador. Mas você empenha a reputação coletiva dos pesquisadores de campo, a honra da profissão. É por isso que deve seguir um pequeno número de *regras deontológicas*.

→ 1) Nunca gravar uma entrevista sem seu interlocutor saber.

→ 2) Pedir permissão para tirar fotos.

→ 3) Manter à disposição de seu interlocutor as fotos, as fitas as transcrições que o afetam (por isso mesmo não lhes impor).

→ 4) Nunca divulgar nada a respeito de seu pesquisado em seu meio de interconhecimento.

5) Vigiar, o quanto possível, para manter separados os meios de pesquisa e a de análise (o meio universitário). Os registros não devem circular no meio da pesquisa. Prefira fazer um texto que resuma suas principais conclusões no interesse de seus pesquisados.

→ 6) Se publicar (livro ou artigo) mantenha o *anonimato* não só de seus pesquisados (mude os nomes e os sobrenomes mas, também, se preciso os lugares e os coletivos). O princípio desse anonimato é o seguinte: alguém que não conheça de antemão o lugar e as pessoas não pode descobri-los, "reencontrá-los" com ajuda de seu texto.

Não se iluda, as pessoas envolvidas reconhecer-se-ão sempre, sejam quais forem seus pseudônimos. Poderá garantir a seus pesquisados o respeito a essas regras deontológicas; arranje tempo para explicar-lhes (em especial as regras 4 e 6). Afinal de contas, uma pesquisa etnográfica é universitária e científica, o que equivale dizer que é *independente*, pois você só age por própria conta e não é comandado por ninguém. Se pesquisar na condição de um contrato de pesquisa, explique quais serão os destinatários institucionais de sua análise. Em todo caso, seu imperativo profissional *primordial* será *proteger* seus pesquisados, o qual deve estar acima de qualquer outra consideração.

cola, polícia, justiça, hospital, centro social) levantam sempre as mesmas questões que podem lembrar abertamente com você: "Para que vai servir sua pesquisa?" "Para que serve isso?" "Por que nós, tal lugar, tal empresa, tal associação? tal clube esportivo? tal colégio? etc. e não os outros?" Poder-se-ia dizer, levando ao extremo os sentimentos de muitos pesquisados (somente uma minoria se presta de cara e com alegria à pesquisa). Por que isso cai sobre mim ou sobre nós? Por que merecemos este "azar"?

Num primeiro momento, terá de esforçar-se para responder o mais simples e honestamente possível, apelando para razões circunstanciais que lhe fizeram escolher tal assunto e tal lugar para pesquisar. "Escolhi tal vilarejo porque tenho amigos que moram a 10km", "Vim de férias aqui quando era pequeno", tal empresa porque tem tal característica. Tantas explicações cabíveis que tendem a mostrar que há uma grande parte de acaso que o conduziu a pesquisar "ali". Assim os pesquisados não terão a desagradável impressão de estarem sendo tratados como "cobaias". Você terá também o direito, pois é verdade, de insistir no fato de estar no início da pesquisa, estar tateando e estar começando seu trabalho. Coloca-se, pois, em posição de principiante que tem muito a aprender com eles, particularmente, ao lado deles, etc.

Ao contrário, certos meios irão acolhê-lo de braços abertos porque sua pesquisa será vista como capaz de legitimar ou valorizar sua existência e suas atividades. Pense, por exemplo, nos clubes de torcedores, nos clubes de jovens (rock, política...), nos clubes da terceira idade, nas associações culturais, nos diversos agrupamentos em busca do reconhecimento social, especialmente aqueles que acabam de ser criados (*cybercafés*, novos clubes esportivos e, mais geralmente, novos concorrentes num campo social). A sociologia pode então servir de caução ou de trunfo para o empreendimento em curso; sua relação será usada, por exemplo, para mostrar a utilidade ou o interesse da atividade estudada; seu trabalho será uma ferramenta possível de promoção da associação ou do grupo. Nesse caso, a largada é imediata, muito fácil – seríamos tentados a dizer fácil “demais”; você será acolhido de braços abertos, as portas se lhe abrem, escancaradas etc. O reverso da medalha não tarda, em geral, a aparecer, pois a liberdade do pesquisador é reduzida, ele é (gentilmente) seguido de perto, controla-se estreitamente o progresso da pesquisa e, sobretudo, assumem postura de guia (“vá ver *fulano*”, “faça isso, faça aquilo”). Tudo se passa como se quisessem fazer a pesquisa em seu lugar e escrevê-la. É particularmente difícil libertar-se da pressão dos “responsáveis”. Um ajuste se impõe muitas vezes para fazê-los respeitarem seu direito de pesquisar livremente, de conseguir resultados que não estejam conformes à expectativa deles.

Fazer contatos

É preciso diferenciar o modo de fazer contato de acordo com o tipo de pesquisa. No quadro de pesquisas lidando com grupos constituídos (associações, sindicatos, instituições escolares, religiosas, do judiciário) pode, por certo, passar por contatos informais (amigos de amigos, conhecidos), mas tem de anunciar oficialmente, com rapidez, suas intenções aos “responsáveis” diretamente envolvidos. Por quê? Porque será, em breve, referenciado como pesquisador e, se demorar a deixar claras as razões de sua presença (mesmo episódica) no meio pesquisado, no melhor dos casos, será gentilmente repreendido e, no pior, será acusado por não ter feito o pedido oficial e ter querido fugir dele, escondendo o jogo. Na falta dessa precaução elementar, que é também, no caso, uma regra social de saber viver (cf. Encarte 23), você será julgado “culpado” de dissimulação (ou de tentativa de dissimulação). Arrisca-se a fechar as portas e é possível que tentem impedir a pesquisa.

Observação. Não exagere. Não se trata de movimentar todo o mundo em torno do objetivo de sua pesquisa. É, como de hábito, uma questão de tato. Não hesite em pedir conselho a um aliado seguro e bem informado.

Como fazer contato? Escrevendo? Telefonando? Indo ao local? Essas questões práticas, aparentemente muito simples, são, todavia, importantes, porque o tipo de solução adotada pode influir no desenrolar do início da pesquisa. Não há, por certo, uma resposta unívoca. Tudo depende do contexto. Pode-se, contudo, enunciar um princípio válido na maioria das pesquisas. Na medida do possível, sempre terá interesse em ir *in loco* (à prefeitura, ao local das associações, à sede local do sindicato, ao presbitério, à sala dos professores etc.), para apresentar-se fisicamente e evitar, quando possível, o telefone (cf. Encarte 24).

Encarte 23**Não use de astúcias com os pesquisados**

Você deve sempre anunciar sua pesquisa, não fazer as coisas às escondidas. Isso não quer dizer a maior transparência (seus objetivos de pesquisa podem permanecer “secrets”), mas, em todo caso, evite forçar passagem a todo custo. Tomamos aqui o exemplo de um estudante que realiza sua primeira pesquisa de campo e quer estudar a gestão dos orçamentos familiares. Dadas suas atividades profissionais, possuía uma listagem (de esfera nacional) com os nomes, endereços, telefones de pessoas morando na pequena cidade pesquisada. De certa forma tornando-se (e apresentando-se como) pesquisador, transformava seus clientes em pesquisados. Tal jeito de agir parecia-nos contrário ao procedimento etnográfico, mas “funcionava”, pois as pessoas contatadas por telefone aceitavam o princípio da entrevista (para nosso espanto). Tudo ia bem até o momento em que um evento quase se torna um incidente lamentável para a pesquisa. Uma pesquisada contatada desse jeito, após trinta minutos de entrevista, pergunta-nos de repente: “Mas como conseguiu meu telefone?”

“Ora, pelo Minitel”²¹. Ela se espanta. “É esquisito, não entendo. Estou na lista vermelha (que proíbe a divulgação pública). Ele se sai com essa improvisação. Passamos pela prefeitura e nos deram seu nome como membro da Cruz Vermelha”.

Ela responde:

“Ah! sim, sou muito conhecida na prefeitura”. O mal-estar acaba, mas passamos um “aperto”. É melhor sempre evitar esse tipo de acrobacia. Seja simples e direto.

Encarte 24**Telefonar**

Abordar-se-ão aqui dois casos de figura.

a) Você enviou uma carta e, como acontece muitas vezes, não tem retorno de seu destinatário. Deixe passar alguns dias e, após esse prazo, pode-se permitir (como indicou por escrito) telefonar. Por um lado, a lembrança da carta está bem fresca na memória (“ah! sim, eu a recebi há uns dois, três dias”) e, do outro, poderá explicar-se, sendo, agora, identificável, reconhecido (seu nome e/ou o objeto de sua carta evocarão alguma coisa a seus interlocutores). Acima de tudo, não haverá nenhuma ambigüidade com seu procedimento, e o telefonema não dependerá de muitos preâmbulos explicativos. É preciso saber que muita gente está cheia de pesquisas, sondagens de todo o tipo, que pululam e que, hoje, complicam objetivamente o trabalho dos sociólogos/etnólogos porque é preciso, sem parar, diferenciar-se destes “pedintes” de todo o tipo.

b) Você telefona sem ter enviado uma carta anteriormente. É grande o risco de importunar as pessoas. Antes, o melhor é telefonar da parte de alguém que possa servir-lhe de recomendação (“Bom dia ou Boa tarde, estou telefonando-lhe da parte de Um Tal ou de Uma Tal, chamo-me X,” etc.) Sem essa recomendação, será mais complicado explicar-se. A seguir, cuide de fazê-lo em horas convenientes. Saiba que os ritmos de tempo diferem bastante segundo as regiões e as profissões. Se é corrente telefonar às 22:30h quando se é estudante, é preciso saber que a metade das pessoas ativas já estão deitadas nessa hora (especialmente as mães de família que fazem dupla jornada). Mesmo que respeite horários decentes, não hesite em desculpar-se por ligar no momento da refeição ou no sábado, domingo, etc. Em resumo, utilize regras (comuns) de civilidade.

21. N.R.: O minitel é um meio de comunicação (entre um telefone e um computador) que antecedeu a internet na França.

Se você telefonar sem poder, num primeiro momento, dar o nome de uma pessoa próxima ou distante do meio pesquisado, sem ser "recomendado", você aumenta significativamente: a) o risco de se deixar "enrolar" de modo significativo (vão fazê-lo esperar, "alguém lhe dará retorno", o que nem sempre acontece); b) o risco de mal-entendidos diversos; c) o risco de se atrapalhar com explicações sumárias, pois não é fácil explicar uma pesquisa ao telefone; d) o risco de só poder atingir, por telefone, intermediários (membros da família, empregados, secretárias) e *seguranças* que montarão barreiras a seu modo, mantendo-o à distância, filtrando e deformando a mensagem.

Imagine-se num país estrangeiro, cuja língua fala mal, com dificuldade. Ao vivo os outros o entenderão graças à mímica, a parte não verbal da comunicação. Ao telefone você gaguejará uma língua incompreensível. É sempre preferível apresentar-se pessoalmente, ir ao local, discutir com pessoas ao vivo, em carne e osso. Por certo, mostrando-se será logo localizado, avaliado, apreciado (como em toda primeira interação da vida social) e poderá apresentar em melhores condições seu trabalho de pesquisa. Evitará boa parte dos mal-entendidos. Se não consegue ver a pessoa que procura, verá outras que passarão a mensagem e você poderá, na seqüência, prevalecer-se de sua primeira iniciativa. Ademais, certas pessoas encontradas assim poderão ter vontade de ajudá-lo.

Todavia, atenção! Nesses primeiros momentos da pesquisa é preciso atentar, o mais possível, para não atrapalhar demais, isto é, para não atropelar demais o modo de vida dos pesquisados. No estágio da pesquisa tem-se grande liberdade de tempo porque se está, de certa forma, livre de limitações, mas, ao mesmo tempo, você está deseioso de fazer avançar sua pesquisa, de encontrar pessoas, de fazer observações ou entrevistas. Resumindo, você está um pouco "pressionado". Os pesquisados, porém, vivem sua vida cotidiana, com seu lote ordinário de obrigações (horários de trabalho, de família, de escola; atividades diversas, esportivas, associativas) e seus hábitos (horas de refeição e de descanso, sesta e outras atividades).

É preciso ter em mente esta diferença de ritmos e de obrigações temporais. Por exemplo, ser-lhe-á preciso aprender a respeitar os ritmos de trabalho dos pesquisados, ainda mais quando você vem rotulado como "pesquisador", "estudante", em suma, "diplomado", e alguns deles, em respeito ao seu *status* social, não ousarão dizer-lhe que os está atrapalhando.

Exemplo

Você quer entrevistar mães que não trabalham fora de casa. Saiba que, de manhã, elas arrumam a casa e fazem as compras; por vezes vão buscar seus filhos na escola por volta de 11:30h, preparam o almoço; estão muito ocupadas e, por isso, pouco disponíveis nesse período do dia. Em compensação, estão mais disponíveis no início da tarde - as crianças retornaram à escola, o marido, ao trabalho e dispõem de mais tempo "livre" frente. Mas não se esqueça de saber se, determinado dia, as crianças não ficam em casa!

A tentação do "porta-a-porta"

Face às dificuldades que poderá encontrar para iniciar uma pesquisa e fazer contatos, poderá ver-se tentado a forçar passagem e tomar atalhos para ter feito "alguma coi-

sa”, para ter a satisfação de ter abocanhado um entrevistado, de não ter perdido tempo e ter-se tranqüilizado. Assim como Willian Foote Whyte [12], jovem estudante de Harvard, que vagueia por um bairro italiano de Boston e não consegue estabelecer contatos com esses jovens ítalo-americanos e descobre que “o bairro estava, ao mesmo tempo, tão perto e tão longe”, da mesma forma você poderá dizer, em circunstâncias semelhantes, que a solução mais simples é ir ver diretamente as pessoas, fazer o que se chama de porta-a-porta. Por que colocar-se assim numa situação falsa, destinada ao fracasso? Você será comparado logo com um vendedor, um testemunha de Jeová ou um representante comercial, isto é, com alguém que, por definição, atrapalha pontualmente e com o qual o contato não deve, por vocação, ser duradouro. Mesmo que seja acolhido, as condições de uma verdadeira pesquisa etnográfica não estão reunidas.

O que lhe oferecem é uma interação anônima quando você precisa de uma relação pessoal. O porta-a-porta é, pois, uma técnica que desaconselhamos fortemente para não dizer que a proibimos no sentido exato do termo.

De fato está no lado oposto da abordagem etnográfica. Mesmo que consiga uma entrevista, não conseguirá uma relação durável. Não poderá mais se demarcar da relação que tiver estabelecido dessa forma. Não será mais levado a sério e só responderão para ficar livre de sua presença.

Resumindo: quando você está fazendo uma pesquisa etnográfica deve buscar estabelecer uma relação de pessoa com pessoa, compreender casos singulares. Não faz uma pesquisa de *marketing* com indivíduos intercambiáveis para marcar quadradinhos. Um dos elementos mais importantes na pesquisa etnográfica é saber controlar seu tempo, isto é, *saber perder seu tempo*. Por certo, não é uma situação sempre fácil de se viver (pois somos todos habitados por um tempo cronometrado, do tipo industrial, um tempo social eficaz); ela pode ser francamente desmotivante. Mas fique sabendo que o tempo que pensa ter perdido ao procurar contatos, ao tentar encontrar pesquisados que se esquivam ou, para falar mais friamente, sem rodeios, a “chafurdar” seu campo:

- *primo*, faz parte integrante da pesquisa, ao final, você se perguntará por que encontrou tais dificuldades; quais eram as resistências à pesquisa etc.;
- *secundo*, será tempo ganho posteriormente quando tiver conseguido estreitar bons contatos com pessoas que ajudarão a fazer sua pesquisa.

Continuar a pesquisa

Uma pesquisa etnográfica constrói-se no tempo, no seu decorrer. O maior obstáculo à sua realização é a falta de tempo e a precipitação. É-lhe preciso, inicialmente, construir uma rede de pesquisados que lhe ajudem em seu trabalho; a seguir, poderá continuar com serenidade sua pesquisa.

Procurar “aliados”

A pesquisa de campo faz-se por sucessivos contatos, por arborescência: você encontra fulano, explica-lhe a natureza de sua pesquisa, discute livremente com ele, ganha sua confiança e ao final do encontro pede-lhe que o ajude a prosseguir em sua pes-

quisa. Pede-lhe que lhe indique o nome de fulano e de beltrano que, por sua vez, lhe darão o nome de tal e tal etc. Você irá mais rápido ainda se tirar proveito de situações de observação em que uma parte das pessoas do meio pesquisado estarão presentes. Ao final da reunião (ou do jogo, da assembléia geral, da refeição etc.), você vai ao encontro da (ou das) pessoa(s) que já conhece. Quem sabe elas vão apresentá-lo espontaneamente aos outros, quem sabe você vai pedir-lhes que ampliem seu conhecimento com fulano ou sicrano. "É um senhor ou fulano de tal que faz uma breve pesquisa", "já te falei disso" - "Ah! sim!" etc. Passo a passo, você se vê no centro de um *grupo real* de pessoas cujas características, maneiras de ser e de falar aprenderá a conhecer (cf. capítulo 4).

A pesquisa constrói-se, pois, com a ajuda dos pesquisados ou, para ser mais exato, com a de certos pesquisados, que ajudarão a penetrar no meio, que serão suas cartas de referência junto àqueles que se mostram mais reticentes para encontrá-lo. Eles lhe permitirão abrir portas que, sem eles, estar-lhe-iam sempre fechadas, entrar em contatos com pessoas que, de outra forma, você não poderia ver. É a partir deles, aqueles que a literatura etnológica tradicional chama de "informantes", e que aqui preferimos chamar de "aliados", porque não os consideramos como *porta-vozes ou representantes*, mas sim como *associados*, que devem ser analisados como tais - que você poderá construir uma relação de pesquisa sólida e capaz de produzir resultados interessantes.

Quando nunca se fez uma pesquisa de campo, pensa-se sempre que é preciso encontrar um máximo de pesquisados, tentar ver "todo mundo" em seu campo ou, na falta disso, uma espécie de amostra representativa do meio pesquisado. É uma ilusão. Porque trabalhando junto a certos pesquisados (pertencentes a uma rede, a um grupo, a um "clã" ou a uma "panelinha") você se desliga necessariamente de outras redes ou de outros subgrupos que são, no espaço local de interconhecimento, rivais ou concorrentes do seu. Há uma consequência imediata. Tais pessoas, tendo visto você junto com seus primeiros contatos, identificam-no necessariamente com o outro território e, só de vez em quando, prestar-se-ão ao jogo da pesquisa. Será inútil, aqui também, forçar passagem, querer a todo o custo encontrar os "outros". Aprenda a limitar-se, a concentrar sua atenção e suas investigações no grupo ao qual os fatores aleatórios da pesquisa fizeram-no pertencer. Uma imagem resume bem essa situação. Numa caminhada, você segue um caminho e, ao mesmo tempo, não pára de encontrar encruzilhadas. Se tomar a direita e andar por um bom trecho de caminho, ser-lhe-á difícil ou custoso voltar atrás para pegar a esquerda.

A questão que está posta é a de fazer a boa escolha. Há pessoas que, de cara, mostrar-se-ão interessadas por seu projeto; outras que se manterão afastadas e as que até deixarão transparecer uma oculta hostilidade. Não procure sistematicamente pessoas que o evitem, mas não se atire também à frente das mais entusiasmadas. Prefira aquelas que se recusam a se engajar antes de saberem de verdade do que se trata, pois com elas haverá um verdadeiro "contrato", uma aliança explícita.

Aproveitar ocasiões

A pesquisa de campo exige, por definição, um certo pragmatismo de parte do pesquisador. Sua boa realização está pouco ligada ao uso de "receitas" que bastaria seguir metodicamente; depende essencialmente de "circunstâncias", de "ocasiões" que se apresentam no campo. De fato, depende de sua capacidade para:

• *Aproveitar chances* – Estar no lugar “certo”, ter estado lá quando era preciso, quando se podia observar tal fato que condensa as especificidades do meio de interconhecimento, encontrar a pessoa “certa” um pouco por acaso e a entrevistar imediatamente porque “sentiu” que ela tem muitas coisas a dizer-lhe sobre seu tema de pesquisa. Essa faculdade de estar lá no momento em que é preciso depende, inicialmente, de uma condição material indispensável em pesquisa etnográfica, qual seja: estar de maneira prolongada no campo com forte presença ali.

Se fizer seu campo aqui, ali, acolá de maneira episódica (um dia lá um outro não, atrapalhado por outros tipos de encontros), só com muita dificuldade poderá captar essas ocasiões, tanto mais que estar lá no momento de um fato importante (festa local, greve, um jogo decisivo, uma Assembléia Geral de associação popular, um tumulto etc.) significa também tê-lo vivido com e perto dos pesquisados. Isso lhe dará, depois, possibilidades de voltar a esse fato especialmente na hora das entrevistas, de confrontar suas próprias observações e análises com as que eles fizeram (cf. capítulo 4).

• *Posicionar-se em situação de aprendizagem* – Pesquisar fora de seu meio habitual apresenta uma vantagem enorme. É obrigado a aprender a comportar-se corretamente e essa situação de aprendizagem é um dos motores da pesquisa. Situação clássica em etnologia exótica é a de ter que aprender a língua, as categorias de percepção e de pensamento dos nativos. Em etnologia do “próximo” essa aprendizagem é também o momento em que coisas que se tornarão familiares, rotineiras, que estarão em seu campo de visão ou de atenção, ainda não o são. O importante não é ter aprendido as competências, os comportamentos obrigatórios mas estar a ponto de aprendê-los e de consignar tal aprendizagem.

O pesquisador é, também, aquele que destoa na paisagem, alguém que, aos olhos de certos pesquisados (os futuros aliados) se sente obrigado a explicitar coisas habituais – para evitar que seja inconveniente. Ademais, estar em meio desconhecido leva logo a imaginar a diversidade dos pontos de vista na medida em que o ponto de vista do observador externo, do espectador, é de forma evidente diferente do dos atores: daí a conceber que os diferentes atores têm cada qual seu ponto de vista é mais que um passo.

Conselho prático – Se não se sentir surpreso numa situação que nunca conheceu, cuidado, pois está a ponto de rotular a situação observada com todos os preconceitos que havia armazenado antes e não está num bom caminho.

Negociar seu espaço

Em todo o tempo da pesquisa terá que negociar e renegociar seu espaço ao encontrar novos pesquisados. Ora, essa obrigação de negociar a entrada e a manutenção no campo funciona como um revelador do funcionamento do grupo de interconhecimento estudado. O momento da negociação é um momento de experimentação, pois força os pesquisados a explicitarem normas implícitas; mostra também que tipos de recursos são necessários para ganhar a confiança.

Exemplos

- um chefe de empresa quer provas de sua seriedade universitária;
- um trabalhador vai querer sentir que você entende o que ele diz;

- um dirigente de time de futebol lhe dará melhor acolhida se você for aficionado por esporte.

Mostra, enfim, quais são as barreiras reais do grupo, isto é, será que poderá gozar de uma recomendação privada num universo profissional e qual? Terá que apresentar sua carteira de estudante para assistir a um casamento burguês? Quando da negociação, momento-chave da pesquisa, você deve procurar e testar todos os tipos de meios para ser aceito. A melhor forma de o ser é transformando-se em "participante": dando cursos, escrevendo cartas oficiais, ajudando a enviar inúmeras cartas, construir carro alegórico de carnaval, tocar música, jogar futebol, participar de jogos etc. Ajudar, mostrar-se útil, partilhar os prazeres e as penas do trabalho coletivo (sem exagerar) e tantas outras receitas eficazes para sua inserção num meio de interconhecimento. William Fote Whyte conta todas as atividades, mais ou menos legais, que teve de participar para fazer-se aceito pela faixa de jovens do bairro italiano de Boston.

É, finalmente, pela análise de todos os espaços atribuídos em paralelo ou sucessivamente ao etnógrafo, que ele poderá compreender, ao mesmo tempo, o que lhe dizem e o que observa, pois saberá a quem se diz e a quem se mostra.

Esta análise desvendar-lhe-á também o espaço das posições e das relações, não de forma estatística, mas no próprio processo de sua constituição, nas lutas diárias para mantê-las e transformá-las. Para compreender esse processo é preciso que preste atenção extrema a seu próprio espaço, que se mostre vigilante aos menores sinais de mudança de suas relações com os nativos. É a análise de tais mudanças que lhe desvendará o sentido de sua pesquisa para os pesquisados e, ao mesmo tempo, compreender o meio estudado.

Conclusão - Os tempos da pesquisa

Antes de fazer de você um excelente observador e um entrevistador avisado, vamos uma questão primordial, a do cronograma de sua pesquisa: Como deve combinar as ferramentas umas com as outras? Pode-se distinguir, de antemão, diferentes fases em sua futura pesquisa? Deve-se deixar levar pela intuição ou prever tudo com detalhes? Ver-se-á aqui que a resposta a tais questões depende do momento em que se encontra de sua pesquisa. Ademais não poderá trabalhar se não tiver datas-limite. É-lhe necessário um cronograma para não ser pego pelo tempo, para não se precipitar no mau momento; para intercalar do modo mais eficaz possível fases de reflexões, de leituras e trabalho de pesquisa mais ativo.

O desenrolar da pesquisa pode ser descrito em termos de hipóteses e de testes: hipóteses destroem-se e reconstroem-se ao longo da pesquisa; os testes são clínicos e não estatísticos.

É preciso deixar claros seus preconceitos para traduzi-los em hipóteses, em geral, más, que se apressará a questioná-las.

Depois é preciso, no decorrer da pesquisa, reformular novas hipóteses que sejam, assim se espera, mais pertinentes, antes de as submeter, desta vez, a uma verdadeira verificação, localizada é verdade, que não terá vocação definitiva, pois outros pesquisadores encarregar-se-ão de questioná-las ou de precisar sua validade restrita.

Distinguir-se-ão quatro fases principais da pesquisa etnológica: exploração, acumulação, questionamento e reorientação e, por fim, verificação. No caso da pesquisa por distanciamento, a fase de exploração é substituída justamente por aquela que consiste em tomar distância (cf. quadros 1 e 2).

Quadro 1 – As diferentes fases da pesquisa por desambientação

	Do tema ao objeto	Técnicas utilizadas	Relações pesquisador/pesquisado	Estado psicológico	Domicílio/campo
1) A exploração • 2 meses intensivos (tese) • 15 dias intensivos (mestrado - DEA)	• Etapas prévias: escolha do tema e do campo	• Diário de Pesquisa • Auto-análise • Pesquisa de documentos • Tomada de contatos • Primeiras observações • Primeiras entrevistas • Recusas de entrevistas	• Pesquisador = estranho que busca seu espaço intrusos meios de interconhecimento	• Medo, apreensão, mas também excitação febril	• Campo intensivo • Instalação no local • Rompimento com domicílio
2) O cotidiano • 1 ano e meio • 4 meses	• Primeiras hipóteses de campo	• Diário de pesquisa • Fichas • Acumulação de entrevistas e de observações • Fichas pessoais • Fichas temáticas	• Certos pesquisadores = aliados • Pesquisador envolvido em conflitos que não entende	• Confusão • Menor excitação • Menor apreensão • Estabilização • Chateação (“isso não anda”)	• Campo • Voltas periódicas ao domicílio

<p>3) A reorientação</p> <ul style="list-style-type: none"> • 2 meses • 15 dias 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição do objeto • Novas hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> • Diário de pesquisa (novas hipóteses) • Redação provisória • Leituras 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussões com aliados • Recentramento em casos privilegiados • Manutenção de contatos mais soltos com os outros pesquisados: (polidez) 	<ul style="list-style-type: none"> • Neutralidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Do campo ao domicílio • É preciso romper com o campo • Acredita-se ter acabado
<p>4) A verificação</p> <ul style="list-style-type: none"> • 4 meses • 15 dias 	<ul style="list-style-type: none"> • Testes 	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentos = observações e entrevistas de testes (guiadas) • Limpeza do campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Romper progressivamente com a maior parte • Explicar o que se fez 	<ul style="list-style-type: none"> • Inquietação e excitação 	<ul style="list-style-type: none"> • Retorno ao campo
<p>O passar a limpo</p> <ul style="list-style-type: none"> • 6 meses • 2 meses 		<ul style="list-style-type: none"> • Classificações, recopias, releituras, reedição final 	<ul style="list-style-type: none"> • Terminada salvo relação de polidez (a gente dá notícias) 	<ul style="list-style-type: none"> • Angústia da página em branco do exame 	<ul style="list-style-type: none"> • Em domicílio

Quadro 2 – As diferentes fases da pesquisa de proximidade

	Do tema ao objeto	Meios utilizados	Relação pesquisador/pesquisado	Estado psicológico	Domicílio/campo
1) O distanciamento • 2 meses intensivos (tese) • 15 dias intensivos (mestrado - DEA)	• Etapas prévias: • Escolha do tema e do campo	• Auto-análise • Diário de pesquisa • Leituras • Observações intensivas • Contatos, discussões	• Pesquisador = nativo • Tomada de distância	• Inquietação • Impressão de "nada ver"	• Preparar um espaço para si
2) O cotidiano • 1 ano e meio • 4 meses	• Primeiras hipóteses de campo	• Diário de pesquisa • Coleta de documentos • Fichas • Atenção aos fatos • Não realizar entrevistas	• Mal-estar • Esquizofrenia	• Mal-estar persistente • Medo de ser desmascarado (pesquisa encoberta) • Má consciência (pesquisada a descoberto)	• Dentro
3) A reorientação • 2 meses • 15 dias	• Definição do objeto • Novas hipóteses	• Diário de pesquisa (novas hipóteses) • Redações provisórias • Leituras	• Tomada de distância	• Maior tranquilidade	• Férias • Rompimento
4) A verificação • 4 meses • 15 dias	• Testes	• Primeiras entrevistas de testes com os aliados • Observações de teste (guias)	• Procura de aliados • Pesquisa a descoberto para aliados	• Privilégio de estar no lugar • Verificação mais fácil	• Dentro
Passar a limpo • 6 meses • 2 meses		• Classificações, recopias, reescrituras, releituras, redação final	• Desinvestimento	• Angústia da página em branco do exame	• A ruptura

Segunda
parte

O trabalho de
pesquisa

Introdução

Éis você junto à obra. Escolheu tema e campo, acumulou seus primeiros materiais, está instalado no campo, seus contatos já estabelecidos; começou a criar relações, haja o que houver, com seus pesquisados e está entrando na fase de imersão. Malgrado as aparências, a pesquisa não consiste só em aprender as regras locais do saber-viver, a se deixar viver e a explicitar o que lhe acontece. O etnógrafo tem em mãos duas ferramentas eficazes, observação e entrevista ou caneta e gravador. São eles que lhe permitirão, se for o caso, pesquisar em seu próprio universo. A pesquisa é, sim, um trabalho; há um saber-fazer (conhecimento prático) do pesquisador, verdadeiras técnicas que podem ser ensinadas e aprendidas.

Poder-se-ia resumi-las em uma palavra, *escrever*, bandeira da etnografia. O saber-fazer do etnógrafo consiste essencialmente em *técnicas gráficas*, em sistema de anotações: o diário de campo, a transcrição da entrevista. *Fazer observações e entrevistas e analisá-las* são as duas pernas sobre as quais se sustenta para fazer avançar a pesquisa. A gente aprimora suas competências de observador *in situ* e de interlocutor de face a face à medida que avança o trabalho de transcrição das entrevistas precedentes e de anotação das observações precedentes.

Fazer fogueira com qualquer madeira, controlar os dados uns pelos outros, tais devem ser os lemas do pesquisador no campo. Não se pergunte de antemão se vai fazer só observações ou entrevistas, pois é a dinâmica própria da pesquisa que ditará a conduta. A bem da verdade, uns e outros são complementares pois uma observação sem entrevistas arrisca-se a ficar cega aos pontos de vista nativos; uma entrevista sem observações corre o risco de ficar prisioneira de um discurso descontextualizado. Por razões pedagógicas, deu-se autonomia, aqui, à observação (capítulo 4) e à entrevista (sua preparação, capítulo 5, e sua conduta, capítulo 6). A gente se esforçará por lembrar, sem cessar, que uma não caminha sem a outra e que uma análise acabada põe em relação para cada pesquisado seu discurso (gravado na entrevista, suas práticas (observadas) e sua posição objetiva (obtida por uma acumulação de fatores.)

A observação remete a uma tradição antropológica que não se fia em entrevistas porque lhe recordam os muito famosos "informantes nativos". A entrevista aprofundada dela mesma foi utilizada e codificada em psicologia social e, depois, em sociologia. Não se trata, para nós, de perseguir uma disputa estéril entre ambas, mas de mostrar sua pertinência respectiva e sua complementaridade. É a relação de pesquisa que diferencia, caso se utilize mais a técnica da observação ou a da entrevista, pois, no primeiro caso, será preciso assegurar-se da tolerância dos entrevistados e de uma verdadeira aliança ativa com alguns; no segundo, instaura-se uma relação mais oficial de testemunho público capaz de evoluir para uma verdadeira colaboração intelectual.

4

Observar

A conduta da pesquisa, a conduta das entrevistas, a negociação e, se houver oportunidade, a negociação dos lugares de observação, dizem respeito ao saber-viver e à deontologia. Em contrapartida, a própria observação, um triplo trabalho de percepção, de memorização e de anotação, diz respeito ao saber-fazer e à técnica. Um observador iniciante corre o risco de nada ver ou de só ver o que projeta de suas experiências anteriores em uma situação nova.

Em toda interação de pesquisa, seja ela pessoal ou anônima, o mal-entendido serve, ao mesmo tempo, de revelador e de controle das interpretações imediatas do pesquisador. A análise posterior das relações de pesquisa consiste justamente em localizar e explicitar tais mal-entendidos para transformá-los de obstáculos em ferramentas de conhecimento.

Ao contrário, se deixarmos de lado a necessária negociação de um posto de observador, a observação não depende senão de você, pois não há mais possibilidade de mal-entendido, mas corre-se o risco de contra-senso (cf. Encarte 25). Você não diz nada, não exprime nada, contenta-se com observar; os observados têm, portanto, poucas chances de "ouvi-lo" mal ou de ouvi-lo responder; e se você os escutar sem lhes responder ou questioná-los não haverá também indicação tangível de suas (de você) más interpretações, nada que possa deixá-lo com a pulga atrás da orelha ou atrapalhá-lo. Na observação pura, você está livre de suas próprias análises.

Ninguém virá contestá-las nem ajudá-las para torná-las suportáveis. Elas são estritamente incontroladas. Para o iniciante, isso parece uma facilidade. É uma verdadeira armadilha. Você corre o risco de "ver" de esguelha; de "ouvir" mal, de "equivocar-se" sobre o sentido do que percebe. Mas não se dá conta de tudo isso. O contra-senso não é um crime contra a polidez ou de saber viver (como um erro de ortografia ou de gramática), mas um crime contra o conhecimento, como o contra-senso das traduções.

É por isso que aconselhamos a testar suas observações através de entrevistas, quando pedirá a seus entrevistados do que se lembram de um fato ao qual assistiram juntos. É por isso também que desaconselhamos a observação "pura", seu uso exclusivo, e recomendamos um misto de entrevistas e de observações (cf. Encarte 26) que, segundo a dosagem de ambas, chamamos de "entrevista etnográfica" ou "observação sociológica".

Este capítulo foi concebido para melhorar suas capacidades de observação. Você será levado a explicitar a massa de observações ordinárias que todos nós fazemos a res-

realizando o de obstáculos

Encarte 25**Passo em falso, mal-entendido, contra-senso**

São três conseqüências inevitáveis da *desambientação*, motor da pesquisa etnográfica. As duas primeiras comportam riscos para a interação de pesquisa que, se forem superadas, ajudam a avançar e ser-lhe-á feita uma observação e você se explicará e as bases do contato ficarão mais claras. São, também, motores para a análise, pois ajudá-lo-ão a explicitar as regras de conduta que terá infringido (no passo em falso), a distância entre universos fundados em referências diferentes (no mal-entendido).

No entanto, o contra-senso é solitário, pois não é um risco interativo e por conseguinte instrutivo; é, sim, um risco puro de análise. Ninguém virá contradizê-lo. Por isso, deverá controlar suas interpretações nas interações e o mais simples, em geral, será fazer entrevistas.

Exemplo de passo em falso

A etnógrafa, uma moça de 25 anos, passa a noite numa casa noturna (em seu campo) e lá encontra um moço de 17 anos. No dia seguinte, almoça com um amigo, trabalhador da fábrica, com sua irmã trabalhadora e seu cunhado cantoneiro, na casa dos M., onde o marido trabalhador é amigo do primeiro e têm “lugar de hóspede-cliente” à mesa (eles oferecem refeições pagas). Em meio à alegre e ruidosa reunião, a etnógrafa vê o moço da véspera descer a escada. Ele fica atônito. Ele está atrás dos seus pais que não o viram. Com ar de espanto ele lhe faz um sinal para que não diga nada. Ela se retém, mas por pouco não o cumprimentou.

No início de pesquisa, esse passo em falso não teve nenhuma conseqüência, mas a etnógrafa havia transgredido, pelas necessidades de sua pesquisa, a fronteira entre a geração dos filhos e a dos pais. Na véspera havia usufruído de um divertimento típico de adolescentes (os clientes de boate noturna eram alunos de 16 a 20 anos); no dia seguinte, um divertimento típico de adultos, todos os convidados, exceto ela, tinham entre 35 e 45 anos e crianças de 10 a 18 anos. O espanto do filho de seus hospedeiros vinha de “sua traição”, pois como podia ela, a pesquisadora, na véspera ser sua igual e, na manhã seguinte, a igual a seus pais?

Exemplo de mal-entendido

Por ocasião de uma pesquisa sobre a memória trabalhadora em Ivry-sur-Seine, um estudante telefona para uma mulher que encontrou na véspera por ocasião de uma entrevista coletiva num contexto sindical. Apresenta-lhe, por uma segunda vez, sua pesquisa sobre maio de 1968. Ela responde falando de junho de 1985. O mal-entendido alonga-se por várias réplicas até que um problema de idade (ela diz ser, na época, aposentada) revelou o mal-entendido (em 1968, ela tinha 35 anos e, portanto não era aposentada por ocasião de “tais fatos”). Um deslocamento de objeto (da memória de 68 à comemoração de junho de 1985) será a conseqüência desse encontro telefônico que desvendou a existência de dois universos (o do pesquisador e o do pesquisado) construídos sobre referenciais contraditórios (GOBILLE[44]).

Exemplo de contra-senso

Uma pesquisa sobre carnaval de M. realizada utilizando descrições do desfile e da “atualização” das modalidades do evento. A análise é feita em termos de rituais políticos e de espontaneidade popular. Só uma pesquisa mais aprofundada mostrará que os detalhes revelados pelo etnógrafo foram criados por um empregado (pago) de serviço cultural da cidade que havia lido os bons etnólogos.

peito do mundo social com seu lote de falsas observações e de falsas deduções. Porque, como *Monsieur Jourdain*, você passa a vida a observar, sem o saber, e é essa capacidade social de observar que deve servir de adubo para desenvolver sua capacidade etnográfica para observar. Depois, ser-lhe-á proposta uma série de exercícios de observação para ensinar-lhe a perceber, a memorizar e a anotar como etnógrafo. Não há observação sem anotação.

Reciprocamente, a anotação etnográfica não é um exercício de estilo, pois ela se prepara *in situ* e escreve-se às pressas para não se esquecer. Se seguir escrupulosamente esses exercícios, não passará pela angústia da folha em branco. A anotação de observação não é nem literária nem filosófica. Ela está próxima do Questionário de Múltipla Escolha (QME) com a diferença que cabe a você inventar as questões e as respostas. Anotar uma observação é uma técnica particular que se pode utilmente comparar, para se afastar do fantasma da literatura, com uma série de fotos reunidas de forma lógica e repertoriada de forma precisa. É uma ginástica mental, uma técnica de memorização e de esquematização gráfica.

Encarte 26

Observações e entrevistas Quadro paralelo das diferentes fases

	<i>Observação</i>	<i>Entrevista</i>
1ª fase: negociar seu lugar	Achar um lugar de observação (associar aliados à confidencialidade).	Negociar a entrevista (pôr em ação uma colaboração).
2ª fase: <i>in situ</i>	Intervir como participante se preciso ou como pesquisador. Memorizar.	Conduzir a entrevista (intervir como pesquisador). Registrar e observar.
3ª fase: escrever e analisar	Anotar a observação. Apoiar-se em documentos recolhidos e repertoriados.	Transcrever a entrevista, colocá-la em fichas, analisá-la, relacioná-la com elementos exteriores a ela (boatos, práticas observadas).
4ª fase: controlar	Entrevistar os participantes. Reiterar a observação. Comparar vários acontecimentos.	Rever a pessoa. Completar as informações faltantes.

O que é observar?

A observação etnográfica sustenta-se sobre o encadeamento destas três técnicas fortemente entrelaçadas: perceber, memorizar, anotar (cf. Encarte 27). Supõe um vai e

vem permanente entre suas percepções, sua explicitação mental, sua memorização e o caderno (seu diário de campo) no qual faz suas anotações. É uma vigilância aguçada por informações exteriores e questões que evoluem à medida que seu trabalho avança. É uma ferramenta de descoberta e de verificação. Sem armas, a observação é vazia. Muito armada não aprende nada. Cabe a você construir o que deve verificar. Não se observa sem referências, sem pontos de balizamento.

Encarte 27

Atenção às palavras utilizadas

Uma das primeiras qualidades do observador é a atenção às palavras usadas. Deve partir da idéia que as palavras jamais são “inocentes”; elas carregam consigo não só uma história morta da qual ninguém tem mais consciência, mas são *conotações* bem presentes, que fazem parte de um repertório, que elas enviam sinais por intermédio das referências que carregam consigo como uma auréola.

Antes de fazer a experiência com palavras nativas, com palavras utilizadas pelo seu meio de pesquisa, exercite-se ouvindo ao acaso as palavras de todos os dias, as palavras das mídias, as suas mesmo, as de seus mais próximos. Escute a crônica apaixonante e humorística de Alain Rey, lingüista, pela *France Inter* (todas as manhãs às 8:40h), intitulada “História de uma palavra”. Exercite sua curiosidade procurando palavras nos dicionários contemporâneos, históricos ou etimológicos.

Exemplo: por que a “falta¹ de ortografia” que parece ser um erro (da ordem do saber) é chamada de “falta” (termo de conotação moral)? Mesmo que se trate de termos institucionais, impossíveis de interpretar fora da história da instituição escolar, exercite-se em perceber bizarrices e em tentar explicá-las. Só, sem ninguém, não conseguirá! Mas exercite-se, pelo menos em *perceber* as anomalias.

Mas o “guia” de observação, como todo guia de entrevista, não são simples prévias metodológicas. Por serem adaptados, já são produtos de sua pesquisa e, por conseguinte, não pode “inventá-los” fora do campo, na solidão de seu gabinete literário ou filosófico. Sem isso você se condena a apenas observar o que já conhece.

Para melhorar sua atenção ao mundo social e elevá-la à qualidade de observação é-lhe preciso:

- explicitar suas percepções e suas impressões mentalmente num primeiro momento e, depois, por escrito;
- tomar consciência de que suas percepções dependem não somente de um questionamento teórico, mas sobretudo de um ponto de vista empírico;
- fazer variar sistematicamente os pontos de vista que você assume, empiricamente, para observar.

1. N.R.: Mantivemos o termo “falta” em razão do sentido da argumentação na frase, pois “erro” de ortografia em francês é denominado “faute” (falta em português).

Pode-se distinguir três categorias de fatos ou de objetos observáveis, aos quais correspondem os exercícios de 1 a 3, sejam eles efetuados num contexto familiar ou num contexto estranho:

- 1) *cerimônias*, eventos coletivos organizados que supõem ou autorizam a presença de espectadores, aos quais você se junta;
- 2) *interações* pessoais ou anônimas nas quais você tem que forçosamente ter seu papel;
- 3) *lugares ou objetos* observáveis na quietude da solidão, fora da cerimônia e fora da interação.

Na realidade, não existem lugares ou objetos que não remetam a interações ou cerimônias; nada de cerimônias sem interações e sem contexto material; nada de interações sem lugares e sem objetos. É por isso que, após esses três exercícios analíticos, nós lhe propomos como último exercício uma observação “total”, na qual prestará contas de um evento coletivo sob estas três dimensões: seu desenrolar, seu contexto material, as interações, das quais o próprio evento é seu contexto.

Observar uma cerimônia

Alguns exemplos de cerimônias

Você pode assistir a uma cerimônia, uma festa, uma reunião pública, um espetáculo, pois são eventos aos quais todo mundo tem direito de assistir, gratuitos ou pagos ou eventos cujo direito de participar teve de ser negociado:

- festas (de uma escola, de um bairro, de uma associação);
- festinhas comemorativas (um nascimento, uma aposentadoria, uma promoção) organizadas num contexto profissional ou num *grupo de parceiros*;
- eventos familiares (casamento, batismo, sepultamento);
- festas do calendário (fim do ano escolar, Natal na empresa, comemorações de Ano Novo, 14 de julho, 11 de novembro);
- espetáculos (audições, concertos, campeonatos); reuniões públicas (associações, conselho municipal, vernissages, coquetéis);
- eventos escolares (campeonato, exame público, concurso, conselho de classe).

Em geral, o anúncio desse evento foi objeto de uma publicação escrita padronizada, impressa ou não, mencionando lugar, data, hora, motivo da reunião (convites, informativos, cartazes, às vezes, publicação num jornal local) difundida num “meio de interconhecimento” especializado (família, lugarejo, grupos de pais de alunos, associação, meio profissional).

Ou você faz parte “naturalmente” do público atingido ou tem que negociar e justificar sua presença.

- No primeiro caso, ocupe seu lugar, o de *espectador/participante autorizado ou convidado* (por sua qualidade de membro de uma associação, de colega, de irmão ou irmã de um aluno, de um jogador, de parente distante, de residente...). Se possível, não se destaque, pois não é o *único* espectador autorizado.

• No segundo caso, está normalmente sob a proteção de algum membro autorizado e se beneficia, ao mesmo tempo, de seu *status* e de seu ponto de vista. Sem isso, arrisca-se a tornar-se um ator muito especial do evento em curso (cf. Encarte 29).

Atenção! Há, muitas vezes, uma espécie de “direito de entrada” a ser pago; quando, por exemplo, a cerimônia não é paga, tal direito consiste em dar uma boa razão para estar ali e em fazer-se reconhecer como um espectador autorizado. A negociação, a explicação de sua presença deve, então, fazer-se antes e não após a cerimônia. Cabe-lhe julgar se uma presença estranha não explicada (que será, de qualquer jeito, notada desde que o grupo apresente um certo grau de interconhecimento) perturba, ou não, a cerimônia. Cabe a você julgar quem deverá avisar, com quem deverá negociar, a quem prestará contas. Procure não ser por demais importuno com os organizadores no momento do “tiro de partida”.

Exemplo: você pode assistir a um casamento ou a um enterro sem nada dizer (por definição, cada um o tomará por aliado e não por consanguíneo) mas não na refeição que se segue (o risco de ser descoberto tornou-se maior), salvo se explicou sua posição a alguém que o apresentará, então, se necessário, como seu acompanhante ou seu padrinho. As cerimônias pagas (certas festas, refeições coletivas, excursões) resolvem o problema em seu lugar. Basta pagar a entrada, depois, explicar o que faz lá (não o expulsarão porque pagou). Em outros casos, poderá se apresentar como um convidado, um amigo de pessoa autorizada. É uma ocasião ideal para pôr em cena, tornar visíveis suas alianças. Se houver muita gente, você passará despercebido. Se, de repente, você se sentir pouco à vontade, se lhe pedirem para prestar contas e se lhe proibirem entrar ou se derem idéia de que vão pô-lo para fora, peça de imediato para falar com o organizador, o responsável e explique-lhe seu caso. A palavra-chave para abrir as portas é “Sr. X. está a par”.

Há os “bastidores” do evento (os “preparativos” antes do evento e, provavelmente, um “pós-evento”) que separam o círculo dos organizadores e o dos espectadores/participantes/convidados. As fronteiras temporais espaciais do evento são dadas de *antemão*, são indicadas por escrito e só lhe cabe levá-las a sério, copiá-las de novo e não construí-las. Distinguir-se-ão esses “eventos organizados” de duas outras categorias de eventos: a) as interações pessoais espontâneas (não organizadas, elas não são objeto de anúncio público, isto é, publicadas); b) as interações anônimas e funcionais (entre pedestres, automobilistas, usuários de transportes, clientes e empregados de lojas, das instituições públicas) nas quais não há nenhum engajamento pessoal (como nas interações pessoais) nem espetáculo no sentido exato do termo (salvo se quiser usar o termo espetáculo num sentido metafórico) e que não são organizados a não ser de forma abstrata e geral.

Antes da observação

Você escolhe o evento e para ele se prepara. Observe como dele tomou conhecimento, quem lhe fala, como se organiza o encontro para além do suporte escrito que lhe permitiu localizá-lo. Anote quem são os destinatários previstos desse suporte: se o anúncio é confidencial ou não; se a entrada será controlada ou não e como (pagamentos, convites, documentos de identidade, interconhecimento direto).

Encarte 29**Assembléias gerais de associações: uma participação forçada**

A experiência mostra que, em muitos casos, uma observação “neutra” ou, mais exatamente, uma ausência de intervenção do observador é impossível. Não se recuse a intervir em reunião pública quando lhe propuserem, pois correria o risco de melindrar seus aliados. No entanto tente precisar as condições de sua passagem (temporária, universitária, complacente mas distante).

Alguns exemplos

1) Uma AG (Assembléia Geral) do comitê de bairro Saint Pierre, em 1983, é anunciada “no jornal” (as páginas locais do quotidiano regional). Florence Weber dirige-se para lá de boa vontade persuadida de que poderá misturar-se ao “público” (expectativa etnocêntrica como o hábito das “AG”) de alunos do ensino médio ou de estudantes dos anos 1970.

Chega a uma salinha da prefeitura, desesperadamente vazia. No palco, cinco homens (o presidente, o secretário, o secretário adjunto, o tesoureiro e o tesoureiro adjunto) adotam o relatório anual (trata-se de uma obrigação estatutária para as associações, chamadas Lei 1901). Ela está no meio da sala e toma notas para disfarçar a trapalhada. No meio da sessão, o jornalista local, bem à vontade, passa como um tufão; o tempo suficiente para apertar a mão de todos, inclusive da pesquisadora (que não foi apresentada, e que não cumprimentou os presentes com aperto de mão) e pegar alguns papéis. Ao final, muito chateada, aproxima-se do palco, apresenta-se, tenta explicar-se. O presidente a reconhece (ela mora no mesmo bairro) e convida-a a ir a um café onde é intimada a beber uma bebida considerada como feminina e a tornar-se “secretária” da associação (“pois já tomas notas”). “Tomaram-te pela jornalista estagiária, pois Jacques (o jornalista) conhecia você”. Apertar a mão de alguém, portanto, significa reconhecer, afirmar uma relação *peçoal* (ao contrário, experimente identificar as pessoas às quais não se aperta a mão, que não se cumprimentam pessoalmente, por exemplo a mulher da limpeza... Tente, também, apertar a mão de alguém que não conhece, sem dizer como você se chama, verá como é difícil). A pesquisadora tenta explicar-se, pois os outros a vêem ora como jornalista, ora como professora primária, ora como assistente social... Passará a ser uma companheira não muito confiante e um tanto esquisita.

2) A Assembléia Geral de uma federação nacional de jardineiros acontece num grande hotel de Paris. Os participantes (uns cem) são recebidos por uma jovem recepcionista que distribui pastas e crachás com o nome de cada um, pois este é o princípio dos congressos, isto é, tornar possível estabelecer relações “pessoais” pela identificação das características institucionais de cada um, neste caso o lugar da Associação. Florence Weber negociou sua presença (sem isso, ser-lhe-ia impossível entrar). Definem-na por sua pertença institucional (pesquisadora do Inra); enquanto tal, querem que se instale no estrado, ao lado dos representantes dos ministérios (que, aliás, lhe dirigem olhares de cumplicidade). Ela recusa firmemente (pois é sua primeira intervenção pública; prende-se ao seu antigo papel de estudante malgrado sua recente titularidade). Não pode, contudo, evitar que o presidente da federação a apresente, em seu discurso de abertura (ela está sentada na primeira fila tentando, em vão, fazer-se passar por uma jornalista) e se felicita publicamente por tê-la presente, o que denota (a seus olhos) o interesse da instituição da qual ela faz parte. Ela, no entanto, evita ter de fazer um discurso (polido e político) como o dos representantes dos dois ministérios (Agricultura e Assuntos sociais). Mais uma vez, trata-se de um mal-entendi-

do, pois (para os organizadores), F.W. não é uma pessoa privada nem um simples pesquisador-observador, mas a representante a mando de sua instituição para expressar seu apoio. É o que explica a surpresa deles e sua aprovação entusiasta (o Inra não costuma considerá-los tanto) e a amabilidade sistemática dos presidentes de associações locais.

3) Os dois dirigentes de uma outra associação nacional de jardineiros com quem colaborou no envio de um questionário por correio convidam Florence Weber, em 1991, para um encontro regional de “delegados” locais. Sabem que a presença dela tem um interesse científico e não institucional; pois a pesquisa, que já discutiram longamente, lhes interessa porque sua associação passa por momento crítico (baixa sensível do número de seus filiados). O contrato é claro: utilizam a pesquisa como uma forma de pesquisa de *marketing* gratuita; F.W. utiliza-os para obter (anônima e aleatoriamente) endereços. Eles não se sentem reconhecidos politicamente (como os precedentes), mas, sim, promovidos comercialmente. A reunião é tão cerimoniosa quanto possível; decoração, *cartazes* coloridos, entrega de medalhas, refeições coletivas. Não se parece, pois, com um congresso, mas com algo intermediário entre uma feira comercial, uma festa da paróquia e uma festa para distribuição dos prêmios. Desta vez, F.W. aceitou estar na tribuna e pronunciar algumas palavras para apresentar sua pesquisa. Respondem-lhe com um buquê de flores e um lugar de honra no almoço, pois ela é a atração do dia. Nem todas as associações têm estes ímpetos de civilidades. É preciso conjunção de:

- uma atividade consensual, política e socialmente como pode sê-lo a jardinagem, mas também a doação de sangue, a luta contra a Aids, bem diferentes sob esse aspecto são as atividades de grupos com interesses específicos (partidos políticos, grupos religiosos “sociais” ou culturais);
- uma instituição oficial por detrás do pesquisador que não seja sem vínculos com essa atividade (é o caso do Inra nos dois últimos exemplos);
- negociações prévias que tranqüilizam cada um dos parceiros sobre os riscos de uma aliança (F.W. poderia ter colocado condições inaceitáveis a um convite oficial; seus parceiros poderiam ter-lhe imposto constrangimentos que ela não queria, sem excluir, por certo, o mal-entendido).

Cole, se possível, em seu diário um exemplar do convite registrando como ele chegou a você. Analise seus termos: trata-se de um convite? de uma reunião? os organizadores aparecem em pessoa? com seu nome de família? com sua função? são eles mesmos que se engajam ou que engajam a instituição?

Observe de antemão data e hora, seus próprios preparativos (roupa de cerimônia, meios, importância de chegar na hora), se vai só ou em grupo, quem fala e o que lhe dizem.

No local: perceber e memorizar

• *A questão das anotações in situ.* – Regra geral, evite fazer anotações no decorrer desse tipo de evento, salvo se a situação o permitir ou o exigir (todo mundo em torno da mesa, sentados e tomando notas). Nesse caso você não tomará notas como observador mas como participante: sendo o critério distintivo que você pode dar a ler ao seu vizinho se este lhe pedir.

Não se esqueça de que tomar notas, em todos os casos, lhe atribui uma posição particular uma vez que anota o que se passa, está ali para prestar contas a pessoas ausentes.

a superiores hierárquicos (você está, então, pois, em posição de jornalista). Conforme as situações, tomar notas é sinal de grosseria, sinal de que você se abstrai da observação (é o caso de uma reunião de conselho municipal, por exemplo). Em outras palavras, isso se faz ou não se faz. Aqui, como em toda parte e sempre você, para ser um bom etnógrafo terá necessidade de *saber viver*. Mas terá também que se interrogar sobre as regras de saber viver (se comportar adequadamente) que todos seguem naturalmente sem se questionar. São as gafes – e sanções que eles carregam – que o colocarão na trilha certa.

- *A questão das fotografias.* – Muitas vezes poderá tirar fotos. No entanto, não carregue *sistematicamente* máquina fotográfica (por exemplo, não se tiram fotos em enterro. Pergunte-se por quê). Os eventos públicos quando colocam em cena o espetáculo da alegria coletiva, dão lugar “naturalmente” a fotografias. A máquina lhe dará, pois, segurança. Suas fotos poderão servir-lhe de documentos, de auxílio à memória.

Saiba, porém, que o ato de tirar fotos lhe garante um lugar. Enquanto anotar o evento faz de você um censor, porta-voz ou jornalista, fotografar faz de você um simples fotógrafo, isto é, espectador ao quadrado, caixa de ressonância do espetáculo. Suporão que tira as fotos “para si” (para guardar momentos do espetáculo como espetáculo) ou para os outros (não mais como uma forma de controle, de suspeita, ou de publicação, mas como desdobramento da presença do espectador ou de um substituto para os ausentes que teriam ou gostariam de estar lá).

Há o risco de lhe pedirem ou até de comprarem suas fotos. Todos esses detalhes em torno das próprias ferramentas de seu trabalho (tomar notas, fotografar) são indícios extremamente importantes da natureza mesma do evento que você observa e sobre o espaço que, sem querer e, por vezes, sem o saber, você ocupa ali.

- *Programa, documentos escritos e objetos-lembrança.* – Suponhamos que não tenha nem bloco de notas nem máquina fotográfica. Não terá, portanto, depois, nenhuma recordação? Raras são as reuniões em que não circulam textos escritos, onde não são pronunciados discursos que têm todas as chances de existir sob forma escrita. Recolha sistematicamente tudo que lembra, procure, antes ou depois, os textos dos discursos, junte objetos:

- programas (dos concertos, das audições, das festas);
- cardápios das festas, dos casamentos;
- textos distribuídos ou não (orações, discursos, poesias);
- plano de distribuição das pessoas na mesa, vestígios escritos dos preparativos;
- objetos festivos (velas, cartões de visita, enfeites, flores).

Por ocasião dessa coleta, não será obrigado, em geral, a justificar sua curiosidade. Os eventos em foco são suficientemente marcantes, excepcionais para que seja normal procurar guardar algum vestígio. Seu aparente fetichismo achará explicações “naturais”, fora da pesquisa.

Observe que todos esses objetos podem, dada a circunstância ser transmitidos para a posteridade, isto é, podem vir a ser documentos para historiadores. Você, porém, leva

uma vantagem em relação ao historiador, que deve explorar ao máximo: você ~~presenta~~ o uso desses objetos e não tem que deduzi-los. Veja em quais condições os está recolhendo, em que momento são distribuídos, se todo mundo os recebe, se você teve que pedir.

• *A memorização: o que é notar?* – Saiba que memorizará convenientemente, por curto espaço de tempo (um ou dois dias), tudo que tiver *notado*. A técnica de observação consiste, pois, não somente em ter uma lista de questões padronizadas (cf. mais abaixo) mas também em excitar sua capacidade para notar detalhes. Na vida do dia-a-dia, fora da etnografia, todo mundo passa seu tempo a observar, isto é, a deduzir sem pensar, interpretações tranqüilizadoras de detalhes familiares ou a notar detalhes excepcionais.

O que é notar? Como os outros usos do termo o indicam, é fazer uso de um julgamento, positivo ou negativo.

“Eu a notei, outro dia” pode ser um cumprimento. Eis que a transformaram em alguém singular, excepcional. Supõe-se que seja preciso tomá-lo pelo lado bom, mas pode ser que a tenham notado por ser corpulenta, fala alto, comporta-se mal? Seria grosseria de sua parte supor isso; se fosse o caso, ninguém estaria autorizado a dizê-lo dessa forma. “Devo, ao notar, avisar-lhe que está sem gravata”, seria uma chamada à ordem. É o que se chama “fazer uma observação”, ou, em linguagem escolar, chamar a atenção. Breve, nota-se o que choca, nota-se o que agrada.

Conclusão: acima de tudo nada de *neutralidade axiológica (postura neutra)* no momento da observação, pois estaria condenando-se a nada notar além do que os manuais lhe pedem que note. A neutralidade axiológica é um princípio de análise após fato, não um princípio de observação no local. Evite, todavia, expressar suas observações sob qualquer forma, pois em pesquisa (e malgrado as aparências a partir do momento em que está em situação, mesmo familiar, se está em pesquisa), a neutralidade não é um princípio científico, mas um princípio deontológico ou, mais simplesmente, um princípio prático de prudência. Portanto, expresse suas observações mentalmente.

Não as censure mas também não as declare a seus vizinhos. Não as interprete no momento, mas dê ênfase às características e às emoções se preciso. Deixe-se chocar, fique furioso, contente, maravilhado. Isso ajuda a observar. Mais tarde, anotar, ao mesmo tempo, suas observações e seus sentimentos e poderá interpretá-los em relação uns aos outros.

Um exemplo

“Eis um detalhe que me choca: uma mamãe chama seu filho em alta voz durante o espetáculo”. Esta observação mental basta para que possa notar em seguida que, na festa da escola, os “pequeninos” de dois anos que representam um espetáculo preparado em aula e encenado por sua professora são atrapalhados pelo público especialmente quando descobrem suas mães na platéia.

Mais tarde, você se perguntará por que esse detalhe o chocou. Você se identificou com a professora, para quem a concentração dos atores infantis é um sucesso pessoal quanto mais difícil. Poderá, a seguir, analisar toda a ambigüidade dessas festas do maternal:

- apresentação, pelas organizadoras (diretora, professoras), do grupo de crianças; trata-se, ao mesmo tempo do “grupo-classe”, como se diz nos textos de pedagogia oficial e também do coletivo constituído pelo conjunto das crianças da escola e, por conseqüência, de seus pais;
- apresentação, pelos espectadores (pais, mães, avós, irmãos e irmãs) das performances individuais de seu rebento excepcional das quais há vários indícios objetivos, como permanente comparação, em voz baixa, entre seu filho e as outras crianças (aliás uma comparação divertida que nem sempre é favorável ao seu); intensidade de gravações (fotos e vídeos) exclusivamente centradas em seu próprio filho (os pais guardam seus equipamentos quando não é mais “sua” vez); movimentos dos bandos de crianças e pais entre diversas apresentações (não se assiste ao espetáculo no qual seu filho não participa) que exasperam as organizadoras;
- os pequeninos vivem fisicamente tal ambigüidade jogados, conforme a idade, entre a família (atiram-se nos braços da mãe logo ao final do espetáculo) e o grupo dos pares (eles esnobam seus pais e fazem como se não existissem).

• *A memorização: posicionamento espaço-temporal, variação dos pontos de vista.* – Três quartos da observação dependem de um bom posicionamento espaço-temporal. Observe, de início, o mais tranqüilamente possível, os lugares. Chegue antes, se possível. Instale-se em um “bom” lugar de observação, de onde possa ver melhor. Mas não se esqueça de que está ali para observar amplamente tanto os espectadores quanto o espetáculo. Não se destaque muito, mas não se esconda demais. Não se esqueça, por vezes, que não tem escolha. Se faz parte da família do noivo colocá-lo-ão com “sua” família (em oposição à família aliada), por exemplo, à direita na igreja. Note quem é que se encarrega de preveni-lo, de o “colocar no lugar”. Mesmo que tal lugar não lhe convenha, não reclame.

Para memorizar os lugares, olhe-os pensando no esquema (cf. Encarte 30) que ira fazer a seguir, à direita, à esquerda, adiante e atrás. Depois, feche os olhos e veja se consegue reconstituí-los. Reabra os olhos e veja tudo que esqueceu. Recomece. Pense a seguir nas palavras que lhe permitirão nomear os lugares, guarde as palavras que os organizadores empregam (sala, cena, primeiras filas, bastidores; o palco, as luzes da rampa; o coro, a nave; o pátio coberto; os banheiros, o pátio aberto, a classe). Retenha também as palavras que nomeiam pessoas (o público, a sala, os atores, os alunos, os solistas, os que aprendem, os que sabem, os pequenos, os grandes, os pais, as famílias, os casados, a família do noivo, os hospedeiros, os convidados). Todas essas palavras serão mais tarde, chaves de interpretação. Por ora, são chaves de memorização. De cada vez guarde não só a palavra, mas também a pessoa que a usou e em que circunstâncias, com que intenção, por exemplo, assentar o público, para apresentar os alunos, para receber os convidados, para levar um brinde. Decida logo em que termos irá distinguir os lugares principais como os organizadores, atores (principais, secundários); pequenos detalhes indispensáveis para o desenrolar material e, em geral invisíveis, sem ser nomeados, público (permanente, móvel). Conte o público. Para tanto, divida mentalmente o espaço em partes de igual densidade (por exemplo, uma fila de cadeiras ocupadas). Conte, a seguir, o número dessas partes (no exemplo é o número de filas) e depois o núme-

ro de pessoas em cada uma das partes (aqui, dessas fileiras). Multiplique os dois números e você tem o resultado (é o método usado pela polícia para contar o número de participantes em manifestações de rua).

Encarte 30

A utilidade dos esquemas

Você está interessado em anotar as posições respectivas das pessoas no espaço, mas também as descrições de lugares e de objetos, sob forma de *esquemas* mais do que de descrições em palavras ou de fotografias. O esquema acentua os lugares e as relações espaciais – de pessoa com pessoa, de coisa com coisa, de pessoa com coisa. Ora é disso que você precisa como suporte de sua análise. A descrição em palavras o leva para o lado do ambiente, do vago, do ambíguo. A fotografia o empurra para o lado estético, para a pluralidade de detalhes. Você controla inteiramente o esquema, que deve ser um meio eficaz de recordação e de análise mais que uma “obra” apresentável. Servir-lhe-á de material. Você não o mostrará, pois é uma etapa intermediária para reavivar suas recordações e esclarecer sua análise.

Anotar no diário de pesquisa

Quando tudo acabou (fique um bom tempo após para verificar que, de acordo com os lugares ocupados, o evento não termina de uma só vez), dirija-se então para sua casa (ou a um cantinho *absolutamente* tranquilo) e abra seu caderno nas páginas da direita. Ali você encontra (e relê) o que anotou antes do evento. É possível que você disponha de uma boa coleção de lembranças: objeto, textos, fotos, notas de participante.

Espalhe-as diante de si e comece a anotar:

- o desenrolar cronológico do evento;
- o esquema dos diferentes lugares (pode haver vários esquemas se os participantes se deslocaram);
- o que você fez;
- o que ouviu;
- o que o chocou ou lhe agradou;
- sua análise (provisória).

Apóie-se nesses ajuda-memória. Crie legendas com precisão: (quem lhes deu, em que momento, qual era o papel deles). Não se esqueça de interrogar-se sobre os diferentes “começos” do evento segundo as pessoas e sobre seus diferentes “fins”. Não terá dificuldade alguma em anotar tudo que tiver previamente memorizado, isto é, notado. Faça-o na seqüência em que isso lhe retorna à memória e, a seguir, classifique de novo suas notas. Quanto melhor tiver distinguido as diferentes fases no decorrer do evento, tanto melhor delas se recordará e as anotará. A observação é uma observação “mental” (como se diz “cálculo mental”) bem mais que uma observação visual ou sensível, pois você anota e memoriza palavras ouvidas, lugares nomeados, ações nomeadas.

A cerimônia que escolheu pode ser um evento de pesquisa clássica (por desambiguação) ou um evento familiar. A possibilidade de *distanciamento* está inscrita em toda cerimônia; simetricamente, a ausência de familiaridade não é escandalosa, nesse caso, pois há sempre um lugar para o estranho de passagem, para o observador desinteressado que fica como excelente "espectador". Não é mais o caso das interações, sejam elas anônimas ou pessoais, pois o observador é visto aí, em geral, como um indiscreto. Ser-lhe-á então necessário atuar numa tensão entre distanciamento e familiaridade que constitui a etnografia.

Observar uma interação

A técnica básica é a mesma em toda parte. A interação, no entanto, ao contrário da cerimônia, não foi preparada nem anunciada. Na melhor situação, você tem um encontro em tal hora e em tal lugar. Pode, também, ser perfeitamente imprevisto. Primeiro corolário: é bem mais difícil decidir quando ela começa e quando termina. Segundo corolário: é bem mais difícil dar-lhe um nome, pois não passam de "encontros" entre pessoas que se conhecem (interação pessoal) ou entre desconhecidos definidos por sua função (interação anônima).

A entrevista etnográfica é o próprio tipo de interação *pessoal* em contexto de desambiguação. Sua relativa solenidade, acentuada pela presença do gravador, representando o público, fixa-lhe um início e um fim. Como nas cerimônias, há uma "preparação" (antes do início) e uma espécie de "continuação" (após o final). Exercite-se, pois, na observação das interações pessoais tomando notas após a entrevista.

Tem-se observado muito que é bom fazer-se uma entrevista em duplas de pesquisadores. De fato, um dos dois está "preso" à entrevista, com o encargo de não perder a continuidade da entrevista e não pode permitir-se relaxar a atenção (sua capacidade de observação) em seu interlocutor; o outro, liberado dessa função, pode observar a cena: seu contexto, os outros participantes, a atitude do pesquisado e a do primeiro pesquisador, está livre para ocupar mentalmente esses diferentes lugares.

Quando não se trata mais de uma entrevista, a primeira dificuldade que encontrará é a de isolar essa interação pessoal, de dar-lhe autonomia, de a nomear. Tudo depende, então, do que está procurando observar. Se estiver interessado em uma observação de atividades de trabalho (caso em que você é parte integrante) terá que nomear um momento particular desse trabalho. Se estiver interessado em observar relações familiares, terá que, aí também, isolar e nomear um evento. O mais importante é compreender a que título foi admitido para observar. Pode ocupar múltiplos locais, mas saiba, assim mesmo, que, em geral, se não se cuidar, a posição de observador confunde-se facilmente com a de controlador que é um papel atribuído a quem "não faz nada" e que, no entanto, assiste, olha, tem um bom motivo para estar lá (veja a facilidade com que, numa tarefa doméstica, o mais preguiçoso é tratado como "inspetor dos trabalhos acabados"). Essa posição confunde-se também com a de *visitante/curioso* (cf. Encarte 31). E quando se é verdadeiramente parte integrante, perde-se liberdade de ação e sente-se dificuldade para mudar de papel, de local, de ponto de vista. Tome partido e saiba que sua observação ficará forçosamente incompleta. Nomeie e referencie os pontos de vista que não pôde assumir. E complete suas observações com entrevistas.

A cerimônia que escolheu pode ser um evento de pesquisa clássica (por desambiguação) ou um evento familiar. A possibilidade de *distanciamento* está inscrita em toda cerimônia; simetricamente, a ausência de familiaridade não é escandalosa, nesse caso, pois há sempre um lugar para o estranho de passagem, para o observador desinteressado que fica como excelente “espectador”. Não é mais o caso das interações, sejam elas anônimas ou pessoais, pois o observador é visto aí, em geral, como um indiscreto. Ser-lhe-á então necessário atuar numa tensão entre distanciamento e familiaridade que constitui a etnografia.

Observar uma interação

A técnica básica é a mesma em toda parte. A interação, no entanto, ao contrário da cerimônia, não foi preparada nem anunciada. Na melhor situação, você tem um encontro em tal hora e em tal lugar. Pode, também, ser perfeitamente imprevisto. Primeiro corolário: é bem mais difícil decidir quando ela começa e quando termina. Segundo corolário: é bem mais difícil dar-lhe um nome, pois não passam de “encontros” entre pessoas que se conhecem (interação pessoal) ou entre desconhecidos definidos por sua função (interação anônima).

A entrevista etnográfica é o próprio tipo de interação *pessoal* em contexto de desambiguação. Sua relativa solenidade, acentuada pela presença do gravador, representando o público, fixa-lhe um início e um fim. Como nas cerimônias, há uma “preparação” (antes do início) e uma espécie de “continuação” (após o final). Exercite-se, pois, na observação das interações pessoais tomando notas após a entrevista.

Tem-se observado muito que é bom fazer-se uma entrevista em duplas de pesquisadores. De fato, um dos dois está “preso” à entrevista, com o encargo de não perder a continuidade da entrevista e não pode permitir-se relaxar a atenção (sua capacidade de observação) em seu interlocutor; o outro, liberado dessa função, pode observar a cena: seu contexto, os outros participantes, a atitude do pesquisado e a do primeiro pesquisador, está livre para ocupar mentalmente esses diferentes lugares.

Quando não se trata mais de uma entrevista, a primeira dificuldade que encontrará é a de isolar essa interação pessoal, de dar-lhe autonomia, de a nomear. Tudo depende, então, do que está procurando observar. Se estiver interessado em uma observação de atividades de trabalho (caso em que você é parte integrante) terá que nomear um momento particular desse trabalho. Se estiver interessado em observar relações familiares, terá que, aí também, isolar e nomear um evento. O mais importante é compreender a que título foi admitido para observar. Pode ocupar múltiplos locais, mas saiba, assim mesmo, que, em geral, se não se cuidar, a posição de observador confunde-se facilmente com a de controlador que é um papel atribuído a quem “não faz nada” e que, no entanto, assiste, olha, tem um bom motivo para estar lá (veja a facilidade com que, numa tarefa doméstica, o mais preguiçoso é tratado como “inspetor dos trabalhos acabados”). Essa posição confunde-se também com a de *visitante/curioso* (cf. Encarte 31). E quando se é verdadeiramente parte integrante, perde-se liberdade de ação e sente-se dificuldade para mudar de papel, de local, de ponto de vista. Tome partido e saiba que sua observação ficará forçosamente incompleta. Nomeie e referencie os pontos de vista que não pôde assumir. E complete suas observações com entrevistas.

As ferramentas da observação, anotar *in situ*, memorizar, anotar, são as mesmas. Anote de início o desenrolar cronológico, faça o esquema dos lugares e das posições. retenha as palavras, as fórmulas e as interpretações enquanto “ainda quentes” dos diferentes participantes. Anote a sua, também, com modéstia, sabendo que é provisória. Tente tomar partido suficientemente para anotar o que vai, ou não, ser bastante destacado depois para notar que se trata de tomada de posição e que há outras mais. Aí, também, a observação consiste em uma tensão entre a tomada de posição, “o engajamento” e o “distanciamento”. Você conseguirá sair dessa situação estando *engajado* no momento do evento, e *desligado* na hora de tomar notas graças à capacidade da escrita de “objetivar”, de “distanciar” *após o fato*.

O essencial da observação, no caso de interação pessoal, reside na decisão de anotar, isto é, na decisão de que se trata de um evento *importante*. Importante para você, para sua pesquisa, para sua busca. Vale mais anotar demais e depois jogar fora notas sem interesse do que deixar de anotar algo que poderia vir a ser decisivo para sua *análise*.

Você pode observar, também, uma interação anônima, isto é, aquela em que os participantes não se conhecem por seus nomes. Todavia, você terá dificuldades para tirar vantagem disso porque você mesmo não conhece ninguém e, com isso, sua observação ficará vaga e não poderá ligar o que viu com nenhuma informação exterior à interação e ficará fechado no momento observado sem mesmo saber se é o caso de um encontro independente, nomeado, observado por seus protagonistas, ou seja, você conhece um dos participantes e pode, então, repassar-lhe seu ponto de vista (é interessante no caso das profissões de serviço especializadas nesses encontros funcionais de servidores, controladores, guardas, empregados de recepção) mas não o de parceiros. Tudo depende, nesse caso, mais uma vez ainda do tema que escolheu (cf. Encarte 32).

Encarte 31

Entre o zôo e o cronômetro

Numa oficina ou pavilhão industrial ninguém entra se não tiver uma função no trabalho (operário, controlador, chefe de equipe, engenheiro). Há duas ocasiões de visita odiadas pelos operários; a do cronometrista que vem observar, medir, notar as atividades de trabalho para transformá-las em instrumento de controle e de aceleração das cadências, do ritmo e a dos visitantes “desinteressados”, convidados pelos engenheiros e de imediato comparados, pelos trabalhadores, aos visitantes de um zôo. Em certos casos há um terceiro tipo, o das visitas organizadas para as famílias dos operários. Quando é possível esta é a melhor solução, pois acreditarão que você é primo(a) distante de um dos operários. Há uma encenação (típica da cerimônia) e gozações (típicas da interação pessoal).

Observar lugares e objetos

Esta observação, a mais fácil de conduzir, porque não teve que ser negociada, é uma verdadeira cilada para os iniciantes. Ou seja, você não verá nada e terá apenas que diluir esse nada. Ou, ainda, imitará o modelo da descrição literária. Na literatura as descrições, ferramentas dos romances (pense-se sobretudo nos romancistas fran-

ceses do século XIX), têm uma função precisa, a de gerar um “efeito de realidade” (GRIGNON [90]), fazer os leitores crerem que a história, os personagens são reais e instalá-los num quadro realista, adicionar detalhes inúteis à narração para mergulhar o leitor num “outro mundo”. Em etnografia exótica, encontramos um análogo, o de levar o leitor a um campo exótico para mostrar-lhe a superioridade do autor por seu conhecimento do campo. Como você não é um explorador de regiões exóticas, como só tem que descrever lugares e objetos comuns, banais; como não tem que convencer seus leitores (seus docentes) de sua veracidade (eles têm outros meios de se assegurar de sua honestidade), evite essas descrições. Ninguém lhe pede que seja romancista.

Encarte 32

Observar lugares públicos: interações anônimas e nomes pessoais

Constatou-se a atração dos estudantes por observações *incógnitas* em espaços públicos onde indivíduos circulam, onde eles têm a impressão de que passam-se “coisas”.

1) Tomemos o exemplo de um estudante que optou por observar uma estação de trem. Observa banalidades – os movimentos da multidão, a sala dos objetos perdidos – e o que atrai e chama a atenção (os SDF que ali vêm buscar refúgio, que pedem esmolas próximos aos guichês de vendas dos bilhetes). Constata que predominam as pessoas idosas durante o dia (dão uma volta pela estação, uma volta pelo posto dos correios, o que lhes permite fixar suas referências temporais), a impaciência dos “burgueses” que, na fila do guichê, não hesitam em deixar clara sua irritação. Pedem-lhe que, após esse primeiro relato, faça observações mais próximas aproveitando sua amizade com o bilheteiro. Se não se aproveitar disso para negociar essa posição de observador, terá que concentrar-se na observação das filas mais longas na sala das informações. Faz-se passar por um cliente para observar a fila de espera. Como esta, por definição, é instável e mutante só poderá fazer observações pontuais e próximas do senso comum, como por exemplo o fato que os clientes “chiques” dessa estação balneária querem passar na frente dos outros.

Solução

A não ser que saiba, de antemão, o que procura, abandone o fantasma da observação *incógnita* numa multidão anônima. Tente, de preferência, achar um lugar estável de observação e aliados com quem falar sobre o que observa. Não se esqueça de que a observação faz parte da vida social e que um certo número de profissões (em particular as de “serviço”, aquelas que lidam com um “público” de usuários ou uma série de clientes) desenvolveram, por necessidade, uma prática da observação interessada. Isole, na estação, um espaço em que possa fazer observações repetidas de interações. Na ocorrência, se possível, pegue, de preferência, o posto do bilheteiro, ao invés daquele do cliente, pois aquele se depara com interações anônimas e também com inúmeras interações pessoais (colegas, pessoas conhecidas).

2) Tomemos o exemplo de uma estudante que, trabalhando sobre o corpo, deseja observar a sala de espera de uma PMI (serviço de Proteção Materna e Infantil). Acreditou, de início, poder fundir-se com as “clientes” antes de dar-se conta de que, não tendo criança consigo, não podia evitar aparecer como estando do lado da instituição (secretária, tradutora, educadora infantil, médica). Instalou-se por vários dias ao lado desses profissionais e, depois, veio narrar seu pânico,

querendo abandonar; não sabia literalmente o que observar, isto é, nem o que olhar nem o que anotar. Acabou por compreender dois “truques” de observação: a) designar, em suas anotações, as crianças por seus nomes; localizar, primeiro nas conversas e depois nas entrevistas as categorias de percepção postas em prática pelos diferentes profissionais. Ela não pôde, pois, forjar critérios pessoais de observação (de diagnóstico) das crianças que são, também, critérios de juízo sobre as mães. Ela não pôde ter acesso aos pontos de vista das mães, mas compreendeu as funções que exerce a PMI para algumas delas, lugar de sociabilidade maternal, momento de aprendizagem das normas, recurso exterior na hora dos conflitos familiares. Ela não compreendeu os trâmites sociais da percepção profissional dos corpos infantis a não ser descobrindo a frágil diferença, a seus olhos leigos e desinteressados, entre uma criança que o pessoal da PMI acha “gordo” (diagnóstico patológico acompanhado de conselhos de prudência e de higiene alimentar) e um outro que acham “soberbo” (aprovação sem reserva de um corpo também “rechonchudo” tanto quanto o precedente).

A primeira condição (designar as crianças pelos nomes) vale para toda observação de pessoas numerosas e (relativamente) indiferenciadas quanto à sua posição (aqui, crianças em consulta no PMI; alunos, clientes, passageiros, operários). Para perceber diferenças interindividuais, sair do magma das impressões fugidias é preciso obrigatoriamente *nomear* as pessoas.

É o que sabe fazer, a cada reinício das aulas, um docente do ensino fundamental; sua primeira tarefa é “aprender os nomes” de seus alunos ou, mais exatamente, saber colocar um nome em seu rosto. É também a condição essencial para toda observação etnográfica. O etnógrafo só pode conhecer pessoas com nome e não *indivíduos* anônimos. Desse ponto de vista, seu ângulo de aproximação é radicalmente diferente do utilizador da pesquisa por questionário – que se poderia chamar de “pesquisa anônima”. O estatístico só conhece indivíduos (no duplo sentido sociopolítico e estatístico); o pesquisador, por questionário, fez seu interlocutor passar do *status* de *pessoa* (na interação) para o *status* de *indivíduo* estatístico.

Seria, por estas razões, necessário proscrever toda descrição dos lugares e dos objetos? Seria uma pena fazê-lo por dois motivos:

- Servem de contextualização às cerimônias e às interações a que se assiste; desempenham um papel para os diferentes participantes (limitação material – espaço muito pequeno, muito grande; referência comum – lugar íntimo, impressionante para todos, para alguns, suporte de apropriação – minha casa, sua casa, casa deles).
- Carregam vestígios de uma história que, através deles, se impõe aos participantes.

Desconfie, no entanto, em suas primeiras descrições de um lugar desconhecido, pois não colocará ali nada além de suas “projeções”; liberará apenas seus próprios fantasmas. Podem servir, se for o caso, não como descrição mas como elemento de auto-análise (cf. Encarte 33). Prefira, para começar, lugares ou objetos familiares. Você pode efetuar uma primeira descrição de um lugar no início de pesquisa; depois, uma segunda, no final de sua pesquisa. Entre as duas, sua familiaridade com o campo do interconhecimento terá transformado suas percepções.

Para anotar suas observações, não terá mais o recurso do desenrolar cronológico de um evento. Anote, no entanto, a hora, as circunstâncias, depois nomeie o lugar, situe-o com ajuda de um mapa, se preciso; nomeie sua relação com ele. Quem usa esse nome? É um nome próprio, um nome comum? Utiliza um pronome pessoal? Há marcas objetivas (materiais) dessa apropriação assinalada pela linguagem? Por quem é freqüentado esse lugar? A título de quê? A que horas? Para que uso? Depois reflita sobre sua história. Não se esqueça de que lugares e objetos são, a um só tempo, o contexto e o produto de interações sociais. Têm produtores e usuários. Trazem a marca dos eventos que ali se desenrolaram e esses eventos, reciprocamente, lhes devem algo.

Encarte 33

O etnocentrismo das descrições

Na maior parte das descrições das pessoas ou dos lugares, quando existe uma certa distância social entre observador e observados, encontra-se uma ou outra dessas duas formas simétricas de etnocentrismo.

1) O desprezo, muitas vezes, tingido de compaixão, colore geralmente as percepções que se tem de “alto para baixo”. Tome-se como exemplo o exposto por um pintor-fotógrafo a um auditório de estudantes parisienses de filosofia. O conferencista apóia-se sobre uma série de diapositivos (*slides*) de jardins populares. Fala de estética. Chega a vez de um clichê mostrando o jardineiro posando em pé diante de seu jardim. Comentário do palestrante: os jardins são limpos, arrumados, impecáveis. Alaridos de rir dos estudantes, pois o jardineiro é velho, está sujo, mal apresentado. O desprezo mostra-se, muitas vezes, pelo rir ou, quando tingido de compaixão, pelas lágrimas.

2) Um temor respeitoso colore geralmente as percepções que acontecem “de baixo para cima”. Assim, vários estudantes de mestrado conduzem entrevistas com dirigentes (homens políticos, “altos funcionários”, “grandes”, patrões) e prestam contas dessas entrevistas dando destaque ao porte do escritório, à grandeza do espaço, o fofo de seus tapetes e o número de seguranças. Eles ficaram impressionados e nem pensam em rir disso.

Duas soluções

1) Dê livre curso a esses sentimentos num primeiro momento. Tenha coragem de anotá-los (tive medo, achei ridículo). A seguir, relatará sua descrição incluído as características da relação entre você e a pessoa descrita (relação habitual e não habitual, provável e improvável, fascínio; encontro de um modelo para sua vida futura; repulsa).

2) A título de higiene pessoal, exercite-se em inverter seus sentimentos; ria das tentativas (ridículas desde que são em vão) de intimidação pelos objetos, pelo corpo, pela atitude; respeite as marcas do trabalho (envelhecimento, cicatrizes, deformações) nos corpos dos trabalhadores manuais; inveje as mães de família numerosas ao invés de ter pena delas. Claro que fará seus exercícios *em segredo!* Em pesquisa, é ruim não manifestar os sentimentos que seu interlocutor espera de você.

Uma vez controlados seus sentimentos e sua “sensibilidade” (socialmente aprendida) desnaturalizada, você estará pronto para saber como utilizá-los como ferramentas para a pesquisa.

Descobrimos os dominantes por sua capacidade de manipular sua “imagem” e impô-la a seu público (mesmo e talvez sobretudo quando mantêm um ar natural, espontâneo); ao contrário, as pessoas comuns, que não se preocupam com sua “imagem”, senão para com seus próximos (sedução, porte, atitude), são muitas vezes indefesas diante do olhar distante (o do etnógrafo, o do jornalista). É por esta razão que elas, como qualquer pessoa, escondem para si a percepção do desprezo ou a compaixão, sentimentos insultantes que você possa ter demonstrado em relação a elas.

É o que a tradição sociológica chama, segundo Durkheim, de *relações sociais cristalizadas*.

Claro que a distinção entre cerimônias, interações e lugares é puramente analítica. Cada qual desses três elementos “observáveis” remete aos outros dois. É hora de sugerir-lhe uma *totalização* desses três “pontos de vista” por ocasião de um evento que observará *no final da pesquisa*.

Uma observação total

O leitor terá notado, graças aos exercícios precedentes, que os eventos públicos (ou “cerimônias”), uma vez que se tenha exercitado neles, são um “abre-te sésamo” para o campo.

No início, você não tem que negociar sua presença como espectador, mas terá interesse em “apresentar-se” aos organizadores no decorrer da cerimônia para explicar-lhes que tem razões particulares para estar ali, para cumprimentá-los pela organização e para pedir-lhes explicações complementares. Excelente ocasião para fazer contatos! Tanto mais que, mais tarde, terá uma lembrança comum (ou mais exatamente uma referência comum) com seus pesquisados que não deixarão de lembrar-lhe de utilizá-la. Enfim, poderá, com o tempo, passar da posição de espectador para a de organizador (evite, de preferência, a de ator); ocasião de observar todas as interações pessoais sobre as quais se sustenta esse gênero de cerimônia.

Além das vantagens práticas, em termos de pesquisa, dos eventos públicos, estes apresentam vantagens em termos de observação e análise. São *condensados de relações* que oferecem, juntos, os três níveis de observáveis: sob o evento, as interações; em pano de fundo, o lugar e os objetos. No fim da pesquisa, você assiste a um desses eventos que mobilizam um meio de interconhecimento. Conhece todo mundo pois pode colocar nomes nas testas de cada um, pois discutiu com cada um e conhece os laços de parentesco, de vizinhança, de profissão de cada um com cada um. De cara, pode observar não só o espetáculo que preparam para você (e outros), mas também as interações anexas que, ao mesmo tempo, constituem a trama. Você pode, então, tentar uma observação total: lugares, objetos, interações, cerimônias, cada nível remete aos outros e sua análise se sustenta. Você tem certeza de que seu campo está acabado, o evento é transparente, pois tem, ao mesmo tempo, o resumo de sua pesquisa e seu fechamento.

EXERCÍCIOS DE OBSERVAÇÃO

Exercício 1: Observar um evento público

Pesquisa por desambientação

1) Prepare a observação

- a) Anote como soube do evento (diário de ações de pesquisa).
- b) Negocie seu posto de observador e anote em que condições você está presente (diário ações de pesquisa).

2) *Acumule documentos*

(Escritos, objetos, fotos) *antes, durante, depois* e anote as condições da coleta de cada documento (diário de ações de pesquisa).

3) *Durante o evento*

- a) Memorize a disposição espacial dos lugares e das pessoas.
- b) Memorize o desenrolar temporal do evento.
- c) Memorize as palavras que ouvir.
- d) Conte o número de pessoas presentes.
- e) Distinga as pessoas móveis e as imóveis.
- f) Distinga (com que critérios?) grupos.
- g) Distinga lugares, pontos de vista.
- h) Mude de lugar se possível, teste *in situ* a existência de vários pontos de vista.

4) *Primeiras anotações no diário de pesquisa*

Anote o que observou imediatamente depois.

5) *Teste os diferentes pontos de vista (e anote)...*

no decorrer de entrevistas gravadas em ...graças a discussões informais com outros participantes.
que você pede que lhe contem e que lhe expliquem o que se passou...

6) *Observação de controle e (tomada de notas)*

Tendo compreendido tudo isto, observe, de novo, um evento análogo para controle. Refaça as etapas 3 e 4 somente e só anote as novidades (na medida em que elas esclarecem a primeira observação).

Pesquisa por distanciamento

a) Escolha o evento e anote as razões da sua escolha (diário de pesquisa).

b) Analise antes sua posição objetiva (diário de pesquisa).

7) *Passagem a limpo das notas*

Relacione as notas tomadas antes, logo depois, após a pequena pesquisa e refaça suas anotações (diário de pesquisa).

8) *Redigir um relatório*

Agora você pode produzir um texto definitivo centrado neste primeiro evento, que seja legível para outra pessoa, suprimindo os detalhes que não utilizou. Isso fará parte da redação final com o tempo e confiança adquiridos...

Exercício 2: Observar uma interação pessoal*Pesquisa por desambientação*

Trata-se, em geral, de uma entrevista. Pode ser uma interação não gravada.

Pesquisa por distanciamento

Trata-se de um evento que o chocou, no qual conhece *pelos nomes* todos os participantes, e que não tem nem *preparação* nem *público*.

1) *Note enquanto estiver quente um primeiro relato*

a) Dê um título a essa entrevista.

b) Resuma a posição de seu pesquisado, não se esqueça de que é um participante.

c) Note o que se passou antes do início e depois do fim da gravação.

a) Dê nome ao evento. Por que usa tal palavra?

b) Quem são os participantes. Não se esqueça de você.

c) Fixe um início e um fim para o evento

d) Esquema espacial.

e) Esquema temporal.

f) Palavras importantes utilizadas.

g) Tente compreender o que a entrevista *significou* para seu pesquisado; como ele a percebeu. Mal-entendidos?

g) Anote os pontos de vista de *uns e de outros sobre o evento*; os conflitos possíveis de interpretações posteriores.

2) *Deixe essas notas de lado*

Transcreva a entrevista alguns dias mais tarde sem ter relido suas primeiras anotações.

Não toque mais nelas, pois as utilizará, uma vez acabada a pesquisa, se sua análise o levar para essa direção.

Exercício 3: Observar um lugar e coisas

Pesquisa por desambientação

A cilada!

- a) Tente a experiência.
- b) Peça a um entrevistado que lhe conte a história do lugar e o que se passa ali habitualmente.
- c) Teste o vazio de uma observação perfeitamente estranha comparando a) e b), comparando com um lugar familiar.

Pesquisa por distanciamento

Escolha um lugar bem conhecido há muito tempo.

Responda por escrito a estas questões:

- 1) Nomeie esse lugar. Nomeie sua relação com ele. É nome próprio? É nome comum? Marcas de apropriação? Pronome pessoal?
- 2) Existem limites/níveis? Tem impressão de entrar e sair desse espaço atravessando uma barreira ou uma terra sem dono? Como sabe que está dentro ou fora?
- 3) Por quem mais é freqüentado, além de você? Nome, sobrenome, idade, sexo, etc. A que título, em que momento, para que uso?
- 4) Esquema espaço-temporal: restitua o lugar das pessoas que freqüentam. Escolha uma hora em que o local esteja ocupado.
- 5) História (cronologia)
- 6) Objetos marcantes; sua história seu uso...

Ler Yvette Delsaut [69]

Aplicação: Observe seu próprio trabalho

- 1) Lugar
- 2) Objetos
- 3) Esquema espaço-temporal (cf. Exercícios 1 e 2)
- 4) Escolha um dia especial e observe a noite ali:
 - colegas presentes/ausentes; apresente-os;
 - palavras ouvidas; palavras usadas para dizer o que faz;
 - eventos marcantes (cf. Exercício 2)

Ler Pierre Fournier [63].

Exercício 4: Uma observação total*Pesquisa por desambientação*

1) Escolha um evento público em que conheça todo mundo.

Este exercício não pode realizar-se senão em final de pesquisa; é um tipo de totalização e de controle de seus conhecimentos. Explique a seus aliados por que quer assistir de novo a esse evento.

Pesquisa por distanciamento

Previna algumas pessoas sobre suas intenções; proponha tirar fotos; pegue um ou dois "aliados" para ter outros pontos de vista além do seu (ex. uma festa do pessoal no McDonald's; use colegas de forma confidencial; um "dedicado" e um "revoltado").

2) Observe e anote seu desenrolar (cf. Exercício 1)

3) Observe e descreva o lugar (o contexto) e os objetos importantes (os que têm uma história) (cf. Exercício 3)

4) Observe e anote as interações pessoais que acontecem ali. Seu olhar está aguçado por seu conhecimento do meio, suas observações precedentes, suas questões. Você deve chegar a um relato rico e interessante.

Exercício facultativo: Faça você mesmo seu plano de trabalho

Você tem seu tema. Reflita em busca de situações de observação comparáveis em contexto familiar e em contexto estranho. Ache uma cerimônia, uma interação, um lugar, coisas que possam relacionar-se entre si. Saiba que esse plano não poderá certamente realizar-se perfeitamente.

Abandonando-o para seguir a dinâmica da pesquisa, terá certamente aprendido bastante. Exemplo: você quer pesquisar a escola primária onde é agente de disciplina. Irá observar:

- uma cerimônia, a festa de fim de ano (em "sua" escola, em uma outra);
- uma interação que em sua escola será uma refeição na cantina e as relações entre cozinheiras, vigias, diretoras, professores, alunos; em outra escola terá que negociar duramente tal situação e pode-se supor que o pessoal "estará em pé-de-guerra" e essa interação tornar-se-á um evento público; mude seu fuzil de ombro, observe uma entrevista com uma cozinheira;
- um lugar:
 - descreva sua escola como seu lugar de trabalho;
 - descreva a outra escola buscando os traços do trabalho dos outros;
 - coisas: tente descrever a decoração do pátio coberto; do ponto de vista dos alunos da professora, do inspetor, de um pai de aluno, de um visitante. O que notarão esses diferentes observadores? Não se esqueça da diferença entre um objeto percebido por seu produtor (uma decoração feita pelos alunos sob controle do docente) e o mesmo objeto percebido por espectadores mais ou menos interessados.

Entrevista sendo complemento da observação.

5

Preparar e negociar uma entrevista etnográfica

Mesmo sendo tão difícil na realidade, a observação continua sendo a principal ferramenta da etnografia, sua melhor arma. A entrevista é seu complemento mais ou menos indispensável. Conforme as pesquisas nos apoiamos mais em uma que na outra. Por exemplo, os trabalhos sobre as instituições onde é difícil instalar-se como pesquisador (prisões, fábricas), utilizam entrevistas longas e repetidas com pessoas que trabalham nestes locais, como forma de substituição; se o pesquisador não pode observar *in situ*, pede aos pesquisados que lhe relatem suas próprias observações.

Ao contrário, as atividades cotidianas prestam-se dificilmente à entrevista, pois os pesquisados, literalmente, não “vêm” o que fazem; por isso, o trabalho repousará principalmente na observação. Nos dois casos será preciso sempre relacionar as descrições (as do pesquisador, no caso da observação; as dos pesquisados, no caso da entrevista) com os pontos de vista dos quais elas dependem.

As entrevistas que irá realizar no campo são longas e gravadas em gravador; os entrevistados falam na primeira pessoa, e se dirigem a você pessoalmente. Chamam-se entrevistas etnográficas porque não são “isoladas”, nem independentes da situação de pesquisa. Os entrevistados são re-situados em seus meios de interconhecimento (que são também seus meios de pesquisa). Tomam lugar e sentido num contexto cuja dimensão histórica e local (história longa da região, história dos lugares e das pessoas) você não negligenciará. Apóiam-se em observações prévias, as quais, por sua vez, guiam as observações por vir. Entrevistas e observações fazem progredir a pesquisa como um concerto. Não há corte entre ambas. O campo não é compartimentado e você passa indiferentemente de uma para outra e não precisa especializar-se em uma técnica ou outra. É o campo que lhe ditará a respectiva parte que lhes deverá atribuir. Inúmeras regras ou conselhos já indicados neste *guia* valem também para a entrevista.

Julgamos, todavia, necessário distinguir bem na aprendizagem desta técnica de pesquisa o momento de sua preparação e de sua negociação (proposta deste capítulo) e de sua condução (capítulo 6).

Os princípios da entrevista etnográfica

Como trabalhar com as entrevistas. Quantas fazer? Por que fazer? Com quem? Que tipo de relação você deve criar com os pesquisados?

Quantas entrevistas?

Se você trabalha sobretudo com entrevistas, far-se-á a pergunta: quantas? Ora, é uma falsa questão. A princípio, porque coloca num mesmo nível entrevistas que têm *status* bem diferentes. Uma entrevista aprofundada (gravada) de um entrevistado que fala bastante, durante duas ou três horas, e se questiona a si mesmo com você sobre ele mesmo e sobre seu universo, nos permite avanços e descobertas que não são comparáveis a uma entrevista (não gravada) com um representante de um grupo qualquer que fala com você de forma pessoal.

As entrevistas aprofundadas não visam produzir dados quantificados e, portanto, não precisam ser numerosas.

Não têm por vocação ser “representativas”. Se você quer atingir a “representatividade” vai querer fazer entrevistas que cobrem o espectro inteiro do meio pesquisado. Ora, a lógica da pesquisa etnográfica o leva a fazer escolhas, a travar alianças que o aproximarão de alguns e o desligarão de outros.

Além disso, cada entrevista aprofundada é um fato que é preciso analisar por si mesmo; é uma interação pessoal em que cada um se empenha fortemente e é, também, uma interação solene com um mínimo de encenação e de cerimonial (o gravador serve aqui de “espectador” indispensável). Distingue-se da “distribuição de um questionário”, uma relação anônima e sem futuro; difere também das interações pessoais habituais e constitui uma espécie de misto entre interação pessoal e cerimônia (cf. capítulo 4).

Suas entrevistas inscrevem-se e ganham sentido no contexto de sua pesquisa de campo. São entrevistas etnográficas que se relacionam umas às outras, que liberam pontos de vista dos quais você tem as chaves. Cada um de seus “entrevistados”² expressa, no contexto dessa interação particular, um ponto de vista singular. Quanto mais fizer aparecer a singularidade desse ponto de vista, mais interessante será a entrevista (“o universal está no particular”, como gostava de dizer Goffman). Tal singularidade deve levá-lo a analisar o entrevistado como um caso, a restituir a coerência desse caso, a refletir sobre sua pertinência: caso-limite, caso ideal típico, pertencimento a uma família de casos. O critério do número de entrevistas importa, portanto, menos que aquele que consiste em associar as entrevistas à pesquisa de campo propriamente dita. Não separe as duas operações, faça dialogarem entrevistas e observações, documentação escrita e entrevistas.

Apesar de nossos conselhos, uma vez em campo, estará sempre tentado a acumular um máximo de entrevistas.

Cada uma delas funcionará, a seus olhos, como prova de avanço de sua pesquisa e uma justificativa de sua presença em campo. Quanto mais fizer mais terá a impressão de estar avançando. Sempre com medo de não estar fazendo o bastante, será conduzido, sem perceber, a fazer mais ainda. Reunirá, de maneira desorganizada, entrevistas que penará para, depois, transcrever *sem ter utilizado o tempo para analisá-las com profundidade*, para refletir sobre a construção de seu objeto e na elaboração progressiva de sua problemática inicial. A realização das entrevistas parece-se, então, com o que Y. Winkin

2. Alguns preferem o termo “interrogado”, nós preferimos “entrevistado” porque o primeiro termo parece-nos muito estreitamente ligado a idéia de “interrogatório”.

chama de “aspiradores de dados”. Essa busca, por vezes desenfreada, de entrevistas corresponde a um fantasma de pesquisador iniciante: ver tudo, ouvir tudo, tudo registrar.

Conselhos

dados objetivos
 Não acumule um grande número de entrevistas realizadas às pressas, de curta duração, muitas vezes não gravadas e parcialmente transcritas. Dedicará tempo demais em detrimento da confecção de seu diário de campo e da reflexão sobre sua pesquisa. Tratá-la-á, então, às pressas, para, a seguir, realizar uma colagem de pedaços de entrevistas que virão a ilustrar um propósito “teórico” prévio. Autorize-se a realizar um número limitado de entrevistas sob a condição de que tenham certa duração (uma hora e meia, duas horas); que tenham sido gravadas por inteiro e que descrevam com precisão a situação de entrevistas e que conheçam um grande número de dados objetivos sobre os entrevistados (origem social dos pesquisados e de seus pais, trajetórias escolares, profissionais, residenciais, estado matrimonial). Assim, terá tempo para trabalhá-los de maneira aprofundada, de transcrevê-los com precisão, de construí-los como casos. Por certo, algumas entrevistas aprofundadas, isoladas, não bastam para uma dissertação de mestrado ou monografia de conclusão, muito menos para uma tese. Devem inserir-se num conjunto pertinente de dados etnográficos (dados de contextualização histórica e geográfica, dados estatísticos ligados a seu tema, observações diversas). É então que poderá selecionar entrevistas mais interessantes para sua pesquisa, sobre as quais concentrará seu trabalho de interpretação.

As virtudes da entrevista aprofundada

Por que um pesquisado aceita passar duas ou três horas falando (por vezes com paixão) com um pesquisador? Por que essa relação de duas pessoas de início estranhas uma para a outra é, muitas vezes, marcante, às vezes intensa (risos de bom humor ou de raiva, emoção contida, lágrimas não são raras)? Ao contrário do questionário – que padroniza as respostas e neutraliza a relação de pesquisa e os “ruídos” da comunicação entre indivíduos, por causa da lei dos grandes números – a entrevista etnográfica tem como motor essa relação social particular que é a relação pesquisador/pesquisado.

É preciso, pois, que lhe preste grande atenção. A “alquimia” da entrevista etnográfica depende tanto da relação entrevistador/entrevistado quanto do saber fazer (habilidade) do entrevistador.

A entrevista etnográfica diferentemente de outras entrevistas mais institucionalizadas (cf. Encarte 35) é uma situação, somando tudo, inédita da vida social, pois desconhecidos (ou quase) se encontram, falam-se (por longo tempo), depois separam-se sem, na maior parte das vezes, se rever. Por ser único esse encontro, os pesquisados tendem a querer lhe dizer muito no tempo que lhe é dado. O pesquisador é fundamentalmente estranho ao meio pesquisado (mesmo que você fique por muito tempo no lugar, um dia irá embora), mas é essa estranheza que pode ser destacadamente produtiva na relação de entrevista. De fato, você está fora da vida social do pesquisado, não está metido em suas questões familiares, de trabalho, de vizinhança, de política e, por isso, portanto está em uma posição objetiva favorável para receber suas “confidências”. Não se espante, pois, se o entrevistado lhe revelar aspectos de sua própria existência que podem, por vezes, ser desconhecidos dos próximos dele. Quantas vezes o pesquisador escuta

da parte do entrevistado, após uma entrevista: “Jamais imaginei dizer tanto” ou “isso só falei a você”. É um efeito de posição que tem que aproveitar.

Você pode fazer uma verificação experimental “ao contrário” das virtudes da estranheza na entrevista aprofundada, fazendo entrevista com seus próximos, membros de sua família ou amigos. É a situação que parece ideal para os estudantes do Deug, pois os contatos são fáceis de se estabelecerem, as pessoas fazem isso “para ajudá-lo”. Ora, quando você começa a entrevista, você vê surgir um mal-estar que tem poucas chances de se dissipar a seguir. De fato, você sabe coisas demais sobre seu interlocutor. Este não se dará ao trabalho de desenvolver pontos que você já conhece. Você nunca será surpreendido nem ficará espantado durante a entrevista. Mais grave ainda, nunca se obrigará a exigir mais precisões a seu entrevistado, a lhe *fazer explicitar* seus propósitos. Esse tipo de entrevista que contém implícitos demais está largamente votado ao fracasso. O mesmo processo produz-se no caso de uma entrevista com um “informante”.

Encarte 34

A entrevista como forma de “institucionalização do Eu”

A entrevista, hoje em dia, faz parte de um conjunto de dispositivos mais ou menos psicologizados postos em prática em diferentes tipos de instituição (hospitais, prisões, escolas, recolocação de emprego) para “escutar” e “fazer as pessoas falarem”. “Pelo viés de estruturas de ofertas variadas, os agentes sociais são progressivamente convidados a elaborar narrativas autobiográficas psicologizadas, sociologizadas ou historicizadas” (Pudal [75]). Hoje são numerosas as instâncias de “restauração” ou de “reparação” do Eu, notadamente no universo da televisão comercial e do rádio (como, por exemplo, as célebres emissões de Mérie Grégoire e Françoise Dolto), mas também cada vez mais no contexto de falta de empregos em que os pretendentes a um emprego são obrigados a “se venderem”; por exemplo, fazer currículos vitae é dar uma imagem de si apresentável, construir uma identidade aceitável. Essas diferentes formas doravante institucionalizadas de apresentação do Eu têm efeitos (diretos ou indiretos) sobre a maneira como os pesquisados vão se apresentar a você e como você irá percebê-los. Como para a observação, as categorias de percepção do pesquisador não são magicamente anuladas pela técnica da entrevista. O instrumento não é neutro, a maneira como você vê, num primeiro instante, as pessoas que se lhe apresentam, é importante.

Encarte 35

Do informante ao entrevistado: riscos da entrevista com um “aliado”.

Como gerir a relação já instituída com um de seus aliados ou informantes? Regra geral, a relação foi constituída mas não deu lugar a entrevistas formais, oficiais. Ele lhe deu nomes, conselhos, ajudou-o a fazer sua pesquisa. No mais das vezes é inútil passar ao estágio da entrevista com ele porque isso pode “quebrar” sua relação de trabalho. Pode ser que ele não compreenda e geralmente a entrevista suscite mal-estar para os dois lados, mas sobretudo para o informante. Quando tudo ia bem, as coisas param. Por quê? Porque você se tornou muito próximo e a entrevista supõe uma relação à distância. Solução: é inútil fazer entrevista quando basta ter às mãos seu diário de campo para objetivar a relação sociólogo-etnólogo/informante.

Conselhos

Preste muita atenção à maneira como se constituiu a relação pesquisador/pesquisado; anote escrupulosamente em seu diário:

- as primeiras trocas essenciais;
- o modo de apresentação do objetivo da pesquisa, tão importante ou mais quanto o modo de auto-apresentação do pesquisador;
- a maneira como se definiu a situação de entrevista e sua evolução (“dinâmica de entrevista”);
- a maneira como a relação evoluiu ao longo do tempo;
- o lugar e o momento da pesquisa.

São esses elementos que lhe permitirão, mais tarde, analisar a relação de pesquisa.

A situação de entrevista como contexto de observação

A entrevista etnográfica oferece uma rica matéria à observação. Suas notas de observação, que deve escrever com calma logo após a entrevista, são tão importantes quanto a fita gravada. Anote o que o impressionou na sua apresentação ao entrevistado, a “decoração” (salão, cozinha, escritório, outro lugar de trabalho), as relações criadas nessa ocasião, com outras pessoas presentes no lugar (membros da família, amigos, colegas de trabalho). Com isso evitará fundamentar a interpretação da entrevista só sobre a sua transcrição. As observações dos lugares e das pessoas feitas em situação de entrevista propõem elementos preciosos de análise.

Exemplo 1

Quando das entrevistas com pais trabalhadores realizadas em seu domicílio (apartamentos populares num bairro classificado como zona sensível) sobre a escolaridade de seus filhos, a observação dos lugares mostrava bem como os habitantes desses imóveis deteriorados, eternamente prometidos à reabilitação, tentavam, por meio de modificações no interior dos apartamentos, mantê-los à distância das condições exteriores do “conjunto habitacional” (“a podridão” do mundo exterior); a limpeza dos apartamentos contrastava com a sujeira do vão da escada; o aspecto novo dos papéis de parede, com a pintura descascada e os revestimentos da parede caindo no corredor, o barulhinho do filete de água correndo da fonte em miniatura instalada na entrada do salão com a estridência dos gritos das crianças no exterior. Tudo é feito para recriar, no interior, a partir da passagem pelo vão da porta, um mundo silencioso, calmo, pacífico. As entrevistas confirmavam esses dados da observação, impressão sentida pelos pais (franceses e imigrantes) de serem prisioneiros do bairro e de sua preocupação constante em proteger seus filhos da influência deletéria que (o bairro) pode ter sobre eles.

Exemplo 2

Quando de uma pesquisa sobre o mesmo tema num vilarejo da Borgonha, houve um encontro, intermediado por uma funcionária dos correios do bairro, com um casal

ocupando um apartamento em um conjunto habitacional popular (o pai de 35 anos e operário de manutenção; a mãe trabalha no lar; eles têm cinco filhos entre um e 12 anos). Quando nos dirigimos a seu domicílio um sábado de manhã, uma criança de dez anos responde-nos pela porta fechada que seus pais estão fora e que devemos vir logo após o meio-dia. Ao voltarmos às 14 horas, a criança que nos observou pela fresta grita com alegria para seus pais: “São os estudantes! São os estudantes!” O momento é importante. Estávamos sendo esperados e o café nos foi servido de imediato. A família toda estava reunida em torno dos dois estudantes. Como a entrevista se prolonga, a ida (ao supermercado) do sábado após o meio-dia vai ser retardada em duas horas. A entrevista acontece na sala de jantar, em torno da mesa, com o pai e a mãe frente a frente, as quatro crianças em torno dos pais (sobre seus joelhos ou em pé) participando por vezes da conversa e trazendo, cada qual à sua vez, seus cadernos ou livros quando seus pais lhes pediam. A entrevista encerra-se com a visita guiada ao apartamento, apresentando-nos o quarto dos brinquedos das crianças, de um lado, e o das camas de dormir, dois beliches no mesmo quarto. A situação de entrevista resume em si a intensidade da inquietação escolar desses pais (cf. capítulo 1)

Conselho

Observe sempre os diferentes fatos que acontecem no local da entrevista. A análise detalhada de contexto de uma entrevista – das dificuldades do contato inicial por telefone, o relato das diferentes fases do desenrolar da entrevista, passando pela observação das atitudes, mímicas, barulhos tanto no intercâmbio face a face quanto fora da cena mesma da entrevista – dá todo seu sentido aos propósitos mantidos pelos pesquisadores (Pialoux [78b]).

Solicitar uma entrevista

Inicialmente, a quem pedir entrevistas? Como lhes pedir?

De acordo com os momentos da pesquisa

Não se deve pedir uma entrevista ao acaso e a qualquer um. No campo, sem cessar e muitas vezes sem saber, fazem-se “escolhas”. Você está submetido a um limite de tempo. Não procure entrevistar todo mundo, aprenda a escolher pessoas que lhe pareçam interessantes para sua pesquisa e a fazer entrevistas no tempo adequado (cf. Encarte 36).

No início de sua pesquisa, você não tem muita escolha, comece, ao sabor das circunstâncias, com as entrevistas “institucionais”, porta-vozes, pessoas habilitadas para responder a jornalistas ou sociólogos. Sua margem de ação é limitada; pergunte-se simplesmente se esses entrevistados mostraram-se “bons informantes” sobre seu tema de pesquisa. Se são, não hesite em fazer novas entrevistas com eles e em travar uma relação privilegiada de pesquisa (dar-lhe-ão nomes, contatos, pessoas a procurar). Se não forem bons informantes, não insista; continue todavia a manter relações de cortesia e polidez com eles.

Conselhos

Faça funcionar o princípio de arborescência como no caso dos primeiros contatos. Ao final de cada entrevista, uma vez desligado o gravador, no momento de se separar do entrevistado, pergunte-lhe se não conheceria alguém que pudesse entrevistar. A pessoa viu que a entrevista foi boa e quer ajudá-lo, vai querer fazer o papel de intermediário. Após algumas semanas de pesquisa intensiva, terá muitas pessoas a ver.

Ser-lhe-á preciso, talvez, renunciar a certas entrevistas, cortar alguns “galhos” menos “interessantes” de sua árvore de entrevistas (cf. Encarte 36).

Encarte 36

Faça suas entrevistas no momento chegado da pesquisa

Você fará entrevistas de duração e natureza diferentes conforme as fases da pesquisa. Jamais fará uma entrevista muito boa logo da primeira vez. Aprenderá fazendo. As primeiras entrevistas são exploratórias; você tentará destacar temas, pontos de ligação para as entrevistas. Tateará o campo. Aprenderá a situar-se no meio pesquisado. Lançará balões de ensaio. Identificará os traços pertinentes de uma questão. Anotará os temas recorrentes na fala dos pesquisados, aqueles que os levam a falar, que despertam o desejo de discutir por mais tempo (e com prazer) com você. Aprende um certo número de dados estreitamente ligados a seu campo que utilizará posteriormente. Uma vez realizadas essas entrevistas, tome tempo para analisá-las, tome notas, escreva seus primeiros resultados em seu diário de pesquisa. *Em seguida*, pode afinar seu questionamento, utilizar temas de entrevista que falam a seus pesquisados porque os remetem as suas experiências de vida. Nesse ponto, será levado a realizar entrevistas mais longas, mais densas porque mais amadurecidas. É a fase da elaboração de sua problemática. Enfim, você procede, ao final de sua pesquisa, a entrevistas de verificação no decorrer das quais será levado, quase sistematicamente, a testar suas hipóteses de pesquisa com seus diferentes entrevistados.

Após haver efetuado suas primeiras entrevistas, dê uma pausa, reflita sobre aquilo que conseguiu. Terá interesse, então, em definir com mais precisão as pessoas que gostará de entrevistar. Corre o risco de perceber que entrevistou pessoas pertencentes ao mesmo grupo (associação, sindicato, clã familiar, unidade de residência, campo político, setor de trabalho). Tente, então, diversificar suas fontes, ampliar a paleta de seus pesquisados. Pode passar pelos primeiros, explicando-lhes que, por necessidades da pesquisa, gostaria de encontrar-se com beltrano ou sicrano (que talvez não esteja do mesmo lado que elas). É, como sempre, apoiando-se sobre seus contatos, seus aliados, que conseguirá ultrapassar seu primeiro ciclo de pesquisados. Saiba, entretanto, que essa diversificação nem sempre é possível. As clivagens, os conflitos, os antagonismos no meio pesquisado fazem com que você mesmo, enquanto pesquisador, seja pego por essas lutas. Dificilmente poderá penetrar nos outros grupos rivais de seu grupo “aliado”. Evite usar a força pedindo, por todos os meios, entrevistas a indivíduos que o vêem como pertencente ao outro lado. Faça suas entrevistas no meio em que está implantado e aceito.

5. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica 13

Exemplo

Michel Pialoux e Stéphane Beaud trabalham há vários anos com os “trabalhadores Peugeot” da região de Sochaux-Montbéliard. As relações de pesquisa foram estabelecidas, de início (pelo primeiro), com um OS (operário) da fábrica de Sochaux, militante CGT, e, a seguir, ampliaram-se, notadamente graças a ele e ao conjunto de rede militante (principalmente CGT). Essa inscrição numa parte do meio operário local (os operários “antipeugeotistas”) por um lado fez avançar com velocidade e de forma duradoura a pesquisa e, por outro, nos separou de outros operários, notadamente os “peugeotistas”. Tais cisões não são irremediáveis. Estando presentes há muito no campo fomos levados, ao acaso das circunstâncias, a encontrar operários do segundo tipo e a fazer entrevistas com eles; por exemplo, no momento da greve dos OS (operários) da carroceria, encontramos um trabalhador seduzido pelos círculos de qualidade ou, na agência local do emprego, com jovens temporários hostis aos “velhos” OS (operários) locais e à sua maneira “peugeotistas”. Essas entrevistas diferentes fazem ver um outro ponto de vista que o pesquisador tende a esquecer por estar preso na rede, em suas alianças. Nada é rígido numa pesquisa. É sobretudo multiplicando os ângulos de observação, os lugares de pesquisa, que se pode diversificar sua gama de entrevista.

Quem interrogar?

Como escolher entrevistados cujo testemunho lhe seja mais útil? Claro que isso não está escrito na testa, mas ao avançar na pesquisa pode conduzir um “trabalho” de balizamento dos pesquisados a entrevistar notadamente a partir das informações recolhidas junto a seus informantes ou quando de discussões informais. Para que essa seleção de entrevistados possa ser feita é preciso que já tenha progredido um pouco em sua pesquisa e que tenha “fixado” sua perspectiva de busca. Ao contrário, pode também acontecer de ser “escolhido” pelos entrevistados, alguns fazendo de tudo para ser entrevistados. Tente, todavia, evitar os importunos (o que nem sempre é fácil, mas saiba que existem), isto é, aqueles que você pressente que serão “tagarelas”, mas não farão avançar a pesquisa e, sim, a travarão.

Conselhos

Para localizar possíveis “bons informantes” leve em conta sua posição no meio. Se, por exemplo, quer trabalhar com o estresse nas novas empresas competitivas que adotaram o modelo americano de gestão, não vá procurar pela diretora de recursos humanos (a DRH). Há fortes chances de ela lhe contar o que achará nos jornais de empresa, nos manuais de “gestão de recursos humanos” ou em *Le Monde-Initiatives*. É melhor ir entrevistar a enfermeira da empresa que está bem posicionada para medir o estresse dos empregados. Da mesma forma, para falar de violência na escola é melhor ir ver direto com o CPE (Conselheiro Principal de Educação) que lhe contará histórias bem escolhidas, melhor que o diretor. Por conta de sua posição, este tenderá a suavizar e minimizar os problemas. Privilegie as entrevistas com pessoas bem colocadas para lhe fazer ver o outro lado do cenário e/ou que são observadores “profissionais”.

Sempre nos bastidores ou à distância eles vêem melhor que os que estão no meio da cena.

Estabelecer um pacto de entrevista

Ao solicitar uma “entrevista” junto a seus pesquisados você lhes faz uma proposta pouco habitual para a maioria deles. A visão que eles têm *a priori* da entrevista nem sempre é clara. Eles tendem a compará-la a práticas que lhes são mais familiares como sondagem, questionário, entrevista de emprego, entrevista de avaliação, “testemunha” de polícia ou judicial.

É bem uma das particularidades da maioria das técnicas sociológicas ser, como o diz Jean Peneff, “prolongamentos ou modelos emprestados das atividades ordinárias da vida social (entrevistas jornalísticas, questionários administrativos). Só sua adaptação a novos interesses intelectuais é original” [74]. “Fazer uma entrevista”, isso equivale muitas vezes para os pesquisados a responder a um “pequeno questionário” de forma breve e superficial. O essencial, num primeiro momento, é que isso não exige muito tempo (“quanto tempo você tem?” Um quarto de hora, isso dá?) de implicação. Seu primeiro trabalho, pode-se dizer, é convencê-los do contrário, deixe-lhes claro que não fará uma sondagem nem os fará preencher questionário: você quer “conversar” com eles e também abordar questões que os tocam de perto (o trabalho, o alojamento, seus filhos, seus lazeres). Especialmente, apresente-lhes sua pesquisa como algo muito *sério*. Mostre-lhes que faz um [verdadeiro] “trabalho”, que não é uma atividade lúdica ou gratuita (há conseqüências, uma avaliação, relatórios de pesquisa).

Ser-lhe-á sempre útil diferenciar-se do trabalho dos jornalistas, não para os criticar, mas para mostrar bem a seus futuros entrevistados que faz um trabalho diferente, mais longo, mais aprofundado, “científico”.

As respostas à sua demanda de entrevista variam segundo as posições dos pesquisados. Solicitar uma entrevista com alguém da direção (chefe de empresa, “diretor” de algo, um delegado sindical presidente de associação) é um passo com boas chances de acontecer num prazo mais ou menos longo, pois faz parte de sua posição conceder entrevistas. Mas tais aceitações fáceis não presumem interesse da entrevista obtida. Em compensação, pedir uma entrevista não quer dizer nada nos meios populares ou, então, é alguma coisa que aparece como solene e quase como o exame escolar.

Conselhos

Apóie-se sobre as diferentes formas de sua presença no campo para solicitar e negociar uma entrevista. Por exemplo, na ocasião de um encontro fortuito com um pesquisado (no café, num local de associação, na quadra de esporte, na casa de alguém, em casa de um de seus aliados de pesquisa) este se põe a falar de coisas que interessam diretamente a seu tema de pesquisa. Num primeiro momento, uma situação de observação banal; você o escuta, continua o intercâmbio, enceta uma “discussão” e, agindo assim, mostra-lhe, com pequenas intervenções, que conhece muito bem o assunto. Não tem interesse em levar adiante a troca para não perder informações não registradas; diga-lhe que “tudo lhe interessa muito”, que “isso corresponde totalmente a seu trabalho em andamento”, etc. Não hesite em valorizar os propósitos de seu interlocutor, em acentuar o interesse que eles suscitam para você. Pode, então, solicitar mais facilmente dessa pessoa uma longa entrevista. Na formulação do pedido não é preciso falar em “entrevista”; pode dizer simplesmente “Eu gostaria de falar de novo com o(a) senhor(a) longamente. Será que não te-

...ia um pouco de tempo para falarmós mais calmamente em outro lugar, em sua casa? Em geral, se preparou bem seu pedido, "isso funciona", notadamente porque houve uma sintonia de sua parte, soube mostrar seu interesse pelos propósitos ouvidos e/ou seu relativo conhecimento do assunto. É claro que essa regra tem exceções; por exemplo, se você sabe que não pode esperar para solicitar a entrevista, que amanhã será tarde demais, você deve aproveitar a ocasião e fazer uma entrevista de imediato (se, como lhe aconselhamos, tiver seu gravador a tira-colo em sua mochila).

Por vezes é levado a *explicitar* as condições materiais da entrevista. Mas nesse estágio do processo, não diga de antemão que vai gravar, pois isso pode espantar sem necessidade. Nessa fase preparatória para a entrevista gravada deve propor, segundo seu estilo, o que se chama de *pacto de entrevista*, aos pesquisados: um tipo de contrato em que os objetivos da entrevista são mais ou menos claramente definidos e os papéis das duas partes relativamente fixados.

Resumamos: não seja brusco com as coisas, prepare a entrevista. O ideal é que o pedido de entrevista se faça na continuidade de uma troca porque, assim, a entrevista se fará como uma espécie de prolongamento da discussão iniciada.

Mais uma vez, tudo é questão de contexto; nenhuma regra é imperativo em si. Sem cessar, deve *adaptar os conselhos* que lhe dão na situação particular de seu próprio campo.

As recusas de entrevista

Os conselhos precedentes visam simplesmente aumentar suas chances de conseguir entrevistas ou de minimizar suas "gafes" (de qualquer jeito as cometerá). O essencial se dá todavia no momento da demanda da entrevista. Terá tanto mais chances de obter entrevistas quanto melhor tiver preparado sua pesquisa e criado uma rede de "aliados". As entrevistas que lhe são negadas são, antes de tudo, por razões objetivas:

- a posição social dos pesquisados; sentimento muito forte de desvalorização social (para desempregados ou RMIstes - aqueles que recebem a renda mínima de inserção), uma conjuntura difícil (para um patrão, um homem político) ou uma posição institucional crítica ou muito exposta;
- a percepção de sua pesquisa, os efeitos que pode ter na vida profissional, doméstica do pesquisado;
- a percepção de sua inscrição no meio pesquisado.

Todos os pesquisados não são entrevistáveis. Há condições sociais para essa tomada de palavra particular que é a entrevista aprofundada. Pode-se diferenciar dois casos de figura:

- pesquisados que têm "algo a ocultar", que desconfiam de todo olhar exterior, ou mais exatamente de toda forma de pesquisa; temem sempre que seus propósitos sejam gravados e utilizados contra eles para provar, entre outros exemplos, que trabalham "no mercado negro", que recebem indevidamente aluguéis, que não declaram todos os seus rendimentos para o fisco ou que têm as mãos molhadas por "propinas"; a recusa de entrevista quase não surpreende nesse caso. A solução consiste, então, em conduzir um trabalho de observação participante;

- pesquisados que não se sentem “legítimos” o bastante para enfrentar um gravador, que não se sentem à altura para discutir com você. Mesmo que você pense não ser alguém importante, você se impõe forçosamente a pessoas “em dificuldade” como se diz pudicamente. A recusa de entrevista, muitas vezes para evitar o pesquisador pode ser simplesmente uma maneira de proteger-se de um olhar percebido como de desprezo ou complacente. O silêncio pode ser também um jeito de reivindicar sua dignidade social, de resistir à pesquisa e é também uma das últimas maneiras de “defender-se”. Não insista demais para ter sua entrevista (de SDF-sem teto, de RMIste), isso seria fora de propósito...

Encarte 37

Entrevistas que se encadeiam

Daremos aqui um exemplo de uma pesquisa utilizando entrevista que avançou rápido e bem. Tinha como objeto o estudo da mobilização escolar dos pais de alunos de um escola de ensino fundamental e médio privada situada no centro histórico de uma cidade média da região parisiense. O primeiro passo foi consultar a lista das associações do município disponível na prefeitura. Ali figurava o nome da associação de pais de alunos e os nomes e números de telefone de seus dois responsáveis. Uma delas é contatada e aceita sem hesitar o princípio da pesquisa. A seguir aponta-nos para outras pessoas que poderiam estar interessadas. A cada entrevistado pergunta-se se não conhece outra pessoa disposta a receber-nos e a prestar-se ao jogo da entrevista. Nesse ínterim as pessoas solicitadas telefonam para os primeiros entrevistados; a informação circula rápido no grupo de interconhecimento. E uma vez a mecânica engatada, a confiança conquistada, cria-se a cadeia dos entrevistados e tudo se passa como se todo mundo quisesse ser interrogado. Se o princípio da arborescência funcionou tão bem é porque estamos evoluindo num meio de forte interconhecimento (famílias mobilizadas, numerosas ocasiões de encontros no ano). A pesquisa é interessante, as entrevistas não são idênticas, pois entrevistamos pessoas de *status* social diferente que fizeram aparecer as diferentes razões da escolha da escola particular.

Conselhos

Não interprete só como “fracassos” essas recusas de entrevistas. Por um lado podem ser provisórias, pois, se souber ser paciente, uma outra conjuntura de pesquisa pode apresentar-se como favorável. Por outro lado, tais recusas são sempre instrutivas sob a condição de que reserve tempo para analisar as razões. No calor da recusa, você não tem de imediato a chave da interpretação, mas progredindo em sua pesquisa tê-la-á. Poderá, também, ter a ajuda de seus aliados para compreender o porquê de fulano, sicrano ter-se recusado a falar com você em dado momento.

Poderá também decidir-se, graças a essas recusas, a trabalhar por observação (cf. Encarte 38).

Negociar as condições de realização de uma entrevista

Uma vez obtido o acordo de princípio, deve negociar as condições da entrevista como um encontro, um lugar apropriado e um horário compatível com as limitações das duas partes. Não despreze essas questões materiais, pois condicionam a possibilidade de realizar uma entrevista aprofundada e são, também, elementos constitutivos da relação de pesquisa. Precisa aprender a negociar os termos dela com os pesquisados. Quando se é iniciante no ofício, não se ousa fazê-lo, deixa-se muitas vezes que as condições sejam impostas de fora.

Encarte 38

De recusa em recusa de entrevista

Instalado durante um mês de verão num bairro de habitações populares de Sochaux-Montbéliard, Stéphane Beaud desejava entrevistar jovens desempregados no vilarejo em que residia. Percebeu logo que tal entrevista estava destinada ao fracasso. Os contatos travados não chegavam a termo, as promessas de entrevistas não se mantinham. Três semanas após o início da instalação no campo não havia nunca nenhum resultado concreto, nenhuma “boa” entrevista gravada. Ao mesmo tempo, o grupo era fechado, não havia lugar aberto, o trabalho por observação era dificilmente realizável nesse período do ano e no prazo combinado. O que era chocante era a frequência de encontros marcados e não realizados (os “bolos” dados ao pesquisador). No cara a cara, com os amigos de lado, o princípio da entrevista é facilmente aceito (“Uau, uau, não há problema” “Quando quiser!”). Mas quando as situações permitem escapar da entrevista, os entrevistados o fazem, não vêm ao encontro e se você cruza os caminhos com eles no dia ou no dia seguinte inventam uma “desculpa” que você tem que aceitar de bom grado.

Lições

- Esses jovens desempregados se esquivam da entrevista porque é preciso sentir-se forte o bastante, ter segurança (reconhecimento, legitimidade) para aceitar uma entrevista.
- Para evitar essas “rateadas” de pesquisa (que devem ser integradas à pesquisa) habitue-se a fazer entrevistas na hora em que haja a possibilidade. Ou, então, contorne a dificuldade procurando um outro ângulo de ataque, por exemplo, trabalhando por observação participante. É o que S.B. acabou fazendo ao colaborar com conselheiros da agência local do emprego e conduzindo principalmente um trabalho de observação (BEAUD [67]).

Negociar o horário e a duração da entrevista

Evite assumir encontros muito distantes no tempo. Proponha data bem próxima do momento em que a fixar. Se as duas datas forem espaçadas demais, combine que dará um telefonema na véspera do encontro. Isso lhe evitará o contratempo de estar sozinho no encontro.

A questão da duração da entrevista é a mais importante. Disponha, *a priori*, de uma janela suficientemente longa (uma hora, uma hora e meia). De um lado, é uma condi-

ção indispensável para conduzir a entrevista com quietude de espírito sem ter que precipitar as coisas ou atropelar seu interlocutor. De outro lado, a inscrição da entrevista num tempo longo permite-lhe assumir um ritmo de cruzeiro, conhecer correntes.

Graças a essa duração, poderá explorar diversas pistas e diminuir progressivamente o nível de "censura" do entrevistado. Em um clima de confiança este tem chances de precaver-se menos e de "baixar sua guarda".

Um dos atributos essenciais do poder social é o poder sobre o tempo, isto é, o poder de dispor de seu tempo e do tempo dos outros, notadamente o de fazer esperar. As entrevistas com os dominantes (patrões, direção, homens políticos, eleitos locais, responsáveis por associações) são mais difíceis de negociar especialmente se não puder exibir uma legitimidade de sociólogo diplomado. Essas pessoas reservar-lhe-ão um espaço pequeno em seu uso do tempo tão carregado que você terá que encaixar uma entrevista entre dois encontros em pouco tempo ("uma meia hora, isso lhe basta?"). Será muitas vezes interrompido pelo telefone, pelos colaboradores dele. A entrevista lhe servirá melhor como ocasião de observação.

Para realizar uma boa entrevista é melhor poder discutir com calma e dispor de tempo (cf. Encarte 39). O mais frustrante é quando sabe que a entrevista deve terminar em hora fixa, por exemplo uma hora após o início por causa de um encontro de seu interlocutor ou porque você mesmo fixou outro compromisso. É claro que não pode impor horário e duração a seus pesquisados. É preciso que encare com eles outras possibilidades.

Conselhos

Não peça, logo de cara, uma entrevista de duas horas, nem de meia hora. É demais ou de menos. Saiba que a entrevista prevista para durar uma hora pode prolongar-se além do previsto. O pesquisado presta-se ao jogo e prolonga-se naturalmente. Não faça entrevistas na correria ou como quem vai tirar o pai da força (meia hora) sob pretexto de que eles não têm tempo. Recuse a solução de entrevistas expressas. Tente convencê-los a dedicarem mais tempo, discutam juntos as soluções alternativas. Evite dois encontros seguidos pela manhã ou à tarde. Preveja um "tempo livre" após a entrevista (por exemplo, a manhã toda ou a tarde toda).

Escolher o lugar da entrevista

Nisso também você não é totalmente dono da situação. Muitas vezes é constrangido a "aceitar o possível". Nada, no entanto, lhe impede que tente uma melhor solução. Os objetivos são simples mesmo que nem sempre seja fácil cumpri-los. É preciso um lugar:

- sem barulho demais para gravar de forma que fique audível;
- sem olhares exteriores e curiosos demais (o gravador sempre desperta certa curiosidade);
- onde se possa falar sem medo de ser ouvido por ouvidos indiscretos.

Encarte 39**Prever tempo para uma entrevista...**

Tomemos o exemplo de uma entrevista realizada com um professor numa escola de ensino médio na periferia parisiense por uma estudante e Stéphane Beaud. A entrevista acontece numa sala de reunião da escola e tem início às 8:30h. Em meio à entrevista sabemos que temos que parar às 10:15h (hora do início do curso de nosso interlocutor). A entrevista começa lentamente, bem mal, pois o professor não se sente à vontade, olhando toda hora para o gravador. Há alguma dificuldade em deixá-lo à vontade num clima de confiança. Pouco a pouco ela se instala, as resistências cedem e aceita falar de diferentes histórias que lhe parecem ilustrar a degradação do estabelecimento no qual leciona há quinze anos. O fato de os alunos serem maiores e virem de carro à escola (repetentes ou “maus” alunos a seus olhos) podem ter acesso ao estabelecimento interno do colégio com o mesmo direito que os professores deixa-o escandalizado. É o sinal de incapacidade do sistema escolar atual de fazer respeitarem-se as regras elementares e de, tempos em tempos, colocar em seus devidos lugares alunos que se vêem como titulares de direitos e pouco responsáveis por deveres. Ora, é neste momento que a entrevista “deslança” – é a primeira vez que ele se põe a falar de si mesmo não mais como simples professor, mas, também, de sua família (seus parentes), de seus estudos passados; bem nessa hora é obrigado pelo horário a interromper a entrevista. Ele, aliás, gostaria de continuar, pois já aceitara o jogo e havia até “engolido” uns dez minutos de seu curso para falar-nos. Se tivéssemos disponíveis de duas ou três horas, a entrevista teria sido um grande sucesso... Aquilo não passou de uma amostra e era difícil pedir-lhe outra entrevista.

Lição

Sempre reservar-se tempo, pois nunca se sabe de antemão como vai se desenrolar uma entrevista.

Conselhos

Se fizer, em paralelo, um trabalho de observação participante numa instituição será mais simples fazer suas entrevistas no próprio local de sua pesquisa. Esforce-se ao máximo, porém, para encontrar um local tranquilo, onde não será atrapalhado, para fazer suas entrevistas. Se não for possível, peça sempre a seus pesquisados, na medida do possível, para entrevistá-los em suas casas, onde poderá associar o trabalho de entrevistas e de observação (da decoração, dos objetos, das fotos). Isso lhe possibilita incluir outros assuntos de discussão e permite também ao pesquisado falar mais livremente em controle. Fala-se diferente no trabalho ou em casa.

Entrevistas etnográficas e meios sociais

Certos pesquisados (de meios populares) não se sentem à altura do exercício proposto; outros (de classes superiores) desconfiam do processo de objetivação sociológica como redutora e por vezes indiscreta.

- Pesquisar em meio burguês lembra ao sociólogo, muitas vezes, visto como intelectual de nível social inferior, submeter-se a um exame de passagem. Percepção mais atuada ainda se for um jovem estudante de “sociologia”.

Você terá que fazer suas provas de correção e de postura (Pinçon [46]). Em certos meios profissionais (alta administração, patronato) é preciso poder “impor-se aos que se impõem” (H. Chamboredon et al. [72]). Quando estes últimos se impõem demais mormente quando lidam com estudantes iniciantes no ofício e não deixam de mostrar sua posição dominante, o poder de objetivação da entrevista é menor, um trabalho por observação participante pode ser mais rentável.

- Se fizer entrevistas com pessoas das *classes populares* o obstáculo mais comum de encontrar é o mal-estar ligado a certa distância cultural e social. O que diz Jean Peneff a propósito de entrevista biográfica vale, também, ao que nos parece, para os outros tipos de entrevista: “As condições ordinárias da entrevista biográfica manifestam a diferença de classe e carregam a marca do etnocentrismo; propõe-se aos operários, aos camponeses, um estilo de conversa próximo da troca intelectual, mas distante de suas práticas (sentados no salão cara a cara com o gravador). O conteúdo da demanda de falar sobre “sua vida” em troca de um pouco de consideração simbólica por parte do intelectual torna a entrevista ainda mais sensível aos artifícios de uma relação superficial entre desconhecidos. O desconforto moral em que se encontra o sociólogo inclina-o a endossar uma atitude passiva, complacente ou falsamente cúmplice.

Uma solução (que resolve alguns, mas não todos os problemas) é conduzir a entrevista biográfica o mais próximo das situações naturais de conversa no meio estudado. Realize entrevistas nos lugares em que os pesquisados se sintam como em casa. Para o militante operário, uma sala do espaço sindical (longe dos outros) ou um bar próximo da fábrica. Pode ser participando da vida da família, na cozinha, no jardim. Jean Peneff conta que numa pesquisa com operários da região de Nantes teve o cuidado de encontrar-se com seus interlocutores no “conjunto habitacional operário ou na saída dos canteiros navais, de bicicleta e limitando o uso ou a exibição de símbolos do trabalho intelectual como o gravador”.

Conselhos

Em entrevistas com responsáveis (altos funcionários, chefes de empresa) não vá para elas “derrotado”. Arme-se mentalmente: vista-se para a ocasião; prepare seu dossiê; venha à entrevista com seus documentos e não tenha dúvidas de exibi-los. Mostre em momentos da entrevista que sabe bem sua parte. Dê exemplos precisos, ilustre seus propósitos com fatos técnicos que mostram bem a seus interlocutores que você é competente. Enfrente-os, em seu próprio campo, com sua legitimidade e experiência, sempre mostrando uma cortesia firme.

Em entrevistas com dominados tente, com os meios que tem, lutar contra a imagem negativa que certos pesquisados podem ter de si mesmos e que os impede de se considerarem, num primeiro momento, como possíveis “bons” interlocutores³.

3. Eles lhe dirão: “Sabe, eu não tenho nada a dizer”. “Vá ver Fulano. Ele lhe informará melhor do que eu” ou “Falar assim, não é meu forte”, “Vamos tentar e verá no que vai dar e o que vai conseguir tirar”, e desde os primeiros momentos da entrevista o aviso “sou de meio modesto” etc. Essa auto-representação está ligada direto com sua experiência escolar (“Não estudei muito”, “Nunca fui muito bom na escola”) e disso só se livraram os porta-vozes das classes populares (eleitos políticos, delegados sindicais, militantes de associação).

Mostre-lhes que, se eles conhecem seu ofício, dirão coisas que nunca são ditas. Tranqüilize-os, também, sobre o sentido de seu trabalho. Ache palavras que lhes digam que você não é juiz nem examinador.

Os imprevistos da entrevista

Nem tudo em entrevista se passa como foi previsto, e os "imprevistos" merecem ser analisados. Por exemplo, acontece muitas vezes que uma entrevista que devia ser cara a cara se transforme, no dia, em entrevista coletiva. O pesquisado faz-se acompanhar por amigos ou colegas. Claro que "você a fará" e a realiza como se nada estivesse acontecendo. Em compensação é importante que reflita a seguir na situação da entrevista: por que esse número maior? Em geral é um indício de falta de segurança do pesquisado. Por exemplo, os jovens só aceitam a entrevista sob condição de ser "em bando".

Exemplo

Um estudante propõe-se, no quadro de um estágio de pesquisa de campo, estudar a sociabilidade da burguesia local de uma cidade média. Restringindo seu tema, inicia uma monografia do Lions Club e começa, sem muita dificuldade, uma série de entrevistas com os membros desse clube (essencialmente patrões, comerciantes, profissionais liberais, médicos, corretores, advogados). Procura contatar um "antigo" que será capaz de contar-lhe a história do clube. Um pesquisado lhe dará o nome e o número de telefone do membro mais antigo do clube, senhor G. ("em breve, quarenta anos de lionismo", declara ele com orgulho). Ao telefone, este último parece envaidecido por ser considerado o mais antigo do clube. Dois dias mais tarde mostra-se menos favorável à entrevista após ter-se informado com seus amigos "Lions" sobre a natureza dela. No dia do encontro em sua casa, mansão no centro da cidade, há três pessoas presentes: M.G., sua esposa e um outro membro do clube dez anos mais novo que ele. De fato, bem depressa, na entrevista é o mais jovem que monopolizará a palavra para grande satisfação do primeiro (não enunciada, mas bem percebida). A razão dessa retirada de M.G. nós a saberemos, no final da entrevista, lembrando sua história familiar. Ele é um homem bem-sucedido, filho de imigrantes italianos (seu pai tornara-se produtor de cogumelos na periferia próxima de Paris). Ele, mesmo após curtos estudos perturbados pela guerra, tornara-se recauchutador de pneus por ocasião da Liberação e, depois, um grande negociante. Mesmo tendo subido na escala social, nunca se sente à vontade quando se trata de falar em público ("não gostei nunca de falar muito", dir-nos-á confidencialmente ao final da entrevista). Para ele era vital não fazer a entrevista "sozinho" com os estudantes. Naquele ínterim pedira reforço a seu "amigo", também antigo diretor de sociedade e também de origem popular, mas bem mais falante e que gostava de "falar com os jovens".

Este último exemplo mostra bem o que torna singular a entrevista etnográfica sua inscrição num conjunto de relações sociais "já presentes", cujas condições de sua organização vêm revelar, se você prestar atenção a esse aspecto das coisas. Resta examinar a maneira pela qual a entrevista etnográfica deve ser conduzida para melhor ajustar-se às suas preocupações de pesquisa.

Conduzir uma entrevista

Não cremos haver receitas simples para conduzir uma entrevista. O problema não é também saber se deve propor boas questões para ter boas respostas. O essencial é ganhar a confiança do pesquisado, conseguir rapidamente compreender o que está sendo dito (a meia-palavra) e entrar (temporariamente) em seu universo (mental). Estes são os ingredientes que alimentarão mais seguramente a entrevista e que, idealmente, poderão então transformar-se em uma "discussão" instrutiva para ambas as partes. Para fazer bem esse exercício ser-lhe-á preciso livrar-se dos modelos de entrevista mais correntes (a *interview* jornalística ou a entrevista diretiva) que pode ter em mente. Corre o risco, de outra forma, de adotar a postura de questionador ou de utilizar inconscientemente "manhas" do ofício aprendidas com a escuta de entrevistas pelo rádio ou televisão. Contra seus hábitos de ouvintes ou de telespectador você aprenderá a converter-se progressivamente para outras maneiras de fazer mais atentas aos propósitos dos entrevistados. Terá que persuadir seus pesquisados que não têm que responder a questões (você os ouve, muitas vezes, dizerem quando começa a entrevista: "Devo responder às suas questões, não é?"). Com sua experiência, você tentará sugerir-lhes que se trata de trocar pontos de vista.

Ao realizar uma entrevista aprofundada, está fazendo um *verdadeiro trabalho sociológico*. Certas questões são hipóteses de pesquisa; outras, pequenos testes que você colocará para funcionar durante a pesquisa, isto é, pequenos raciocínios experimentais.

À medida que sua pesquisa for avançando, você progredirá na maneira de conduzir suas entrevistas e na elaboração de sua "problemática". Acabará por construir um questionamento de entrevista diretamente ajustado a seu objeto. A entrevista se aprende essencialmente pela prática. Mais você faz, mais discutirá com seu orientador, mais estará armado, sob condição, é claro, de respeitar alguns princípios básicos. Cometerá "erros" e até gafes que serão úteis se aprender a não dissimulá-los e a analisá-los.

Aqui, também, não lhe aconselhamos utilizar protocolos que restrinjam a entrevista e que são também meios de lutar contra sua angústia. Apóie-se sobre fatos objetivos extraídos de sua pesquisa e de suas leituras; confie em sua capacidade de fazer a pesquisa.

Desconfiar dos "roteiros de entrevistas"

Será necessário, como o aconselham os "manuais de metodologia", ter um roteiro de entrevista para conduzir as suas? Deverá elaborar uma lista completa de questões a

“propor” de forma imperativa a seus interlocutores? Examinemos, antes de responder, as vantagens e os inconvenientes do guia de entrevista.

Vantagens

Primo, dá segurança a certos pesquisados (cf. Encarte 40) e a você também; tê-lo-á sob os olhos em caso de “pânico”; sempre terá uma questão a propor; nunca estará “nu” diante do entrevistado. Permitir-lhe-á enfrentar de cara. É um remédio contra a angústia como muitos outros instrumentos de pesquisa. *Secundo*, terá a impressão de haver recolhido material conforme à sua problemática. *Tertio*, autoriza comparações sistemáticas entre entrevistas e legitima a concepção e valorização quantitativa das entrevistas.

Encarte 40

Guia de entrevista segundo os meios sociais

A utilidade do roteiro de entrevista varia segundo o tipo de relação pesquisador/pesquisado.

- Com pessoas possuidoras de capital social e cultural o roteiro pode servir de caução científica. Dar-lhe-á legitimidade e segurança. Seu trabalho parecerá sério, bem preparado; suas questões preparadas com antecedência darão peso a seu empreendimento. O *status* da entrevista fica enobrecido e tende a assemelhar-se com uma entrevista jornalística.

Com pesquisados em meios populares, o roteiro tende a oficializar ainda mais a situação de pesquisa, acentuando seu estilo de exame escolar. A relação de entrevista coloca-o no papel de mestre que coloca “suas” questões.

Por isso contribui para ressaltar sua posição social de pesquisador e para tornar mais difícil o trabalho de criar confiança no curso da entrevista. Para fazer “bem feito”, o entrevistado vai procurar ajustar-se, dando uma série de respostas breves e superficiais, esperando pelas futuras questões como preso pelas rédeas do “questionário”.

Inconvenientes

Você se julga obrigado a seguir e respeitar (mesmo de forma frouxa) uma ordem de questões. Não está inteiramente atento aos propósitos do pesquisado, não pode seguir de perto seu olhar, sua atitude, seus gestos. Ao invés de estar de verdade à escuta de seu interlocutor, está sempre preocupado com seu roteiro, inquieto por ver a ordem das questões perturbada pelas digressões do entrevistado que infringem o protocolo a seguir. Prisioneiro do seu roteiro, a todo o instante tenta enquadrar de novo sua entrevista para ajustá-la a seu questionamento pré-construído. Nessas condições, nenhuma hipótese nova sairá de suas entrevistas. Terá esterilizado por antecipação a fecundidade do instrumento de pesquisa.

Você reforça em seus interlocutores a idéia de que devem responder a um questionário pois coloca-os objetivamente na posição de “respondentes” a uma série de ques-

tões. Essa posição logo lhes parece enfadonha, como a mostram seus olhares furtivos e inquietos em direção ao roteiro (como querendo dizer faltam muitas questões ainda). Você tolhe toda possibilidade de o entrevistado encadear suas idéias e o impede também de "fluir segundo sua inclinação". Seu entrevistado, sabendo-se ouvido pela metade, se controlará mais e procurará sempre saber se está no assunto, se responde "bem". Ora, não existem boas respostas em entrevista aprofundada. O mais interessante é a forma do desenrolar-se da entrevista. A sucessão regulada de questões impede todo imprevisto, todo desencadeamento de uma dinâmica da entrevista.

O roteiro de entrevista o prende em seu tema. Diga a você mesmo que, propriamente falando, não há respostas fora do tema numa entrevista etnográfica. Deixe sempre a possibilidade ao entrevistado de ficar à deriva, de fazer digressões ou incursões em outros domínios que aquele que está sendo abordado como principal. Se o pesquisado lhe diz: "Aí me afastei", acalme-o e incentive-o a seguir nessa direção (se, é claro, julgar que vale a pena). Verá que tais digressões o levarão a compreender a maneira como estavam ligados os dois tipos de propósitos. As associações de idéias têm necessariamente sentido para o pesquisado e um sentido social a descobrir pelo pesquisador.

Não se agarre ao seu assunto ou tema de pesquisa. Se tiver a impressão de que o entrevistado se distancia espere um pouco para ver se não é interessante, não o chame logo à ordem (com fórmulas do tipo: "agora, retornemos ao assunto"). Se for muito restritivo no seu modo de conduzir a entrevista está limitando consideravelmente seu domínio de investigação, priva-se do recurso (vital no trabalho de interpretação) de fazer emergir questões conexas e relacioná-las. Como, por exemplo, trabalho e fora do trabalho; trabalho e política, consumação e "ethos" de classe etc.

Inútil, pois, deixar-se soterrar por um *roteiro de entrevista detalhado* (salvo se for preciso aparecer como sério), pois seu uso não corresponde ao espírito do trabalho etnográfico. Em compensação, pode anotar numa folha ou num caderninho os temas ou algumas questões precisas que quer abordar. Prepare-se mentalmente antes de fazer uma entrevista. De fato, realizar uma entrevista etnográfica nunca é um gesto qualquer. No momento de ir ao encontro, sempre sente-se um pouco de tensão porque não se sabe nunca como exatamente o encontro vai-se desenvolver. Pode haver imprevistos, mal-entendidos, problemas. Vão aqui breves sugestões para se preparar para o momento:

- Recapitule o que sabe de antemão sobre a pessoa que irá entrevistar, seu meio profissional, história e composição da família, modo de inserção na sociedade local; contatos estabelecidos com ela (por quem?) etc.

- Para preparar a entrevista propriamente dita leve um bloco de anotações. Fará suas primeiras entrevistas (aprofundadas) com esse caderninho à sua frente, no qual escreveu um pequeno número de temas a tratar. À medida que estes forem sendo abordados risque-os de sua lista. Quando já tiver efetuado algumas entrevistas, anote rapidamente os temas que sabe que "avançam" e risque os que não rendem nada. Adapte estes conselhos ao seu jeito de ser e ao grau de avanço em sua pesquisa. Alguns entre vocês serão tranquilizados por terem diante de si questões a propor e por poderem trabalhar temas já abordados e por ter a impressão de nada ter esquecido.

- Verifique se seu gravador funciona e se há fitas suficientes.

De qualquer jeito, não creia que existe um modelo único de entrevista. Os critérios de qualidade das entrevistas são variáveis. Pode fazer uma longa entrevista com um entrevistado muito afável, sorridente; volta muito feliz da entrevista e diz "essa foi muito boa". De fato, o entrevistado mostrou-se tagarela; mas não deixou, ao longo da entrevista, de representar um personagem à sua frente e não se abriu. No lado oposto, entrevistas que vão mal e das quais sai insatisfeito podem ser vistas como muito boas. Mesmo que se tenha atrapalhado, tenha cometido "gafes", tenha se mostrado intervencionista demais. As boas entrevistas estão menos ligadas a qualidades técnicas do que a sua própria capacidade de despertar - mesmo de forma desajeitada - a confiança de seus pesquisados. É essa relação de confiança que terá estabelecido que levará à coleta de um material suficientemente rico para ser interpretado.

Conselho

Não multiplique as entrevistas num dia. Realizar uma entrevista aprofundada é cansativo porque você terá que garantir a troca, estabelecer novas associações; estar atento aos propósitos de seu interlocutor. Tudo isso exige concentração. Verá que sairá esgotado após uma longa entrevista.

Registrar no gravador as entrevistas aprofundadas

É uma senha obrigatória. Não há boa entrevista aprofundada sem gravação. É condição essencial. Não há o que questionar. Cada vez que realizar uma entrevista aprofundada leve fazer de tudo para registrar, pronto a negociar ao máximo com seus entrevistados. Peça sempre autorização para gravar. A proibição de gravações clandestinas faz parte da metodologia da pesquisa etnográfica (cf. capítulo 1). Você não é detetive particular; não avança, mascarado, em sua pesquisa mesmo que possa acontecer de "ocultar seu jogo" em certas condições. Gravar às claras faz parte integrante do pacto de entrevista.

As razões para gravar

O gravador (Encarte 41) evita a tomada de notas febril quando tenta desesperadamente seguir todos os propósitos de seu interlocutor. Monopolizando sua atenção, essa tomada de notas o impedirá de estar livre na condução da entrevista. Você não estará totalmente presente na interação; não poderá dar os sinais não-verbais que facilitam a troca. A gravação é, então, mais que uma simples razão de conforto, pois condiciona a qualidade de sua escuta. Só a gravação permitir-lhe-á captar na íntegra e em todas as suas dimensões a palavra do entrevistado; ser-lhe-á possível, na seqüência, trabalhar em profundidade sua entrevista especialmente escutando várias vezes as fitas. Conserve-as por um tempo, pois é um precioso material de trabalho. Não as apague para economizar.

A título de exercício, compare duas entrevistas, uma gravada e outra não, constatando a diferença de volume, pois duas horas de gravação correspondem a mais ou menos 35 páginas de texto enquanto suas anotações raramente passarão de 15 páginas.

Diferença de retorno é imediato. A leitura das notas de entrevista, mesmo as manuscritas, dão a impressão de uma entrevista pontual desencarnada, na qual falta

tempero de uma entrevista: o tom, os silêncios, as hesitações, os risos; breve, a expressão dos sentimentos, enfim, os elementos essenciais para interpretar a entrevista.

Peça para gravar

Esta fase em que você pede a seu interlocutor para poder gravar é vista como delicada pelos pesquisadores iniciantes. Pode experimentar recusas de gravação. Gravando, você altera o estatuto da palavra do pesquisado; transforma uma palavra particular em pública (do entrevistado para você) potencialmente audível por outro; portanto explorável e citável (cf. o uso das fitas como “provas” em certos processos).

Encarte 41

Usar um gravador

Tratemos inicialmente da questão do equipamento. É imperativo que compre um gravador. É, como seus cadernos e blocos de notas de campo, seu principal instrumento de trabalho. É “seu” gravador; deve conhecer bem seu funcionamento para evitar maus usos. Evite parafernalias eletrônicas. Compre aparelhos simples e robustos. Como o mercado de gravadores é pouco promissor, o material tende a ser cada vez menos confiável e cada vez mais frágil. De nada lhe adianta deixar-se levar pela última moda tecnológica, os de “sistema ativado por voz” que permitem só gravar a voz e cortar os silêncios, nem ter gravadores em miniatura pouco práticos para uso.

Não precisa disfarçá-lo para o entrevistado e, por isso, seu tamanho pouco importa. Ao contrário, escolha aparelhos simples de usar e de manusear. Pegue um com visor de bateria que lhe indicará a carga das pilhas. Veja que irá manusear muito as fitas; escolha, pois, as de boa qualidade (as de uma hora e meia são melhores que as de duas horas). Durante a entrevista verifique com uma olhadela se a fita está girando, que a bateria está carregada. Em caso de falha, não titubeie e peça pausa para pôr pilhas novas (que terá trazido por precaução); se detectar outra falha, se não funciona, peça que alguém lhe empreste outro aparelho para terminar a entrevista.

Não exagere, no entanto, a dificuldade do exercício, pois nem todos os pesquisados têm medo de ser entrevistados; muitos não lhe dão a mínima importância. Alguns lhe dirão: “vamos em frente, não tenho nada a esconder”. Outros terão reações divertidas (um casal de operários nos diz, rindo: “Vocês vão colocar-nos dentro da caixa”, olhando para o gravador). Outros simplesmente perguntam o que irá fazer com a fita e a gravação. São, sobretudo, as pessoas que exercem posição de poder ou de responsabilidade que mostram-se reticentes ou hostis.

Conselhos

Para tranquilizar os entrevistados, lembre-lhes que garante o respeito ao anonimato dos nomes, de lugares e de pessoas (o que fará por ocasião da publicação). O melhor a fazer é não dramatizar a tarefa. Não anuncie solenemente, mal se sentaram em torno à mesa, que irá gravar. Nem faça também como se isso não mereça discussão; não force a passagem, pois reforçaria a desconfiança prévia de certos entrevistados ou despertaria

temores inexistentes no início. Faça de modo que tudo se passe da forma mais natural possível. Uma vez em torno da mesa, espere um pouco antes de mostrar os equipamentos (o gravador, as fitas), converse um pouco, detalhe sua pesquisa, seus objetivos (a que isso vai servir?); lembre a importância para seus estudos. Assim, vocês vão se conhecendo, como num primeiro encontro e, sem perceber, começou a entrevista propriamente dita.

O entrevistado está em seu papel. Peça-lhe, então, em tom desprendido, para gravar, como se fosse algo já dado, uma simples formalidade a preencher (“Gravar lhe incomoda?”). Pode justificar também de um ponto de vista prático (“isso evita ter que tomar muitas notas e poderei escutá-lo melhor”). A experiência mostra que existe resistência quando você faz o pedido de gravar de forma muito solene, ou que dramatiza o procedimento. Vá com calma, suavemente (cf. Encarte 42), sem ser brusco com os entrevistados e sem fazer disso uma questão vital. Em caso de resistências ou de recusas de gravação, não inicie de imediato. Tome o tempo necessário para explicar a importância (para você, para seu trabalho) da gravação. Lembre uma vez mais a regra do anonimato etc. Se isso não bastar, insista mais um pouco, preste a se colocar na situação de um aluno que faz o que lhe dizem que faça (“meu professor quer que isso seja gravado”). Pode, até, propor que guardem a fita que transcreeverá de imediato, no local. Após ter “sido” “vencido”, resigne-se, com dor no coração, a não gravar, sabendo que sua entrevista sairá empobrecida por isso.

Encarte 42

História de uma “gafe” de gravação

Realizamos a dois uma entrevista com um conselheiro de orientação em seu lugar de trabalho na grande sala de recepção do CIO (Centro de Informação e de Orientação). Os conselheiros têm por hábito receber ali os alunos que vêm seguidamente acompanhados por seus pais, seus irmãos e suas irmãs ou amigos. Nossa mesa está um pouco afastada, longe dos olhares. A entrevista começa rápido. Quando nosso colega inicia a discussão, colocamos o gravador diante de nosso interlocutor. Para não interromper a discussão fazemos sinal de que vamos gravar. Nosso pedido parece ter sido aceito. Mas ao cabo de três quartos de hora de entrevista ele percebe, pela luz vermelha do gravador que nós gravamos seus propósitos. Pede que interrompamos a gravação e nos reprova por termos tentado gravá-lo sem que o soubesse. Ofendido, contesta nossa maneira de fazê-lo. Confusos, afirmamos nossa boa-fé, tentamos desfazer o mal-entendido, discutimos passo a passo para convencê-lo de nossas boas intenções. Claro que a entrevista foi posta entre parêntesis. Nossos argumentos não o convenceram. Ele suspeita que tenhamos o tempo todo tentado arranjar uma emboscada. Explicamos nosso método de trabalho. Lembramos-lhe que sempre avisamos que “vamos gravar”. Nada adianta. Ele pega a fita do “delito”. Nós nos separamos não muito orgulhosos de nossa “gafe”. Lição que aprendemos. É melhor avisar duas vezes que a entrevista é gravada do que só uma.

Conduzir o intercâmbio

A melhor preparação à condução das entrevistas continua sendo aquela que consiste em ver longas entrevistas publicadas em revistas de sociologia ou em livros que relatam pesquisas de campo (cf. Bibliografia). Com isso aprenderá progressivamente a arte e o jeito de fazer entrevistas por mimetismo. Preste atenção à forma como o sociólogo põe as questões, “relança” seu interlocutor. Você encontrará ali os “truques do ofício” não explícitos mas legíveis nas entrelinhas. Leia, também, com atenção, a apresentação e o comentário (os dois, muitas vezes, estão entremeados) da entrevista. Por fim, saiba que cada um conduz a entrevista em função de seu estilo e de sua personalidade.

Gerir o tempo de uma entrevista

Uma entrevista aprofundada comporta diferentes fases; nunca é linear e nem se faz num mesmo ritmo. Sempre é preciso um período de “aquecimento” mais ou menos um momento importante. Você nunca fica muito à vontade, nem o entrevistado. No entanto não dramatizemos esse tempo. Ao fazer sua questão inicial (COMBESSIE [59]), seja simples. Peça às pessoas que falem. Não há regra absoluta, mas o entrevistado precisa sentir-se guiado a um campo conhecido. Como veio vê-lo para abordar com ele seu assunto de pesquisa, comece diretamente por evocá-lo.

⊗ Comece, por exemplo, por uma marcação histórica (“Você me contou que é responsável por esse clube de judô [ou outra *associação qualquer*] desde 1982, é isso mesmo? pode dizer-me como chegou a exercer essas funções...”) e, assim, deu-se a partida; a trama da entrevista está feita; siga o fio do entrevistado; quando esgotou esse filão, passe aos seguintes em função do que lhe foi dito.

No início do seu “campo” não hesite em deixar claro a seus interlocutores que acabou de “estar iniciando a pesquisa”. Peça-lhes que o ajudem nesse empreendimento (“Apenas estou dando os primeiros passos”). Vou fazer-lhes algumas perguntas um pouco “ingênuas” etc.); faça mais que o possível para precisar os fatos que lhe contam (nome de lugar, de pessoa, de empresa, de associação...); seus interlocutores terão prazer em explicar-lhes o que você não conhece ou compreende mal; encoraje-os a desempenhar o papel de informante em seu projeto; de colocar-se na função de quem lhe ensina alguma coisa. Nesse estágio da pesquisa, pode fazer-se de “ingênuo” (mas sem exagerar – é claro –, pois está ainda na fase de aprendizagem do campo). Graças à sua posterior familiarização chegará, passo a passo, a conhecer as tramas e os temas que fazem os pesquisados reagirem sistematicamente e fazerem entrevistas mais “ousadas”.

No decorrer da entrevista alternam-se fases bem chatas “informativas” com outras mais densas em que o pesquisado se põe, às vezes, de forma brutal, a falar de si mesmo e a relembrar seu histórico pessoal. Tudo isso não acontece de repente; é fruto de seu trabalho preparatório. Você soube gerar confiança; mostrou-lhes que os “compreende” (BOURDIEU [77]), que não os está julgando. A partir disso terão confiança em você. Mas, para consegui-lo, é importante fazer durar a entrevista.

Sempre há um momento, após uma hora ou uma hora e meia, duas horas de entrevista, em que seu interlocutor se empolga com a discussão e esquece o quadro formal dela; fica com vontade de continuar indo ao fundo de seu pensamento e de “se abrir com-

pletamente”; a essas alturas já se esqueceu do gravador e está solto; como se diz no esporte, em rodagem livre (completamente solto). O entrevistado põe-se a dizer-lhe coisas que jamais diria no início da entrevista. Esses últimos momentos são sempre os mais ricos, os mais pessoais; tudo se passa como se o pesquisado, sentindo chegar o fim do intercâmbio, sentisse necessidade de se abrir e de revelar, no último momento, coisas que, posteriormente, se arrependeria de não ter falado. É muitas vezes o caso, ao final da entrevista quando se desliga o gravador. Você sinaliza a seu interlocutor que a entrevista acabou e que não poderá acrescentar mais nada. É então que ele se lembra de ter esquecido de falar isto ou aquilo e, é claro, que tal coisa é muito importante, sempre, e que tal esquecimento é muito significativo. Nessa hora, pense em ligar de novo o gravador.

Conselhos

Uma entrevista deve, já de saída, estar *centrada* sobre um único ponto: o entrevistado deve saber, logo de início, para onde você vai. Alerta-o sobre o fato que, num primeiro momento, irá falar com ele de tal assunto (seu engajamento em tal associação, seu ofício, sua atividade esportiva etc.). Uma entrevista não-diretiva não quer dizer entrevista anárquica. Você deverá, na medida do possível, *conduzir* a entrevista, imprimir-lhe uma direção. É preciso que o entrevistado se sinta um pouco guiado. Não lhe dê de pronto todo o espaço; mantenha-o numa direção que, aos poucos, você irá alargando. Você pode aceitar, num primeiro tempo, seguir o “primeiro fio” que o entrevistado for desenrolando.

O que é preciso evitar, acima de tudo, é querer interpretar ao mesmo tempo que põe a questão; colocar questões de opinião ou questões muito factuais podem constranger o entrevistado, se não souber respondê-las. Ele terá a impressão de ter sido pego em erro, de não “ter respondido bem” (cf. Encarte 43).

Para “dar um novo estímulo” ao interlocutor durante a entrevista, o princípio básico consiste em apoiar-se sobre o que ele acaba de dizer, seja retomando uma de suas expressões para que precise mais ou explicita, seja prolongando o sentido de seu propósito e suscitando sua adesão. Ele lhe dirá: “Tá aí” “certamente”. “Sim, é exatamente isso”, “você me entendeu totalmente”. Dessa forma, você dá uma série de pequenos passos que levarão a uma entrevista frutuosa. O essencial está em não cortar seu interlocutor para impor o seu ponto de vista em detrimento do dele. Aí também, arme-se, sobretudo, de bom senso sociológico, pois não é você que interessa na entrevista, é o entrevistado. Egocêntricos que se abstenham.

Siga suas questões, prolongue-as sempre com questões precisas para “retomadas” e, preciso, numerosas. Faça explicitar, faça com que o entrevistado precise as coisas, para que as entrevistas não sejam vagas demais e pouco claras. Evite sobretudo ficar passando de um tema a outro, pois isso o privará de informações factuais essenciais e desestabilizará seu interlocutor que, num dado momento, não saberá mais “em que pé começar”. Para que o entrevistado entre no jogo da entrevista é preciso levá-lo a seguir seus passos e dar-lhe a impressão de que o está escutando seriamente, que ele se sinta ouvido”. De outra forma ele abandonará a partida...

Encarte 43

“Apresentar-se”: um saber social

Apresentamos aqui alguns trechos de uma entrevista realizada por uma estudante de segundo ano de Deug de sociologia com uma senhora de 68 anos, nascida em Portugal e que veio para a França com dois anos de idade. No contexto de um curso de sócio-história da imigração, cada estudante deveria realizar uma entrevista com um imigrante, centrada na sua trajetória de vida.

Apesar de não ter sido solicitado, certos estudantes pediram a seus interlocutores para “se apresentar”.

– *Bom dia.*

Maria – Bom dia, vamos lá...

– *Apresente-se... Dê duas ou três características de sua personalidade.*

Maria – Tenho 68 anos, nasci em Portugal numa cidade chamada Sinca, no Algarve, no sul de Portugal... (hesita) (silêncio).

– *Simplesmente, se tivesse que definir-se...*

Maria – (hesita) Sei não (hesita de novo) (risos) (silêncio). Bem... trabalhadora... nervosa (corrige-se) não, não sou nervosa... não tão nervosa, finalmente. Não sei me definir... obstinada (silêncio).

Obstinada?

Maria – Obstinada, sim... (silêncio)

– *Qual seu país de origem?*

Maria – Portugal

Este breve trecho mostra bem que tal “receita” pode gerar mal-entendidos, linguagem desencontrada. “Apresentar-se” a um pesquisador não é algo natural, nem fácil para todos pesquisados. Para responder a essa solicitação direta é preciso ter recursos, um saber social como, por exemplo, o hábito de falar de si ou de “abrir-se”.

Ao pedir a essa senhora, de repente, que se apresente logo ao início da entrevista deixou-a num grande embaraço. Desmontada por essa entrada e posta na defensiva, a entrevistada só conseguiu, de início, refugiar-se no silêncio. Ao mesmo tempo, a “gafe” da pesquisadora produz informações interessantes: apresentação de suas qualidades morais (“trabalhadora”), hesitação para definir-se por seus traços de personalidade “negativos” (“nervosa”), autodefinição corrigida de imediato por um traço de caráter valorizado como “positivo” (“obstinada”)...

Criar clima de confiança

Em entrevista etnográfica, não basta ser um entrevistador brilhante, atento, neutro, que ajuda o pesquisado. Não se deixe paralisar por essa noção de “neutralidade” do pesquisador. É preciso, de início, ganhar a confiança dos entrevistados. A entrevista não é uma relação de sentido único. O entrevistado pode transformar-se no entrevistador (como o observado, em observador). Não se espante, pois, se for muitas vezes convidado, por ele, a dar seu palpite (“mas, você, o que pensa a respeito?”).

Ser-lhe-á difícil escapar desses pedidos. Será também levado a confortar o ponto de vista de seu interlocutor. Não hesite, por exemplo, a dar de forma, mais ou menos extensiva, sua aprovação aos propósitos do pesquisado. O essencial, num primeiro momento, é *suscitar a confiança* de seu interlocutor, pronto a concordar com propósitos que podem, por vezes, chocar a você enquanto indivíduo ou enquanto cidadão. Suspenda temporariamente suas opiniões pessoais. Busque antes alimentar a troca, pois há uma parte de “jogo” na entrevista. Se for direto demais, franco demais, a entrevista fica bloqueada e corre o risco de parar. É, finalmente, uma situação não tão distante da vida real, em que não passamos todo tempo em disputas.

A prudência tática que deve adotar não quer dizer também que deva sistematicamente aprovar todos os propósitos que lhe apresentam. Nos primeiros momentos da entrevista deixe o entrevistado desenvolver seu ponto de vista por tempo mais ou menos longo, mas há sempre um momento em que você deve “retomar o controle”, aprofundar questões, esclarecer coisas deixadas obscuras, fazer dizer o que o entrevistado disse antes, com meias-palavras. Uma vez a entrevista bem lançada e estabilizada, você tem o direito de retornar a coisas que lhe ficaram obscuras. Não hesite em dizer que não compreendeu tal afirmação nem em pedir esclarecimentos. Busque iluminar certo número de fatos passados em silêncio, esclarecer contradições que pôde localizar nos propósitos de seu interlocutor. Ele não é personagem sagrado. Pode pedir-lhe, com educação e com calma, que se explique melhor e, portanto, que explique melhor para você.

Não seja, pois, passivo, do tipo “sim – sim”, na entrevista. Seja progressivamente ativo, pondo questões cada vez mais precisas, seja fazendo sinais de aprovação, de surpresa, de compaixão, de espanto. Não se prive do arsenal de meios verbais e não-verbais para gerir a distância e a proximidade com o pesquisado.

Exemplo

Quando você está colocado muito longe de seu interlocutor (na outra ponta da mesa ou numa poltrona muito fofa distante) não hesite em se aproximar fisicamente dele. Essa forma mostra sua intenção de ouvi-lo melhor e de prestar uma atenção acurada a seus propósitos. Pode, ao contrário, ajeitar-se mais para trás na poltrona marcando distância. Aprenda a jogar plenamente esse jogo do perto e do longe mostrando alternadamente seus próprios sentimentos de surpresa, de falsa ingenuidade, de sincera empatia. Cabe a você adaptar-se à situação e a seus interlocutores, suscitar-lhes simpatia.

No caso das entrevistas com pesquisados que não se sentem bem face a face com você, cabe-lhe grande parte do trabalho de fazer desaparecer o sentimento de depreciação que podem sentir quando falam com você. Há diferenças significativas de registro de linguagem entre o início da entrevista em que o pesquisado se esforça para “falar” bem e o fim ou o meio da entrevista onde o pesquisado, em clima de confiança, se deixa avançar e reencontra seu registro habitual de linguagem. Você pode acompanhar essa variação do registro de linguagem no curso da entrevista dando pequenos sinais de convivência e de compreensão para facilitar essa lenta transição.

Efetuar um trabalho de interpretação

Existe uma dimensão essencial da conduta de entrevista presente em filigrana nos desenvolvimentos precedentes: o fato de você, durante a entrevista, não parar de fazer (mini) *interpretações* sobre o que acaba de ouvir. Tal trabalho você o faz durante a entrevista e exige muita atenção. É preciso estar sempre na espreita do menor indício, da menor informação sociológica verbal ou não-verbal (caretas, suspiros, olhares para o céu, mímicas que suprem ou acompanham os propósitos do pesquisado). Grave-os mentalmente e use-os quando for a ocasião para avançar suas investigações sobre a personalidade social do entrevistado. Quando já tiver feito várias entrevistas sobre o mesmo tema, terá acumulado um certo saber. Terá notadamente aprendido a localizar os temas que “têm futuro”, que permitem lançar os pesquisados a questões que lhes interessam de perto. Ao acumular assim, ao longo da entrevista, um certo número de indícios sociais, pode começar a fazer “fazendo” um certo número de “aproximações sociológicas”; a prever futuros resultados e, assim, “testar” a probabilidade de respostas a algumas de suas questões. Uma vez seguro de um certo saber acumulado de sua pesquisa, pode arriscar-se a sugerir interpretações a seus interlocutores: eles podem estar de acordo com você ou contestar sua interpretação; isso permitirá relançar o “debate”. É claro que suas diferentes intervenções devem ser sob medida e não na forma de um “ataque” contra seus interlocutores.

Busque, pouco a pouco, localizar os temas que provocam reações (positivas ou negativas, tanto faz) em seus interlocutores, temas que já existem no meio pesquisado e você só está reavivando com suas questões. Por exemplo, tudo que diz respeito a conflitos, a atritos, a antagonismos etc. que agem como reveladores de pontos de vista diferentes sobre um mesmo problema.

Orientar a entrevista

Conduzir a entrevista é também, por momentos, retomar seu primeiro desenvolvimento, dar-lhe nova direção, mais ajustada à sua linha de pesquisa; você pode “interromper” (dando-lhe formas) seu interlocutor quando seu relato lhe parece ser “tagarelice” (por exemplo, histórias sem fim sobre doenças...). Em meio a outras formas possíveis de orientar a entrevista, lembremos aqui o cuidado a ter no recolhimento, de um lado, de narrativas práticas (do cotidiano) e de dados objetivos que dizem respeito ao pesquisado e seu entorno.

Interrogar sobre práticas

Você busca conhecer o ponto de vista dos entrevistados fazendo-os contarem e descreverem suas atividades, seu cotidiano; o que eles pensam de tal ou qual coisa – suas “opiniões” – só tem valor e sentido a partir de suas práticas. É inútil, pois, começar com questões do tipo “o que pensa de tal ou qual coisa? se previamente não fez com que seus entrevistados descrevessem suas atividades. Não lhe faça, também, questões muito amplas e distantes de suas atividades corriqueiras, pois terá respostas genéricas, pouco concretas. Tenderão a falar “em geral”, não na primeira pessoa. Convide-os a *falar do que fazem* (ou que fizeram). Terá em troca narrativas de atividades, ações, estocará

fatos, histórias vividas. Agindo assim, você se outorga meios de controle, operando recortes e permite tornar perceptível a coerência das práticas entre si, religiosas e políticas, práticas no trabalho e práticas domésticas, culturais e educativas etc. e, mais tarde, a coerência entre práticas e opiniões.

Exemplo

Os professores do ensino fundamental manifestam clara reticência ao falar de suas práticas profissionais ordinárias. Preferem, de imediato, evocar questões "intelectuais" em pedagogia, psicologia (da criança ou do adolescente) e sociologia – a relatar com detalhes os encargos de seu ofício como dirigir-se aos alunos, falar em classe, fazer manter o silêncio, estabelecer um clima de trabalho, recompensar, repreender ou castigar os alunos, corrigir os trabalhos, dar notas (por escrito ou oral), enfim, tudo que constitua o aspecto menos gratificante da tarefa (e, no entanto, essencial). É preciso, então, uma intervenção ativa do sociólogo e o estabelecimento de um clima de confiança para levar os pesquisados a refletir sobre tais práticas. A situação de entrevista é, desde o início, assimilada por eles como uma discussão entre "intelectuais" que não difere muito daquelas que formam a trama da sociabilidade ordinária de professores de colégio; essa definição da situação excluía, portanto, falar de coisas tão simples e materiais quanto suas condições de trabalho ou de remuneração. Tal postura é encontrada em porta-vozes autorizados, como os militantes políticos ou sindicais que – em razão de um efeito de aculturação ligado aos diferentes mecanismos de aprendizagem das atividades militantes e a seu pendor social ascendente – têm tendência a falar numa linguagem emprestada, que tem sua fonte no registro das suas leituras sindicais, propósitos que funcionam como discursos de fachada, que são utilizados para evitar falar de práticas sociais ordinárias (cf. Encarte 44).

⇒ **Conselhos.** Para obter narrativas de práticas (do cotidiano):

- Abandone toda postura teórica, use palavras simples, faça descrever, não tema ser *muito prosaico*. Peça informações triviais especialmente quanto a tudo que pareça ser evidente para os pesquisados. Não hesite em ser curioso, mesmo com risco de parecer indiscreto, mormente quando fala de dinheiro. Em vez de detalhes sobre o salário, pergunte pelo preço das coisas (da locação, da casa, do custo das férias, da matrícula). Isso faz parte integralmente da vida cotidiana de inúmeros lares. Não se esqueça.

- Não hesite em pedir aos entrevistados que contem histórias. Elas situam, de imediato, a entrevista no centro das *práticas sociais* porque elas fazem os entrevistados dar vida a um certo contexto. A história facilita também ao interlocutor passar para um estilo direto. Dada sua aparente banalidade e seu caráter de sem importância ("você bem sabe, nada mais é que uma história"), autoriza o pesquisado a lembrar fenômenos de conteúdo sociológico sem medo de infringir o decoro social. Nesta ocasião, leve-o a dizer, com toda simplicidade, quem sabe até com toda ingenuidade, coisas que a censura social ordinária impede. Assim, a história é um bom revelador e analisador de situações sociais. Se conseguir um bom número, no bom momento e na linha direta do fio do discurso do entrevistado, terá boas chances de realizar uma rica entrevista. Enfim, as histórias permitem-lhe compreender rapidamente os componentes e os elementos ad-

Encarte 44**Breve inventário das práticas profissionais dos docentes**

Não lhes peça de imediato o que pensam da escola de hoje, pois é isso que eles tendem a fazer, a falar a partir de um ponto de vista generalizante (“de cima”), o de analista. Isso teria seu interesse, mas comece a tirar delas uma visão mais pé-no-chão, isto é, mais próximos de suas práticas profissionais. Fazer uma entrevista sobre o ofício de “professor” equivale a realizar um questionamento preciso e detalhado sobre suas práticas, tendo presente os temas centrais na sua cabeça. Eis alguns exemplos:

- a) *Emprego do tempo*: tipo de qualificação (certificado ou agregado)⁴; horas suplementares ou não, quais dias (ou meias jornadas) de trabalho no estabelecimento? Qual é a negociação da distribuição das horas de trabalho com a administração e os colegas (o privilégio dos “antigos” é, primeiramente, ter os melhores horários de trabalho).
- b) *As práticas pedagógicas*
- Dar aula: apresentação de si (roupas usadas no início e de fim de ano); jeito de falar, entrada em classe; os primeiros momentos da aula, alunos sentados ou em pé (por quê?), idas e vindas na classe, modo de perguntar aos alunos (encaminhamento ou não destes ao quadro), aprendizagem dos conhecimentos, regime das sanções (atrasos, faltas, como perceber um aluno que não trabalha, atitude em classe etc.).
 - Dar nota: quais os princípios da avaliação? “Nota” ou “conceito”? Variação do sistema de avaliação de acordo com classes ou instituições em relação aos colegas etc. Forma de correção dos trabalhos (em quanto tempo, forma de fazer anotações etc.).
 - Orientar: modo de ensinar sobre esta questão, participação ou não nos “encontros de orientação profissional”.
 - Pesquisa pedagógica: assinaturas de revistas, jornadas de formação, participação em oficinas pedagógicas relacionados à disciplina que ensina.
- c) *Relações com os colegas*: freqüenta ou não a sala dos professores (fumantes ou não-fumantes)? come no refeitório ou não? Só tem relações com colegas da mesma disciplina (alemão, francês...) ou com todos os colegas? ele os vê fora da escola, nas férias, nas noitadas “entre professores”?
- d) *Relação com os sindicatos*: é sindicalizado? Se sim, em qual Snes, Sgen, Snaic, FO, SUD Educação...?⁵ Participa da vida sindical (reuniões, confecção de panfletos)? Faz greve (regularmente, de tempos em tempos, em que ocasiões?)?
- e) *Relações com a administração*, com o CPE (orientador educacional), com os diretores das escolas.
- f) *Relações com os pais de alunos*: convoca-os quando há problemas com alunos ou evita-os?
- g) *As relações fora do trabalho*: gestão das relações com o cônjuge (sobretudo se não-docente), atividades culturais, férias, modo de educação dos filhos.

4. N.R.: Na França existem diferentes formas de se tornar professor; a “agregação” é o concurso que é o posto (e o salário) mais elevado na hierarquia. Seria algo como o cargo de professor “titular” (“agrégé” = agregado) nas escolas de ensino fundamental e médio. O professor “certificado” é aquele que passou no concurso comum para ser professor, o professor de base.

5. N.R.: Na França não existe unicidade sindical, portanto, em um mesmo estabelecimento os professores podem ser filiados a diferentes sindicatos.

acentes de uma situação social, o que o incitará a estimular seu entrevistado a dar mais detalhes sobre os elementos da cena contada (os atores, o lugar, o ambiente, palavras pronunciadas, as atitudes dos participantes). Estes elementos serão fonte de novas questões-hipótese. Se os entrevistados lhe contam espontaneamente estórias, não hesite em insistir para que *detalhe* extraindo todas as tramas dessa história. Isso pode tomar tempo (dez minutos, um quarto de hora ou mais) mas, *primo*, você não tem pressa e, *secundo*, é um tempo da entrevista bem empregado. Se forem reticentes ao contar histórias peça-lhes que sejam claros, que contem mais: "Não teria mais estórias sobre esse assunto?" (cf. Encarte 45).

Encarte 45

Uma historieta: a "batalha do pão" contra o supermercado

Por ocasião de uma longa entrevista de três horas de um estudante e nós mesmos com Lucette P. (operária aposentada, antiga delegada da CGT em seu setor na fábrica, que se tornou responsável pela associação dos locatários do bairro de habitações populares onde mora há trinta anos), diferentes temas estreitamente interligados em sua existência foram abordados: o trabalho na fábrica, o sindicalismo, o bairro, a família etc. No decorrer dessa narrativa aparece de forma onipresente a figura combatente de Lucette, a preocupação com a "luta", a preocupação com a "defesa" dos trabalhadores. Ao final da entrevista Lucette evoca, com detalhes, uma história que parece melhor definir o sentido de sua existência, de sua personalidade e da defesa coletiva de um grupo e de um bairro. É a história da luta que ajudou a se travar contra o supermercado vizinho, o (único do bairro) único fornecedor de pão desde o desaparecimento, há alguns anos, da padaria, para fazê-lo parar de vender "mau" pão. Ponta-de-lança da luta, Lucette conta-nos como conduziu a batalha do pão com sua família, mobilizando toda sua rede familiar (seus irmãos e irmãs, nos imóveis vizinhos cada um se revezando entre si, cedo, para ir buscar pão, de carro, no centro da cidade, incitando toda a vizinhança e sua rede a boicotar o novo pão do supermercado. Finalmente, a "luta" rendeu. Lucette e seus amigos conseguiram ganho de causa: a produção de um pão melhor pelo supermercado da cidade, fazendo retornarem seus antigos clientes. É verdade que é uma história, mas muito significativa do entrelaçamento das camadas sociais (famílias, bairro, política, relação com o dinheiro) e das lutas infrapolíticas que constituem a forma da politização em meios populares.

Coletar dados objetivos

O trabalho com entrevistas comporta um risco muito perceptível nos primeiros trabalhos dos estudantes: o de pôr na frente a "vivência dos pesquisados". Para fugir dessa facilidade do "psicologismo", use meios de objetivação: procure obter o máximo de dados objetivos - características sociais do pesquisado, o contexto da entrevista - que permitem controlar o ponto de vista subjetivo. Se não recolheu esses dados de si na entrevista, terá muita dificuldade para fazê-lo depois (salvo se fizer depois a pesquisa sobre a pessoa). Terá grandes dificuldades para interpretar tal material (capítulo 7).

Esse cuidado ad recolher esses dados objetivos (cf. Encarte 46) não deve levar a um interrogatório sobre a identidade de seu interlocutor. Se lhe pedir sucessivamente idade, origem social, estado matrimonial, trajetória profissional, correrá o risco de fixar-se nele e impedi-lo de se apresentar espontaneamente a você (o que é sempre uma boa informação sociológica). Aja de modo diferente, de forma mais diluída, coletando de forma esparsa ao longo da entrevista esses diferentes dados.

Exemplo

Não se deve terminar uma entrevista aprofundada sem conhecer a origem social do pesquisado. Caso esse dado não lhe seja fornecido espontaneamente na entrevista ou não seja conhecido de antemão, vire-se para relatar durante a entrevista. Isso incomoda porque tal questão é tida como indiscreta, própria da vida privada. Basta ajustar-se para que a informação seja obtida sem dificuldades demais. Se nenhum indício aparecer durante a entrevista, o que é raro, pode pedi-la por ocasião de uma nova questão, por exemplo se você fica sabendo que o avô dele era operário (agricultor, engenheiro) pode aproveitar o momento e perguntar mais adiante na entrevista, “e você, seu pai também era operário (agricultor, engenheiro)?” A questão se inscreve num contexto, se situa na linha direta da pesquisa e perde seu aspecto “privado”.

Encarte 46

As características sociais do entrevistado

Para obter o maior número de dados objetivos sobre a pessoa que está entrevistando não proceda com interrogatório direto (“Sua idade? Sua profissão?” etc.). Para começar você não está desprovido nesse domínio e pode conhecer certas questões (através de sua pesquisa de campo). Para aquelas pessoas que faltam informações coloque questões aqui e ali na entrevista; uma série de questões incidentes para, aos poucos, completar seu quadro de dados objetivos. Pode-se distinguir dados de base, dados de trajetórias e dados ajustados diretamente ao seu objeto.

Dados de base: são as variáveis sociodemográficas clássicas que figuram nos “blocos” das pesquisas por questionários: idade, sexo, profissão, estado civil, nacionalidade, lugar de residência e estado de ocupação, diploma, nível de estudos, nível de renda, número de filhos etc. do pesquisado. Se possível, recolher o mesmo tipo de dados para o cônjuge, origem social (por parte do pai ou da mãe), nível escolar.

Dados de trajetória: linhagem familiar (pais, avós e filhos).

Trajetória profissional, trajetória escolar, trajetória residencial. E, de acordo com o tema, trajetória esportiva e religiosa...

Dados ajustados a seu tema: se lidar com uma associação, data de entrada do pesquisado nela, número de adeptos, fontes de financiamentos, etc.

Em compensação, evite colocar essa questão à queima-roupa, mudando de assunto bruscamente e quebrando o ritmo da entrevista. Damos um exemplo caricato, com um objetivo pedagógico: uma pessoa que acaba de lhe falar por dez minutos de seu traba-

lho ou de sua paixão pela pesca, se você lhe pergunta à queima-roupa: "E, a propósito, o que faziam seus pais?" Isso soará falso, você bloqueará seu interlocutor. Apóie-se sobre o que lhe é dito no decorrer da entrevista para fazer as perguntas. Faça o mesmo exercício ou proceda do mesmo jeito com outros indicadores sociais, "sensíveis", para algumas pessoas: estado civil (divorciados, re-casados), nível de recursos, crenças religiosas, voto político.

Conselho

No próprio curso da entrevista tenha sempre em mente caracterizar o entrevistado como pessoa social captando todas as suas indicações corporais, de linguagem, cênicas, que apontam certos traços de sua identidade social. Essa busca de indícios objetivos faz-se no processo, no *andar* da entrevista, sem preocupação com formalização, no contexto dos diferentes assuntos que você abordará ao sabor do jogo natural das questões sucessivas. Sua preocupação, ao conduzir a entrevista, deverá ser a de recolher informações pertinentes sobre as principais características sociais ou culturais dos entrevistados no nível mais detalhado possível: história familiar do lado do pai e da mãe, trajetória escolar, profissional, residencial, filiação política e religiosa...

Não desdenhe desses conselhos nem os tome ao pé da letra. Use-os como maneira de refletir sobre o que fez durante a entrevista. Tenha o hábito de ter uma atitude reflexiva em relação ao seu trabalho de campo. Lembre-se também de que as entrevistas,

Encarte 47

Anotar após a entrevista

Uma relação de entrevista se constrói de ponta a ponta, desde o primeiro contato, e é fruto de reflexão permanente. A entrevista etnográfica não começa no momento da gravação da palavra do entrevistado. Começa bem antes, de fato, desde os primeiros contatos (firmados no local ou ao telefone), os quais deverá ter anotado em seu diário de campo. São já nas primeiras trocas que se define a situação de entrevista. Situação à qual será difícil retornar, mas que fala muito sobre a natureza de relação pesquisador/pesquisado.

Na medida em que o trabalho de análise e de interpretação de uma entrevista aprofundada começa bem antes da gravação propriamente dita, as condições de estabelecimento da relação de pesquisa são essenciais para reconstituir, se quiser-se compreender o desenrolar da entrevista, o que se passa *antes e depois* do momento da entrevista propriamente dita deve ser escrupulosamente anotado e analisado. É tão importante para a pesquisa quanto o que foi registrado.

Após a entrevista, isole-se em algum canto (seu carro, um bar na estrada de volta) e apóie-se sobre o fato que tem na memória como se desenvolveu a entrevista para anotar tudo que pôde lembrar da situação de entrevista. Essas notas de campo são preciosas. Elas o ajudarão a reconstituir o contexto em que ela se desenrolou. Anote também, "enquanto estão frescos", os diferentes momentos da entrevista retendo expressões que os marcaram.

longe de serem ilustrações de uma técnica aprendida em aulas, ou neste *guia*, são momentos sociais por vezes extraordinários. Nas entrevistas você irá encontrar e descobrir pessoas admiráveis que se revelarão sob nova luz. Poderá sentir grande prazer, guardar boas lembranças; certas entrevistas serão para você, à sua maneira, “acontecimentos”. Saiba, também, que esse prazer da entrevista é compartilhado com os pesquisados que também podem vivê-lo intensamente.

Conclusão

Pronto, o “grosso” do trabalho de pesquisa está feito e você deve estar dizendo que o “campo” acabou. Terá que voltar, talvez, momentaneamente, para completar suas informações, rever seus aliados, agora amigos. Mas, nessa hora, o mais importante resta a ser feito: dar um trato em seu material, classificá-lo e redigir. Para fazer isso é preciso cortar relações radicalmente com o campo, isolar-se um pouco do mundo e consagrar-se o mais possível ao trabalho de análise e de interpretação. Diga a você mesmo – e é muito importante psicologicamente – que seu material é o que é, apesar das lacunas, dos defeitos, de sua incompletude e de suas “gafes” (quem não as cometeu!). Diga que não vai poder mudá-lo, que não tem tempo e que o que está feito, feito está. Conseqüência: deve *se virar* com o que tem e não se preocupar com recomeçar a pesquisa. É o fantasma de todo pesquisador de campo: querer, sem cessar, recomeçar o experimento. É a tendência natural de cada um: desvalorizar ou invalidar o que está feito e até querer apagar tudo que foi feito. Aprenda a considerar que a pesquisa está *bela e bem terminada* e a trabalhar com essa realidade. Tal atitude de certeza terá a força de pôr fim às crises de angústia ligadas à síndrome do campo interminável. Poderá encontrar-se no essencial, submetendo seu material (em sua diversidade) a um tratamento intensivo, fazendo-o passar por várias interpretações, transformando os “defeitos” de pesquisa em forças, graças à relação reflexiva que irá manter com sua pesquisa.

É importante tratar bem depressa o material para poder, se for o caso, retomar a pesquisa, não para refazê-la, mas para verificar os detalhes que, após a interpretação, se tornaram crucialmente importante. Você deve se dizer que não parte do “nada” e que, se fez a pesquisa “como deveria ter sido feita”, tomando tempo para anotar todas suas interpretações todas as noites, já terá bem mais idéias que no início da pesquisa. Resta agora testá-las rigorosamente.